

Universidade de Lisboa



Do Desenho ao *Design*

No âmbito da disciplina de Oficina de Artes
(12.º ano)

Lúcia Barata Craveiro Nunes

Mestrado em Ensino de Artes Visuais

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
orientado pelo Professor Doutor João Paulo Queiroz

2015

Dedicatória

**Ao meu pai,
que, entretanto,
deixou de estar entre nós,**

Agradecimentos

À Professora Doutora Ana Cristina Fidalgo, Orientadora Cooperante, pela disponibilidade, compreensão e apoio, ao longo do estágio, aos alunos do 12º D e à Escola Secundária Campos Melo.

Aos demais professores da Faculdade das Belas Artes da Universidade de Lisboa que contribuíram, direta ou indiretamente, de forma positiva na minha formação académica.

À minha mãe, marido e filhos, pelo apoio e disponibilidade para ajudar, cada um à sua maneira mas todos de uma forma incondicional.

Por último, ao Professor Dr. João Paulo Queiroz, que se dispôs a orientar este relatório, agradeço a disponibilidade e prontidão com que sempre atendeu as minhas solicitações, as sugestões valiosas que apresentou e todo o apoio prestado durante a elaboração do relatório.

Muito obrigada a todos.

Resumo

Para além da análise à pedagogia e didática “**Do Desenho ao Design**”, título atribuído a este relatório, o presente texto menciona as atividades desenvolvidas durante a Prática de Ensino Supervisionado, no âmbito do Mestrado em Ensino das Artes Visuais do 3ºCiclo e Ensino Secundário do Instituto da Educação de Lisboa, em parceria com a Faculdade das Belas Artes da Universidade de Lisboa. O estágio realizou-se na Escola Secundária Campos Melo, na Covilhã, no ano letivo 2014/2015, na disciplina de Oficina de Artes (12º ano).

A proposta pedagógica é fundamentada na Metodologia Projetual de Bruno Munari, privilegiando a estratégia por etapas, de modo a entender o processo metodológico de um projeto. Os alunos são ainda estimulados em literacia visual. De acordo com o programa da disciplina, o objetivo é desenvolver a criatividade dos alunos, primeiro através do Desenho, explorando os elementos estruturais da linguagem plástica, depois pelo *Design*, tendo em conta conceitos inerentes de projeto/objeto.

O percurso adotado pela professora estagiária para a elaboração do relatório passa primeiro por abordar conceitos teóricos de Criatividade.

Na segunda parte do relatório é apresentada a Escola e seu funcionamento, e a caracterização da disciplina de intervenção, dando destaque à caracterização da turma interveniente. São apresentadas as metodologias utilizadas durante o processo ensino/aprendizagem e todas as planificações necessárias para o bom funcionamento das aulas, registos de observação direta, reflexões, avaliações e autoavaliações.

O principal objetivo deste relatório foi, desde o início do projeto de estágio, potenciar uma metodologia de trabalho de modo a incutir nos alunos práticas e hábitos metodológicos, orientar para a investigação teórica e prática na realização de projetos, sem negligenciar a criatividade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação artística, Desenho, *Design*, Criatividade, Metodologia Projetual.

Abstract

In addition to analysing the pedagogy and didactics of "From Drawing to Design", the title given to this report, this text mentions the activities developed during the Supervised Teaching Practice under the Master in "Ensino das Artes Visuais to the 3th Cycle and Secondary Education" from the Instituto da Educação de Lisboa, in partnership with the Faculdade das Belas Artes da Universidade de Lisboa. The internship was held in Escola Secundária Campos Melo, in Covilhã, in the academic year 2014/1015, in the subject of Oficina de Artes (12th year).

The pedagogical approach is based on Projectual Methodology from Bruno Munari, which privileges a strategy consisting of steps, so that the methodological process of a project can be fully understood. Furthermore, the students are encouraged in visual literacy. According to the program of this subject, the main aim the development of the students' creativity, first by Drawing, exploring the structural elements of the plastic language, and later by Design, taking into account the inherent concepts of the project/object.

The path chosen by the trainee Teacher to prepare the report was firstly to approach theoretical concepts on Creativity.

The second section of the report introduces the school and its functioning, and characterises the subject that was the object of intervention, emphasising the characterisation of the class that took part on the project. The methodologies used throughout the teaching/learning process are presented as well as all the necessary lesson plans for the proper functioning of classes are presented, as well as, notes recorded from direct observations, reflections, assessments and self-assessments.

The main aim of this report was, from the beginning of the internship project, to promote a work methodology that would instil in the students methodological practices oriented towards both practical and theoretical research in the development of projects, without neglecting creativity.

KEYWORDS: Artistic Education, Drawing, Design, Creativity, Projectual Methodology.

Índice

Introdução.....	1
a) Justificação do tema: DO DESENHO AO <i>DESIGN</i>	2
b) Conteúdos e estrutura	5
PARTE 1: REVISÃO TEÓRICA.....	6
CAPÍTULO I: A CRIATIVIDADE	6
I.1. Conceitos inerentes à criatividade	6
I.2. A Criatividade e a educação	8
I.3. A Criatividade vista como uma estratégia.....	13
I.4. A Criatividade, uma etapa da metodologia projetual	18
CAPÍTULO II: O ENSINO DAS ARTES	19
II.1. Oferta de ensino - Artes Visuais	19
II.2. Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais	20
II.2.1. Desenho A (10.º, 11.º e 12.º anos).....	21
CAPÍTULO III: DISCIPLINA DE INTERVENÇÃO	22
Introdução.....	22
III.1. Caracterização da disciplina de Oficina de Artes	22
III.1.1. Apresentação do programa de Oficina de Artes.....	23
III.2. Avaliação da disciplina	25
III.3. Sugestões metodológicas.....	27
III.4. Interdisciplinaridade da OFA com outras disciplinas	27
PARTE 2: PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	29
CAPÍTULO I: ESCOLA E COMUNIDADE	29
I.1. O meio envolvente	29
I.2. Caracterização da Escola Secundária Campos Melo.....	29
I.2.1. O fundador da escola	30
I.3. Funcionamento da escola.....	32
I.3.1 Constituição do Regulamento Interno	32
I.3.2. Estrutura hierárquica	33
I.3.3. Departamentos Curriculares.....	33

I.3.4. Corpo Discente	33
I.3.5. Corpo Docente e não Docente.....	34
I.4. Uma escola do presente para o futuro	35
I.4.1 Oferta Formativa da ESCM.....	36
I.4.2. Atividades de Enriquecimento Curricular	37
I.4.3. Sítios na Net	38
I.5. A escola e a comunidade	38
I.6. Infraestruturas e Recursos do Curso de AV	40
I.7. Caraterização do grupo 600 de AV	41
I.8. Caraterização da turma D, do 12.º ano de OFA.....	41
I.8.1. Reflexão geral da turma.....	48
Capítulo II: ATIVIDADES, RESULTADOS E REFLEXÕES.....	49
II.1. Planificação	49
II.1.1. Calendário das aulas de OFA	50
II.1.2. Planificação Anual.....	51
II.1.3. Planificação a Médio Prazo.....	55
II.1.4. Planificação da Unidade de Trabalho	58
II.1.4.1. Plano de Aula 1- 22/09/2014.....	59
II.1.4.2. Plano de Aula 2- 29/09/2014.....	62
II.1.4.3. Plano de Aula 3- 4/11/2014.....	65
II.1.4.4. Plano de Aula 4 - 5/01/2015.....	68
II.1.4.5. Plano de Aula 5 - 3/03/2015.....	71
II.2. Metodologia de ensino	75
II.3. Aulas lecionadas	76
II.4. Avaliação.....	96
II.4.1. Avaliação do Teste Diagnóstico – Proposta 1.....	96
II.4.2. Avaliação das UT do Ponto e Linha – Proposta 2.....	96
II.4.3. Avaliação da UT a Textura – Proposta 3	99
II.4.4. Avaliação da UT Projeto/objeto – Proposta 4	101
II.4.5. Avaliação dos conteúdos programáticos.....	103
II.5. Atividades extracurriculares	104
Reflexão sobre o estágio realizado	110
Considerações finais	112
Referências bibliográficas	114

Índice de figuras

Figura 1. Dimensões do desenho, Eileen Adams (2011).....	4
Figura 2. Áreas, Conteúdos e Temas	21
Figura 3. Competências a desenvolver (Gonçalves, Alírio, 2005)	25
Figura 4. Localização da ESCM em relação às outras escolas de ensino...	30
Figura 5. Área ocupada pela ESCM	30
Figura 6. José Campos Melo (Fonte: ESCM)	30
Figura 7. Escola Secundária Campos Melo (Fonte: própria)	32
Figura 8. Número de alunos distribuídos pela oferta formativa.....	34
Figura 9. Clubes existentes na escola (Fonte: ESCM)	37
Figura 10. Percentagem dos alunos que têm Internet (Fonte: ESCM)	38
Figura 11. Género.....	42
Figura 12. Idades dos alunos.....	43
Figura 13. Idades dos Pais	43
Figura 14. Habilitações académicas dos Pais	43
Figura 15. Situação face ao emprego	44
Figura 16. Número de irmãos	44
Figura 17. Disciplinas com mais dificuldades	45
Figura 18. Disciplinas com mais dificuldades	45
Figura 19. Disciplinas com negativas no ano anterior.....	45
Figura 20. Alunos que beneficiam de SASE	46
Figura 21. Curso/Profissão desejado(a)	46
Figura 22. Tempo casa-escola.....	47
Figura 23. Transporte casa-escola	47
Figura 24. Início da tarefa	78
Figura 25. Pintura a tinta da china	78
Figura 26. resultado final da 1ª fase	78
Figura 27. Esboços a lápis.....	79
Figura 28. Esboços a lápis.....	79
Figura 29. Estudos de claro-escuro, sombras.....	79
Figura 30. Estudos da forma, volume	79
Figura 31. Desenho 1 a tinta da china	79

Figura 32. Desenho 2 a tinta da china.....	79
Figura 33. Resultado final (desenho 1).....	80
Figura 34. Resultado final (desenho 2).....	80
Figura 35. Fase da pesquisa	81
Figura 36. Roteiro de exploração	82
Figura 37. Utilização de missangas e pedras coloridas.....	83
Figura 38. Utilização de brilhantes	83
Figura 39. Utilização de pérolas	83
Figura 40. Utilização de tinta acrílica	83
Figura 41. Qualidades expressivas, a cor	84
Figura 42. Qualidades expressivas. a forma	84
Figura 43. Qualidades expressivas, o volume	84
Figura 44. Qualidades expressivas, a cor, a forma e o volume	84
Figura 45. Aula expositiva sobre a temática da Linha	85
Figura 46. Estudos da Linha.....	86
Figura 47. Experimentação do traço.....	86
Figura 48. Trabalho final da Linha, desenho 1	87
Figura 49. Trabalho final da Linha, desenho 2	87
Figura 50. Trabalho final da Linha, desenho 3	87
Figura 51. Trabalho final da Linha, desenho 4	87
Figura 52. Exposição teórica sobre Texturas	88
Figura 53. Materiais: pérolas, correntes, tecido e tinta de óleo	89
Figura 54. Materiais: Materiais: tecido, linhas e tinta acrílica.....	89
Figura 55. Materiais: cola e papel de cozinha	89
Figura 56. Materiais: gesso e cola.....	89
Figura 57. Explicação dada pela professora.....	90
Figura 58. Trabalho final, tela 1	90
Figura 59. Trabalho final, tela 2	90
Figura 60. Trabalho final, tela 3	91
Figura 61. Trabalho final, tela 4	91
Figura 62. Exploração da criatividade usando a ferramenta <i>Mind Map</i>	93
Figura 63. Projeto de candeeiro	94
Figura 64. Material: poliuretano	94
Figura 65. Material: colheres de plástico	94

Figura 66. Material: tecido plástico	94
Figura 67. Objeto: Guitarra	95
Figura 68. Objeto: candeeiro	95
Figura 69. Objeto: Casaco	95
Figura 70. Objeto: Comoda, Cadeira, Candeeiro.....	95
Figura 71. Resultados obtidos quanto ao interesse, Proposta 2.....	97
Figura 72. Resultados obtidos quanto às dificuldades, Proposta 2.....	98
Figura 73. Resultados obtidos sobre a apreciação global, Proposta 2	98
Figura 74. Resultados obtidos quanto ao interesse, Proposta 3.....	99
Figura 75. Resultados obtidos quanto às dificuldades, Proposta 3.....	100
Figura 76. Resultados quanto à apreciação global, Proposta 3.....	100
Figura 77. Resultados obtidos quanto ao interesse, Proposta 4.....	102
Figura 78. Resultados obtidos quanto às dificuldades, Proposta 4.....	102
Figura 79. Resultados quanto à apreciação global, Proposta 4.....	102
Figura 80. Resultados obtidos em todas as Unidades de Trabalho.....	103
Figura 81. Cartaz de divulgação "Um Suspiro de Arte"	105
Figura 82. Colóquio organizado pelos alunos do 12.º ano de artes (Fonte: Professores do grupo 600)	106
Figura 83. Cartaz de divulgação da Exposição (Fonte: CMC)	107
Figura 84. Artigo escrito pela Professora Lúcia Craveiro.....	108

Índice de Tabelas

Tabela 1. Dez atitudes para o pensamento criativo (Siqueira, 2015).....	15
Tabela 2. Oferta Formativa, 2014/2015	36
Tabela 3. Gestão dos tempos letivos.....	50
Tabela 4. Gestão de aulas previstas para cada UT	50
Tabela 5. Planificação Anual de OFA, da ESCM, 2014/2015	52
Tabela 6. Planificação a Médio Prazo – 5/9/2014 a 16/12/2014.....	56
Tabela 7. Planificação a Médio Prazo – 5/1/2015 a 18/3/2015.....	57
Tabela 8. Planificação a Médio Prazo - 7/4/2015 a 5/6/2015.....	58
Tabela 9. Plano da Aula 1	60
Tabela 10. Calendarização do trabalho referente ao Ponto.....	64
Tabela 11. Plano de Aula 2.....	64

Tabela 12. Parâmetros de avaliação	65
Tabela 13. Calendarização do trabalho referente à Linha	67
Tabela 14. Plano de Aula 3	67
Tabela 15. Calendarização do trabalho referente à Textura.....	70
Tabela 16. Plano de Aula 4	71
Tabela 17. Calendarização do trabalho referente Projeto/Objeto	73
Tabela 18. Plano de Aula 5	73

Lista de anexos

Anexo I	Regulamento do Mestrado
Anexo II	Programa de Desenho
Anexo III	Decreto-Lei n.º 137 de 2012
Anexo IV	Contrato de Autonomia
Anexo V	Regulamento Interno
Anexo VI	Plano Anual de Atividades
Anexo VII	Projeto Educativo
Anexo VIII	Programa de OFA do 12.º ano

Lista de apêndices

Apêndice I	Fotos dos espaços exteriores e interiores da escola.
Apêndice II	Ficha individual do aluno
Apêndice III	Proposta 1_Diagnóstico
Apêndice IV	Proposta 2_Ponto e Linha
Apêndice V	Roteiro de Exploração
Apêndice VI	Proposta 3_Textura
Apêndice VII	Proposta 4_Objeto
Apêndice VIII	Grelha de avaliação e observação- Diagnóstico
Apêndice IX	Grelha de Observação e Avaliação – Ponto
Apêndice X	Grelha de Observação e Avaliação – Linha
Apêndice XI	Grelha de Observação e Avaliação - Textura
Apêndice XII	Grelha de Observação e Avaliação – Projeto
Apêndice XIII	Grelha de Observação e Avaliação – Objeto
Apêndice XIV	Fichas de autoavaliação
Apêndice XV	Grelha de Avaliação Final 1º Período

Apêndice XVI	Grelha_Avaliação_Atitudes_1º Período
Apêndice XVII	Grelha de Avaliação Final 2º Período
Apêndice XVIII	Grelha_Avaliação_Atitudes_2º Período
Apêndice XIX	Registos das UT
Apêndice XX	Ficha_ Controle_ data entrega
Apêndice XXI	Registo das notas finais
Apêndice XXII	Inquérito aos alunos

Lista de acrónimos

AV	Artes Visuais
CMC	Câmara Municipal da Covilhã
CQEP	Centro da Qualificação e Ensino Profissional
ESCM	Escola Secundária Campos Melo
EV	Educação Visual
GD	Geometria Descritiva
LSBE	Lei de Bases do Sistema Educativo
MEAV	Mestrado do Ensino das Artes Visuais
OFA	Oficina de Artes
PA	Planificação Anual
TI	Tecnologias de Informação
UBI	Universidade da Beira Interior
UT	Unidade de Trabalho

Introdução

O presente relatório de estágio, realizado no âmbito do Mestrado do Ensino das Artes Visuais da Universidade de Lisboa, teve início no ano letivo 2013/2014 e foi concluído no ano letivo 2014/2015.

O primeiro ano de mestrado conduziu à preparação do estágio, fruindo da oportunidade de consolidar e partilhar conhecimentos e fazer a aquisição de novas metodologias de ensino que certamente vêm auxiliar na organização da prática letiva.

O segundo ano do mestrado incidiu na prática pedagógica em contexto de sala de aula, da qual surgiu este relatório.

O estágio teve lugar na Escola Secundária Campos Melo, Covilhã, na disciplina de Oficina de Artes do 12º ano, sob a orientação científica do Prof. Dr. João Paulo Queiroz e da Profª Cooperante Ana Cristina Fidalgo, para a obtenção do Grau de Mestre de Ensino em Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário. O Mestrado é regulamentado pelo Decreto-Lei n.º74/2006, de 24 de março, que aprova o regime jurídico de habilitação profissional para a docência (Anexo I).

O estágio teve início em 15 de setembro de 2014 e prolongou-se até maio de 2015. Neste ano letivo, foram previstos 128 tempos letivos (45 min), dos quais 78 foram lecionados e orientados pela professora estagiária com a assistência da professora cooperante, onde desenvolveu 5 unidades de trabalho. A professora estagiária acompanhou o desenrolar dos trabalhos ao longo dos 3 períodos.

No desenvolvimento da Prática do Ensino Supervisionado, a professora estagiária participou em quatro reuniões: duas com o grupo de expressões da Escola Secundária Campos Melo e duas intercalares de direção de turma. Ainda prestou auxílio na organização das exposições realizadas com os trabalhos dos alunos. Foram ainda elaboradas várias planificações, grelhas de observação de aula, de avaliação e de autoavaliação, e fichas de informação/orientação para os alunos.

O objetivo deste relatório foi aprofundar a temática da investigação, de modo a contribuir para a valorização do ensino das Artes Visuais.

O método utilizado para a elaboração deste relatório assenta na consulta e revisão bibliográfica relacionada com o tema de estudo: **“Do Desenho ao *Design*”**. Sempre que necessário, foi debatido e obtidos esclarecimentos com professores que orientaram o mestrado.

a) Justificação do tema: DO DESENHO AO *DESIGN*

Este relatório tem por missão refletir acerca dos conhecimentos teóricos e práticos do desenho, a fim de o reconhecer como uma disciplina essencial para o desenvolvimento cognitivo da criança e do adolescente.

O tema do relatório **Do Desenho ao *Design*** reflete algumas considerações sobre problemáticas urgentes no Ensino Artístico, no contexto do projeto desenvolvido.

De forma resumida, podemos considerar o desenho, enquanto forma de comunicação através dos atos de representar, marcar, ordenar, traçar, dispor, uma prática realizada com caráter artístico, técnico ou recreativo. O desenho pode assim assumir um conjunto de características que resultam do pensamento crítico, da prática instrumental e do conhecimento.

No Relatório Spens de 1938 (cit. Read, 2010), sobre a Educação Secundária, consta a importância da prática do ensino do desenho, dizendo que

“O desenho é útil não apenas como meio de registar o que se vê - e de, nesta operação, desenvolver no aluno a faculdade de observar os pormenores com exatidão - mas também como meio de induzir o aluno a compreender o significado dos diagramas, mapas e planos...” (Read, 2010, p. 258).

Este relatório esclarece ainda quais as valências a que se deve atentar no ensino do desenho.

“...desenho à vista, desenho de memória, desenho geométrico, mecânico e design.” (Read, 2010, p. 258)

Segundo Edwards (1984, p.14), a prática do desenho é uma habilidade que pode ser aprendida e ensinada, basta “aprender a ver de certa maneira” o que nos rodeia.

Molina (2003) faz uma abordagem à representação do desenho como sendo o recurso mais natural no domínio do humano e que difere consoante o meio e cultura em que se insere. Assim, o autor associa o desenho

“...a ideia de que representação como sendo uma ação menos reflexiva do artista, porque é o mais manual, o mais mimético, que sobreviveu durante muito tempo ou ainda aquelas que eram considerados mais livres porque produziam provavelmente no campo mais profundo do conhecimento. Ambas as representações estão condicionadas por modelos de construção que moldam a nossa realidade e que os créditos determinam imagem do mundo na época de sua reprodução técnica.” (Molina, 2003, p. 12).

A ação do desenho requer a compreensão de um conjunto de componentes elementares que determinam os efeitos por eles criados, que Massironi (1982) distinguiu em elementos “primários” e “secundários”.

Dos elementos primários fazem parte as características referentes ao traço, ao plano de representação e à informação imediata causada por eles. Os elementos secundários resultam das ações tempo, espaço e cultura que influenciam o desenho, para além da personalidade e estilo do indivíduo.

Massironi (1982) procurou aprofundar estes componentes elementares de forma a incutir no desenho uma técnica essencial para a representação das diferentes necessidades de “expressão e comunicação”, indicando que

“Os elementos primários são estruturalmente fundamentais na procura do modo de construção da anotação gráfica...enquanto os secundários são o campo de pesquisa da história da arte...” (Massironi, 1982, p. 24)

A utilização do desenho como meio de comunicação abre caminho para uma melhor compreensão do mundo. A análise de quem observa deve ser detalhada para que o objeto seja apreendido na sua totalidade. Esta

observação desencadeia um processo no indivíduo que o vai levar à representação sob a forma de desenho do objeto alvo de análise e observação, e é através dele que se dá a produção do conhecimento. Um conhecimento completo do objeto e da realidade que o circunda, um conhecimento que pode ser utilizado quando o indivíduo necessitar dele transformando-o em competência.

Em 2011 a Professora Eileen Adams orientou o *workshop* intitulado “Desenhar desenvolve as capacidades cognitivas”, onde propõe três dimensões relativas à prática do desenho (Figura 1):

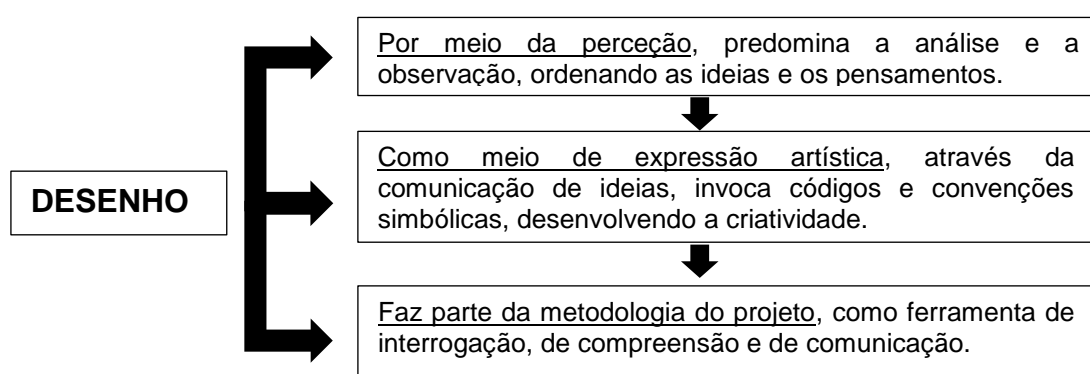


Figura 1. Dimensões do desenho, Eileen Adams (2011)

A função do desenho compreende, assim, a aquisição de uma literacia visual consistente porque conduz ao domínio dos instrumentos e técnicas da representação gráfica e, simultaneamente, promove a consciência crítica face à sociedade de consumo. Desenvolve a percepção visual e gera valores intrínsecos à criatividade e motivação.

Relativamente às dimensões do desenho onde nos posicionamos?

No desenho de expressão artística colocamos o enfoque no processo criativo, recorrendo às estratégias mais utilizadas em sala de aula: a criatividade e a experimentação. Quanto à metodologia de projeto, o desenho posiciona-se entre as ideias e as dúvidas, servindo-se da criatividade como meio para compreender, concretizar e comunicar os objetivos propostos.

Tomando como exemplo a importância deste tema, a professora estagiária propõe-se desenvolver a criatividade por meio do desenho, seguindo uma metodologia própria do *design*.

b) Conteúdos e estrutura

O relatório é composto de duas partes, cada uma com finalidades específicas, que respondem a diferentes necessidades.

A primeira parte destina-se à revisão teórica e a segunda é dedicada à Prática do Ensino Supervisionado do estágio. Sabendo que a primeira parte é subdividida em três capítulos. O primeiro é dedicado à Criatividade, tendo em conta os conceitos, a utilidade da criatividade na educação, a criatividade vista como estratégia e como uma das etapas da metodologia projetual. A existência deste capítulo justifica-se porque é uma das estratégias mais revelantes e fundamentais para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. O segundo capítulo descreve a oferta educativa referente ao Ensino das Artes Visuais em Portugal. O último capítulo, refere-se à caracterização da disciplina de intervenção no âmbito do estágio pedagógico, a Oficina de Artes.

A segunda parte do relatório de estágio divide-se em dois capítulos. No primeiro capítulo, caracteriza-se o meio envolvente, a escola e a turma de Oficina de Artes do 12.º ano. O segundo capítulo representa todo o trabalho desenvolvido na prática letiva. São apresentadas todas as estratégias utilizadas, atividades realizadas pelos alunos, resultados e reflexões. Juntamente com a professora cooperante são estruturadas todas as planificações necessárias para a prática letiva. A professora estagiária estrutura as unidades de trabalho para serem lecionadas e orientadas por ela. Durante e após a orientação pedagógica, são feitas reflexões, avaliações e tiradas conclusões acerca das atividades desenvolvidas não só pelos alunos como também pela professora.

O relatório termina com uma reflexão sobre o estágio pedagógico, onde se pretende tirar conclusões sobre o tema aprofundado.

No final surge a bibliografia, sem a qual este trabalho não seria possível de realizar.

PARTE 1: REVISÃO TEÓRICA

Nesta parte faz-se uma revisão dos contributos de estudos sobre a criatividade, que virão a ser úteis no desenvolvimento da prática supervisionada.

Capítulo I: A CRIATIVIDADE

I.1. Conceitos inerentes à criatividade

Etimologicamente, a palavra criatividade vem do latim *creare*, “criar”, ou seja, “erguer, produzir, inventar coisas novas” e relaciona-se com *crescere*, “aumentar, crescer”, do indo-europeu KER -, “crescer”.

A criatividade é um tema muito discutido entre historiadores, psicólogos, artistas, entre outros, originando concepções distintas.

No pensamento psicológico, Edward Lee Thorndike (1874-1949), terá sido o primeiro a formular uma teoria da aprendizagem, o associacionismo, que resulta de um processo de associação de ideias, das mais simples às mais complexas, emergindo assim nas diversas ações humanas. Posteriormente, Piaget (1896-1980) defende que o potencial criativo é desenvolvido naturalmente, e Vygotsky (1896-1934), através da sua obra “Criação e Imaginação”, indica que a imaginação é a base de toda a atividade criadora, manifestando-se em todas as áreas – científicas, técnicas e artísticas, independentemente da interação do sujeito com o meio sociocultural, e diz ainda que todo o homem pode ser criativo.

Sendo assim, a criatividade é um elemento comum a todas as áreas de ensino, mas é nas artes que ela é mais explorada, adquirindo um papel importante na sociedade. A definição de criatividade no meio educativo varia de autor para autor. Guilford (1968) refere-se à criatividade como

“Habilidades de produção divergentes, nomeadamente a sensibilidade aos problemas, a fluência, a novidade, a flexibilidade, a organização, e elaboração, redefinição e avaliação”. (Guilford, 1968 cit. por Barrett, 1979, p. 84)

Entre muitos testes realizados à inteligência, Guilford (1950, 1967) destaca o teste de pensamento criativo, chegando à conclusão que este

pensamento, também chamado de divergente, aceita a possibilidade de existir várias soluções para o mesmo problema e, contrariando o proposto pelo pensamento convergente, em que só é possível existir uma única resposta (Alencar, 2010).

Outros autores são de opinião que a criatividade é:

“Um processo de mudança, de desenvolvimento, da evolução na organização da vida subjetiva”. (Ghiselin, 1952, p. 2)

“Um processo que resulta em um produto novo que é aceite como útil, e/ou satisfatório por um número significativo de pessoas em algum ponto no tempo.” (Stein, 1974, cit. por Oliveira, 2002, p. 93)

“Um processo de tornar-se sensível a problemas, deficiências, lacunas no conhecimento; identificar a dificuldade, encontrar soluções, formulando hipóteses a respeito das deficiências; testar e retestar estas hipóteses; e, finalmente, comunicar os resultados.” (Torrance, 1965, cit. por Oliveira, 2002, p. 93)

As pesquisas realizadas por Sternberg e Weisberg indicam o relacionamento entre a criatividade e a resolução de problemas, que também foi confirmado por Claridge (Pereira, 1996), argumentando que o pensamento divergente é posto em segundo plano porque o pensamento criativo só é possível se combinado com processos lógicos.

Dado comum a todos os autores, o processo criativo é expresso numa continuidade de acontecimentos, do qual vão surgir os estádios sequenciais que identificam a criatividade. Também aqui existe contradições de autor para autor.

“Poincaré (1970) descreve os estádios sequenciais como identificação; clarificação; incerteza-maturidade; conhecimento-descoberta; racionalização-verificação.” (Barrett, 1979, p. 84)

Estas aptidões fazem parte da constituição cognitiva do ser humano que certamente vão contribuir para o desenvolvimento do pensamento criativo.

Lowenfeld (1969) identificou oito estádios, que apesar de serem semelhantes aos de Guilford, se identificam mais com o ensino da arte:

“Sensibilidade; fluência; originalidade; redefinir e organizar de novo; análise; síntese; uma coerência de organização, (Barrett, 1979, p. 85).

Para Lowenfeld, todos os problemas, mais ou menos complexos, passam por todos os estádios até chegarem ao estágio da solução criadora.

Refere ainda que:

“ O processo e a solução tornam-se parte do indivíduo e enriquecem e aumentam a sua capacidade de desenvolvimento”. (Barrett, 1979, p. 85).

Hoje, a criatividade tem um papel importante na sociedade e no ensino, face à diversidade de cursos e ao desenvolvimento do mercado de trabalho e às constantes mutações existentes e, claro, está expressamente envolvido na metodologia projetual, não só ao nível do *design* como também de outras áreas do saber.

É fundamental referir que todo o ser humano tem capacidade criativa suficiente para germinar “novas ideias”. No entanto, estas dependem e estão relacionadas com o meio em que o indivíduo está inserido, podendo os estímulos serem oferecidos, ou não, pelo meio. Hallawel (1994) também acredita que a criatividade depende do meio envolvente.

“A realidade de cada pessoa é moldada pela sua cultura, educação, experiência e personalidade, e é por isso que a realidade de cada pessoa é única”. (Hallawell 1994, p. 52)

I.2. A Criatividade e a educação

Após a leitura do relatório para a UNESCO elaborado pela Comissão Internacional sobre Educação para o séc. XXI (1996), verificamos a vontade

que já vinha expressa há algumas décadas por alguns autores: vontade em criar:

“Uma nova concepção ampliada de educação que devia fazer com que todos pudessem descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo – revelar o tesouro escondido em cada um de nós”. (UNESCO, 1996, p. 90)

A criatividade, enquanto processo de formulação de ideias, é essencial para o desenvolvimento cognitivo dos alunos bem como para o progresso cultural e social. O mundo da arte é por excelência o mundo da criatividade. A educação pela arte estimula a aprendizagem e a sensibilidade, contribuindo para o modo como aprendemos, como comunicamos ou como interpretamos os significados envolventes. Deste modo é necessário criar diferentes competências ao nível do pensamento, associadas à utilização dos próprios meios, implicando escolhas e resolução de problemas, intervenção e decisão.

É neste caminho de exploração de competências que emerge a criatividade, a imaginação e a inovação, mantendo uma forte relação entre elas.

“A imaginação é a característica que distingue a inteligência humana, a criatividade é a aplicação da imaginação e a inovação fecha o processo com o uso do juízo crítico na aplicação de uma ideia.” (Robinson, 2011, cit. por Roque, 2012, p. 29).

Tanto a criatividade como a imaginação nascem de uma ideia individual e pessoal, enquanto a inovação parte de um processo coletivo, que deve ser discutido em trabalho de grupo a fim de concretizar objetivos.

Em contexto de sala de aula o papel do professor é determinante no processo criativo. O fato de o professor adotar estratégias motivadoras que favoreçam a criatividade e eliminem as atividades de rotina, permite-lhe um maior sentimento de realização pessoal, e leva o aluno a um maior envolvimento no seu processo de aprendizagem, na realização de projetos que possam ser determinantes para o seu crescimento pessoal e social.

Nas escolas, a criatividade deve ser orientada através da descoberta, da experimentação e do poder de expressão, quer individual ou em grupo, tendo como resultado final a fruição da obra de arte.

Estando a criatividade intimamente ligada às artes, Hallawell (1994, p. 52) descreve que o processo criativo/criação da “obra de arte”, visual ou expressiva, evolui em quatro estados: “conceção, materialização, interpretação e reinterpretação”, isto é, primeiro surge a ideia, é concebida, materializada, e posteriormente interpretada. Por último, a “obra de arte” só se completa quando é reinterpretada pelo espectador. É este o papel da “Arte”, ser um estímulo em que o indivíduo consome e exercita determinados meios, expondo-os às suas sensações, emoções, sentimentos, aptidões, etc.

Nesta linha de pensamento, o professor deve proporcionar aos alunos recursos e instrumentos didáticos, criar um ambiente favorável, estimular a criatividade e a subjetividade, de modo a que estes possam realizar as atividades de uma forma livre e espontânea, através da experimentação, explorando novos conceitos, questionando, manipulando, ou seja, aprendendo de uma forma criativa.

Para justificar a importância do estudo da arte e da definição de arte, Read (2010) recorre a dois princípios fundamentais: a Forma e a Criatividade. O estudo da Forma depende do desempenho da percepção, que resulta da nossa atitude em relação a tudo o que nos rodeia, aos objetos e a todas as obras de arte. Na opinião de Read (2010, p. 49), “a forma deriva do mundo orgânico, e do aspeto objetivo universal de todas as obras de arte”.

Em qualquer obra de arte, a Forma está presente. Nela estão contidos todos os elementos mais básicos das artes plásticas: ponto, linha, plano, cor, entre outros, que têm como função criar uma composição harmónica e transformar um desenho em algo que agrada aos nossos sentidos. Quanto à Criatividade, esta envolve a função da imaginação que, segundo Read (2010, p. 41), é classificada em quatro tipos básicos: Pensamento; Sentimento; Sensação; e Intuição.

Esta função percetiva, própria da mente humana, proporciona a criação de símbolos, mitos e fantasias, cuja presença é reconhecida pela forma.

No que respeita aos docentes, o processo de ensino/aprendizagem vai depender das competências, habilidades e metodologias do professor ao expor a matéria de estudo. As pesquisadoras Oliveira e Freitag (2007) referenciam que:

“Ao docente, cabe uma postura investigativa e inquieta, no sentido de que este também se prepare e procure articular significados para o que será mostrado e trabalhado como obra artística contemporânea nas aulas de Arte.” (Oliveira e Freitag, 2007, p. 3)

Nesta perspectiva, espera-se que professor de artes adote uma postura recetiva relativa às artes. Aceitar a mudança, por mais difícil e custosa que esta se revele, é o primeiro passo na prática educativa, para além de estar predisposto a investir na formação contínua, devendo encontrar um caminho que o leve à evolução criativa.

Não obstante, a exploração que leva à evolução da criatividade implica a ocupação de tempo, vontade e disponibilidade dos professores e dos alunos. Porém, existe um programa a ser seguido que, por vezes, serve continuamente de argumento para que a exploração da criatividade seja deixada de parte. No entanto, é aqui que reside o papel ativo do professor, pois ele deve estruturar a sua própria estratégia de modo a incentivar os alunos a explorar a criatividade, devendo ainda ter em conta a especificidade da turma, podendo alterar essa estratégia em qualquer momento.

Em suma, a escola deve empenhar-se de forma sistemática e metódica no ensino da arte, de modo a facultar a todos os alunos a oportunidade de se desenvolverem nesta área. No entanto, a grande maioria das escolas não estão apetrechadas de uma maneira aceitável para o seu ensino. Também é importante referir que a própria sociedade está reticente em aceitar as artes plásticas como um futuro promissor, levando mesmo alguns pais a não deixarem os filhos prosseguir os estudos nas áreas artísticas, alegando que não terão um bom futuro.

No campo do *design*, Munari (1979) associa a criatividade ao trabalho do *designer* que resulta da capacidade produtiva entre a fantasia e a razão, a fim de serem possíveis de concretizar na prática; enquanto o artista

trabalha com a fantasia, capaz de inventar imagens mentais diferentes da realidade, o trabalho do *designer* resulta da capacidade produtiva entre a fantasia e a razão, a fim de serem possíveis de concretizar na prática.

É importante dizer que a criatividade faz parte do pensamento humano, porque não se pode privar o indivíduo de construir/desconstruir, destruir/reconstruir, produzir e aprender. A criatividade faz parte de si próprio, nasce e cresce independentemente do trabalho que exerça: ideias que nascem, experiências que se fazem, problemas para que se procura solução, tudo resulta numa busca de decisões criativas.

Muito ainda se poderia dizer acerca da criatividade como ponto fundamental para desenvolver o pensamento criativo. Partindo do princípio desta narrativa acerca do Desenho, julgamos pertinente abordar o método criado por Edwards (1984), que enfatiza que todo o indivíduo é portador de capacidades criativas, basta dotá-lo das ferramentas necessárias para desenvolver essa capacidade. Assim sendo, Edwards estabelece que

“Todo indivíduo é dotado de potencial criativo para exprimir-se através do desenho. Meu objetivo é proporcionar-lhe os meios de liberar esse potencial, de ter acesso, a um nível consciente, à sua capacidade inventiva, intuitiva e imaginativa – capacidade esta que talvez tenha permanecido dormente e inexplorada em decorrência de nossa cultura verbal e tecnológica e nosso sistema educacional.” (Edwards, 1984, p. 16)

Partindo das pesquisas sobre o cérebro, Edwards (1984), mostra que os hemisférios cerebrais têm funções diferentes. No livro “Desenhando com o Lado Direito do Cérebro”, a autora propõe uma série de desenhos que estimulam uma parte do cérebro, mostrando que a habilidade criativa provém do lado direito do cérebro, afirmando que é o “lado certo para o desenho”, (Edwards, 1984, p.16), e que o lado esquerdo é atribuído às habilidades analíticas e lógicas.

“Desta forma o indivíduo desenvolverá a capacidade de perceber as coisas de uma maneira nova, em sua totalidade, de descobrir configurações e possibilidades ocultas para novas combinações.

Soluções criativas para problemas pessoais ou profissionais tornar-se-ão acessíveis através de novas maneiras de pensar e novas formas de utilizar todo o poder do seu cérebro.” (Edwards, 1984, p. 16)

Após a verificação de que o método criado por Edwards é uma ferramenta útil para o ensino do desenho, deixam de ter sentido os estigmas criados: “não sei desenhar”, “não tenho jeito”. Utilizando este método, garante a autora, o desenho é uma habilidade que pode ser ensinada e aprendida, e que, depois de conquistada a parte criativa do cérebro, aprendemos aquilo que é fundamental para as artes visuais: como pôr no papel o que vemos diante dos nossos olhos. Depois, adquirimos a habilidade de pensar de forma mais criativa em outras atividades.

Conclui-se que toda a pessoa é criativa e capaz de se exprimir sob novas formas.

I.3. A Criatividade vista como uma estratégia

A noção atribuída à criatividade compara-se com a inovação, no entanto elas são bem distintas. Na atividade do *design* de projeto a criatividade e a inovação devem ser analisadas separadamente, no entanto ambas implicam um método. As características implícitas na criatividade como: originalidade, motivação, flexibilidade, associação de ideias, entre outras, podem ou não ser comuns às metodologias projetuais. No que refere às características associadas à inovação, estas prendem-se com as habilidades criativas, com a motivação e com a execução. A inovação dá origem ao processo de produção, ao desenvolvimento e à implementação de um novo produto (bem ou serviço), ou simplesmente melhorar esse produto, Siqueira (2015). O autor diz ainda que

“A inovação implica encontrar soluções criativas para as oportunidades que surgem de se fazer algo diferente e melhor, criando vantagens sobre os concorrentes.” (Siqueira, 2015, p. 14)

Ambos os conceitos determinam técnicas que desenvolvem o processo criativo em diferentes setores, tanto no académico como no empresarial.

No curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, a criatividade e a inovação estão no topo dos objetivos a serem desenvolvidos pelos alunos, possibilitando-os a enfrentar novos desafios, a desenvolver determinadas técnicas, a organizar a informação e a procurar a resolução de problemas de diferentes formas. Desta forma, para facilitar o desenvolvimento da criatividade, Siqueira (2015) apresenta oito técnicas e ferramentas essenciais para estimular e facilitar a criatividade: **Brainstorming; Mind Map; Listagem de Atributos; Nove janelas; Scamper; Positivo, negativo, interessante; Questionamento de suposições; e Pensamento Inventivo Sistematizado.**

No âmbito da prática pedagógica, a criatividade é uma das competências a desenvolver nas disciplinas do curso, fazendo também parte das etapas referentes à metodologia projetual. Das oito técnicas de criatividade referidas anteriormente, a professora estagiária, introduziu a técnica do **Brainstorming** (Alex Osborn, 1965) em sala de aula, explorando novas ideias e soluções. Esta técnica é das mais utilizadas na prática pedagógica, desenvolve-se em grupo, num ambiente de críticas e de novas ideias, ajuda na resolução de problemas ou situações até se encontrar a melhor solução. A partir do **Brainstorming**, chegamos a ideias de qualidade, resultado do trabalho em grupo. De acordo com esta técnica, a ordem de pensamento estruturada deve passar pelas etapas/estádios, referidas anteriormente em I.1, de forma a facilitar a resolução do problema, por exemplo: definir o problema; produzir ideias; apreciá-las; eliminá-las; registo de ideias finais e respetivas prioridades e formas de implementação e/ou resolução dos problemas.

Outra das ferramentas mais utilizadas em sala de aula é o **Mind Map** (Tony Buzan, s.d.). Esta resulta de uma reflexão individual, por parte do aluno, que pretende melhorar e organizar as suas ideias, de forma a facilitar e alcançar os objetivos propostos.

Esta técnica pretende melhorar a forma como registamos e organizamos as ideias, e ajuda claramente na procura da solução do

problema. Inicialmente, o indivíduo deve identificar, interpretar e perceber o assunto em estudo, ou seja, organizará e esclarecerá, na mente, as ‘peças’ de informação mais evidentes. O *Mind Map* é um recurso gráfico que pode incluir imagens ou fotografias, contendo informações relacionados com o tema inicial e suas conexões. Este tipo de organização de ideias é utilizado normalmente para sintetizar informações; confrontar com outras fontes de conhecimento; analisar os problemas; apresentar informações, mostrando a estrutura geral do assunto.

Em termos pedagógicos, o *Mind Map* proporciona a fluência de ideias e a originalidade; desenvolve a capacidade de divergência; contribui para a capacidade de memorização da informação; permite anotar facilmente as ideias; contribui de forma criativa para a realização de uma estrutura e para analisar de diversas formas um problema; favorece a identificação da origem dos problemas.

É relevante lembrar que a aplicação desta técnica (ou outras) de criatividade, em contexto de sala de aula, só é possível se o aluno adotar uma atitude que proporcione os desafios propostos. Só por si, esta técnica não é suficientemente capaz de desenvolver o pensamento criativo. Para ajudar a adquirir esta técnica, é necessário entender as atitudes mentais que estão por detrás do pensamento criativo, que nos levam a ver o mundo sob diferentes perspetivas e a perder o receio de caminhar no desconhecido.

Do ponto de vista de Siqueira (2015), a criatividade não se desenvolve somente por técnicas e habilidades, ela requer atitudes mentais que solucionam os problemas e as ideias. Desta forma o autor apresenta algumas atitudes mentais fundamentais do pensamento criativo, num indivíduo criativo (Tabela 1):

Tabela 1. Dez atitudes para o pensamento criativo (Siqueira, 2015)

1.Curiosidade	Atitude a ser estimulada. Predominante para que o indivíduo investigue, questione, procure saber, na tentativa de obter novas respostas.
2.Confrontando desafios	O indivíduo criativo enfrenta os desafios, tentando descobrir a forma de os superar e vendo em cada dificuldade uma oportunidade para desenvolver a criatividade.

N
a
base
de
toda
a
organ
izaçã
o
apres
entad
a
anteri
orme
nte,
as
várias
técnic
as e
as
atitud
es

3. Insatisfação construtiva	O sujeito criativo é capaz de perceber o que está errado à sua volta. Tal serve-lhe de motivação para fazer algo construtivo.
4. Mente aberta	Ser criativo pressupõe ter uma mente aberta, receptiva a novas ideias e fatos.
5. Flexibilidade	O indivíduo criativo é flexível na adoção de novas abordagens na resolução dos problemas. Gosta de ver as coisas de diferentes modos, gerando novas ideias.
6. Suspensão do julgamento	O ser criativo tem consciência de que as ideias nascem frágeis necessitando de tempo para se afirmarem. Só depois deverão ser julgadas.
7. Síntese	O indivíduo criativo tem a capacidade de se firmar nos pormenores sem deixar de lado o 'todo'. Por sua vez, a visão do 'todo', facilita a ligação entre informações e ideias aparentemente desconexas.
8. Otimismo	O otimismo é uma característica que ajuda na descoberta de soluções. Para as pessoas otimistas todos os desafios são suscetíveis de ser enfrentados e todos os problemas podem ser solucionados.
9. Perseverança	O sujeito criativo não desiste, é perseverante na procura de soluções, mesmo quando estas parecem difíceis de alcançar.
10. Eterno aprendiz	A criatividade surge de combinações aparentemente sem grande nexos. Estas ligações derivam das experiências do indivíduo. É o património cultural de cada um que dá um toque original ao sujeito.

referidas não são mais que estratégias.

Surge assim um novo conceito, a estratégia. Estratégia tem muitas terminologias mas, no campo da educação, a estratégia está associada às etapas do desenvolvimento curricular, sendo o principal ator nesta ação o professor.

“A estratégia enquanto conceção global de uma ação, organizada com vista à sua eficácia (...): o elemento definidor da estratégia de ensino é o seu grau de conceção intencional e orientadora de um

conjunto organizado de ações para a melhor consecução de uma determinada aprendizagem”. (Roldão, 2009, p.57)

Para Ribeiro (1992) a estratégia abrange atividades, tarefas e experiências de aprendizagem e Vieira & Vieira (2005) acrescentam técnica e métodos que sejam mobilizados no desempenho das tarefas.

Estas técnicas podem ser diferenciadas, desenvolvendo-se com recursos diversos de modo a concretizar diferentes atividades organizadas, mediante um objetivo. Na preparação das estratégias de ensino deve-se ponderar várias ações e questioná-las. Roldão (2009) justifica a preparação destas ações em duas fases. Numa 1ª fase temos questões relacionadas que envolvem o docente: **Como vou organizar a ação? Porquê a organização? Para quê? Para quem?** Numa 2ª fase prende-se mais com os objetivos: **Com que meios? Que tarefas? Em que ordem e porquê?** As estratégias adotadas são o principal recurso para o acesso à aprendizagem, desde que a escola se comprometa a assumir as prioridades que o definem. O professor cada vez mais decide e age, perante as diferentes situações, organizando e utilizando o seu conhecimento científico e educativo face à situação concreta mas seguindo sempre as diretrizes programáticas nacionais (Roldão, 2009).

O desenvolvimento de uma estratégia procura encontrar a melhor e a mais eficaz via para os alunos, em conjunto ou individualmente, para a aquisição dos conteúdos curriculares em determinados temas. Estes conteúdos podem ser cognitivos, conceituais, práticos, atitudes, metodologias, ou então uma combinação de vários tipos de aprendizagens.

Roldão (2009, p.66) aponta outros autores que classificam o conjunto de estratégias com base no princípio da realidade: “situações de vida real”, “simulação da realidade” e “abstração da realidade”. A utilização destas estratégias vai depender da intenção do professor: estimular ou desenvolver competências cognitivas; incentivar o pensamento crítico; ser criatividade.

I.4. A Criatividade, uma etapa da metodologia projetual

Partindo do princípio de que a criatividade é uma estratégia para atingir um determinado objetivo, também ela faz parte integrante do processo da metodologia projetual a que qualquer *designer* experiente deve dar particular atenção. É através do *design* que a criatividade se evidencia. Munari (1981) entende que

“O método projetual para o *designer* não é nada de absoluto nem definitivo; é algo que se pode modificar se se encontrarem outros valores objetivos que melhorem o processo. E isso liga-se à criatividade do projetista que, ao aplicar o método, pode descobrir algo para o melhorar.” (Munari, 1981, p. 21)

Como se pode verificar na apresentação dos métodos, referidos anteriormente, eles reúnem uma série de sugestões e técnicas que auxiliam a germinação de ideias e soluções. Estas não são mais do que técnicas relacionadas com a criatividade.

A partir dos anos 80, Alencar (2003) assinalou novas conjecturas que comprovam ser necessárias no processo da criatividade. Até aos anos 70, o objetivo era indagar o método de trabalho do *designer* e desenvolver programas e técnicas que estimulassem a sua criatividade. Posteriormente, os estudos de Alencar comprovaram que os fatores sociais, culturais e históricos influenciam, positivamente e negativamente há expressão criativa. Sob esta perspetiva, nomeiam-se alguns autores: Amabile, 1996; Feldman, 1994; Gardner, 1993; Gruber & Davis, 1988 e Simonton, 1994. Para os autores, a criatividade pode ser vista sob dois níveis: o individual e o social. O primeiro diz respeito à capacidade de resolução de problemas na vida quotidiana e o segundo relaciona-se com as descobertas científicas, invenções tecnológicas ou novos programas sociais.

Cabe finalmente referir as características cognitivas que distinguem um *designer* criativo de um menos criativo: a fluidez, a flexibilidade e a originalidade do pensamento. As capacidades de um bom *designer* residem na sensibilidade formal-estética, no que respeita ao tratamento de materiais e técnicas, assim como um acentuado espírito de observação. Quanto às

competências, Bonsiepe (1992) destaca, além da sensibilidade formal-estética, as habilidades de percepção visual, de questionar, formular e avaliar, habilidades que são inerentes ao pensamento criativo.

Comprova-se que são muitas as técnicas associadas à metodologia projetual, umas que apoiam a definição do problema, outras que exploram os atributos do problema, outras mais voltadas para o processo criativo, como a implementação de ideias e a procura de soluções; no entanto, todas elas estão interligadas com o processamento mental que facilita a criação, a imaginação e a inovação.

Capítulo II: O ENSINO DAS ARTES

Este capítulo pretende identificar de que modo são explorados os conceitos, tais como o Desenho, O *Design* e a Metodologia Projetual, no ensino secundário.

II.1. Oferta de ensino - Artes Visuais

O ensino das artes visuais em Portugal apresenta várias vertentes vocacionais, tanto em escolas públicas como nas privadas e em centros de formação, no entanto ela é limitada por diversos procedimentos legais, tais como: número mínimo de candidatos; localização geográfica; disponibilização de profissionais com formação especializada e/ou professores com habilitação para exercer a docência; condições estruturais ao nível do equipamento e espaço; etc..

Quanto à oferta na área das Artes Visuais, o ensino secundário apresenta várias opções: Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais e Ensino Artístico Especializado: António Arroio em Lisboa; Soares dos Reis, no Porto; entre outras.

As especializações que configuram os cursos do Ensino Secundário – Ensino artístico especializado na área das artes visuais e audiovisuais, são as seguintes: Curso de Design de Comunicação; Curso de Design de Produto; Curso de Produção; Curso de Comunicação Audiovisual; Curso de Desenho de Arquitetura; Curso de Imagem Interativa.

As disciplinas de opção oferecidas pelas escolas de Ensino Artístico Especializado são: Gestão das Artes e Teoria do Design.

Em todos os cursos apresentados, estão bem patentes nos programas das disciplinas os conceitos de Desenho, *Design*, Criatividade e, em especial, Processo Projetual – meio fundamental para o desenvolvimento de qualquer projeto.

De seguida, é feita uma análise geral aos programas das disciplinas do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais onde podemos confirmar a presença dos conceitos e metodologias de desenho e *design*.

II.2. Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais

Os Cursos Científico-Humanístico organizam-se em quatro cursos: Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades e Artes Visuais. A componente de formação geral é comum aos quatro cursos e integram as seguintes disciplinas: Português, Língua Estrangeira I, II ou III - Alemão, Espanhol, Francês ou Inglês; Filosofia e Educação Física.

A componente de formação específica do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais é a seguinte:

- Desenho A (trienal – 10.º/11.º e 12.º anos)
- Oficina de Artes (anual) – Opção
- Tecnologia dos Materiais (anual) – Opção
- Geometria A (bienal) - Opção (10.º/11.º anos ou 11.º/12.º anos)
- História e Cultura das Artes (bienal) – Opção
- Oficina Multimédia B (anual) – Opção

Por proposta do Ministério da Educação, o Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais do ensino secundário tem por objetivo dotar o aluno de um conjunto de saberes que lhe proporcionem o desenvolvimento das capacidades de representação, de expressão gráfica e plástica, de comunicação visual e de análise e compreensão das obras de arte no seu contexto histórico e cultural.

II.2.1. Desenho A (10.º, 11.º e 12.º anos)

O Desenho (Anexo II) é a disciplina obrigatória ao longo dos três anos, com uma carga horária semanal de 2h15m distribuída em 3 unidades letivas 45 minutos. Esta disciplina é essencial para o desenvolvimento criativo e estético do aluno, no sentido da liberdade de expressão, apreciação ou recriação. Logo, o Desenho é parte integrante de muitas áreas profissionais que nela se baseiam ou que do seu exercício partem. Desta forma, o desenho está intimamente ligado a outras áreas de formação, nomeadamente ao *design*.

Por ser tão importante a disciplina de Desenho no ensino, é necessário desenvolver determinadas competências: Observação e Análise; Manipulação e Sintetização; Interpretação e Comunicação. (Ramos, Queiroz, Barros, Reis, 2001, p. 10)

O programa da disciplina de desenho indica que:

"Para tornar a didática do desenho um exercício consequente e eficaz, há que estabelecer o quadro teórico e operacional em que os conceitos e práticas surjam coerentemente ligados, tendo sempre em vista a sua didática." (Ramos, Queiroz, Barros, Reis, 2001, p. 4)

Dada esta visão global do programa, é reconhecido que deve existir uma forte ligação entre a teoria e a prática, o que pressupõe o desenvolvimento da metodologia projetual ligada a outras áreas de exploração: a Perceção visual, a Expressão gráfica e a Comunicação visual.

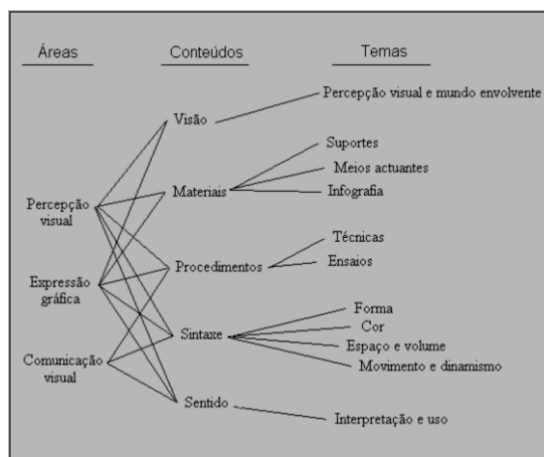


Figura 2. Áreas, Conteúdos e Temas
(Ramos, Queiroz, Barros, Reis, 2001)

O programa pressupõe uma gestão dos conteúdos com flexibilidade, respeitando a continuidade e adotando-os à realidade, para melhor se atingir os objetivos a compreensão dos conteúdos teóricos e práticos, privilegiando a atividade oficial como via de exploração de conteúdos.

Capítulo III: DISCIPLINA DE INTERVENÇÃO

Introdução

Exercer a docência no grupo 600 de AV pressupõe o total domínio nas várias disciplinas que se poderá lecionar. Este estudo pretende mergulhar nas didáticas de AV como preparação prévia para munir o futuro professor de fortes competências.

Neste contexto da reforma curricular do ensino secundário, a disciplina de OFA integra o plano de estudos do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais – componente de formação específica – e constitui-se como disciplina de opção do 12º ano, no âmbito da qual é realizado este estágio e que passamos a analisar.

III.1. Caracterização da disciplina de Oficina de Artes

Falando da disciplina, que sugere a noção de ofício, no sentido que lhe é atribuído atualmente pelo artista plástico, enquanto agente de intervenção crítica que, mediante o conhecimento e a valorização do património, é capaz de agir, de modo integrado, na sociedade em que está inserido. Nesta perspetiva, a disciplina de OFA propõe-se abrir espaço à experimentação e realização do projeto artístico, considerando as sugestões incluídas no desenvolvimento do programa.

Em consequência de a prática de ensino supervisionado ter sido realizada na disciplina de OFA, serão apresentados os planos de estudos da disciplina e onde serão detetados os objetivos, conteúdos, competências, carga horária, sugestões de metodologia de ensino/aprendizagem e bibliografia.

A OFA é uma disciplina de opção do 12.º ano, integrada na componente de formação específica, com uma carga horária semanal de 2 unidades letivas de 90 minutos. Recomenda-se que os tempos letivos sejam lecionados no princípio ou no fim dos turnos escolares

III.1.1. Apresentação do programa de Oficina de Artes

Feita a análise ao programa de OFA do 12º ano (Anexo VIII), percebemos que é uma disciplina que desenvolve diferentes domínios da comunicação visual e da linguagem/expressão gráfica e plástica, bem como o desenvolvimento da sensibilidade estética. Em termos técnicos promove/desenvolve a motricidade, a capacidade de manipulação dos materiais e técnicas, bem como a capacidade de abstração e a cooperação individual e/ou em grupo (Gonçalves, L., Alírio, E., 2005). Tudo isto contribui para o desenvolvimento da criatividade, autonomia, sensibilidade estética e crítica do aluno.

Relativamente às áreas de expressão e concretização plásticas, a disciplina aborda áreas ligadas à bi e tridimensionalidade, associadas aos fenómenos da comunicação visual, originando à experimentação e realização do projeto artístico. É de notar que alguns dos conteúdos formativos anteriormente propostos por esta disciplina foram integrados em Desenho A, quando esta se tornou de carácter obrigatório e trienal. Desta forma, permitiu reforçar a noção de ofício na disciplina de OFA, em que o operador plástico age numa perspetiva de intervenção crítica.

Segundo os parâmetros propostos pelo Ministério da Educação, à

“Oficina de Artes compete abordar as áreas de expressão e concretização plásticas bi e tridimensionais, associadas aos fenómenos da comunicação visual”. (Gonçalves, L., Alírio, E, 2005, p. 2)

E, como disciplina nova, ainda propõe

“Abrir espaço à experimentação e realização do projeto artístico, considerando as sugestões incluídas no desenvolvimento deste programa.” (Gonçalves, L., Alírio, E, 2005, p.2)

De acordo com as finalidades e objetivos proposto no programa, é delineada para a disciplina de OFA uma orientação interativa sustentada por técnicas convencionais e não convencionais; traçou-se um percurso organizado em três módulos: Área de Diagnóstico – temas estruturantes; Projeto Artístico – questões permanentes; Áreas de Desenvolvimento e Concretização do Projeto. Todas estas áreas compõem a Planificação Anual de OFA do 12.º ano.

Relativamente à metodologia de ensino aprendizagem, o programa sugere que a abordagem dos conteúdos se realize de forma gradual, faseando e intensificando as experiências, num compromisso entre a razão e a intuição, em que os alunos sejam agentes ativos de mudança.

Indo ao encontro da criatividade e expressividade artística, o processo de ensino/aprendizagem tem como ponto de partida: a pesquisa, a recolha de materiais e o poder de síntese, de modo a ser capaz de conjugar a poética do imaginário com o rigor da expressão de um trabalho.

A questão metodológica passa também pela fase da experimentação em que, a partir dos materiais recolhidos, far-se-á uma triagem de referências plásticas. Nos trabalhos práticos, a conjugação de técnicas convencionais com materiais ortodoxos exigirá o desenvolvimento de fundamentos teóricos. É de salientar a importância da referência à cultura portuguesa e da região, às visitas na comunidade, assim como ao recurso à internet. Este programa rejeita a rotina e os estereótipos, favorecendo a prática reflexiva, atualizada e reinventada.

Pretende-se com esta disciplina possibilitar aos alunos orientações pessoais e profissionais, de modo a serem capazes de desenvolver e manipular diferentes conteúdos dentro das diferentes áreas das Artes. Deve ainda compreender conceitos teóricos da linguagem visual e plástica, a fim de concretizar projetos pessoais de maneira a fortalecer o processo criativo. Os alunos devem ganhar uma postura autocrítica dentro da contextualização e intervenção na comunidade, revelando uma consciência estética.

Traçadas as finalidades e os objetivos, compete aos alunos adquirirem as competências necessárias que lhes possibilitem o desenvolvimento das capacidades de representação, de expressão gráfica e plástica, de comunicação visual e de análise das obras de arte (Figura 3).

Assim, compreendemos que o aluno deverá ser capaz de utilizar meios riscadores e/ou informáticos com intencionalidade, na construção de uma mensagem visual (Gonçalves, Alírio, 2005, p. 7).



Figura 3. Competências a desenvolver (Gonçalves, Alírio, 2005)

III.2. Avaliação da disciplina

Segundo Domingos Fernandes (2008), a avaliação das aprendizagens faz parte do processo de aprendizagem, logo é

“Entendida como todo e qualquer processo deliberado e sistemático de recolha de informação, mais ou menos participado, mais ou menos negociado, mais ou menos contextualizado, acerca do que os alunos sabem e são capazes de fazer numa diversidade de situações (Domingos Fernandes, 2008, p.3).

Para este efeito, criou-se instrumentos de avaliação para serem utilizados no registo dos resultados das avaliações.

Os instrumentos de avaliação pretendem ser de carácter diagnóstico, formativo e sumativo. Avaliação diagnóstica tem como objetivo inicial determinar os conhecimentos que os alunos já adquiriram, no entanto, esta avaliação pode ser constante ao longo do ano a partir das observações feitas durante as aulas e dos exercícios de desenvolvimento prático. A avaliação formativa é contínua e sistemática de forma a diagnosticar todo o processo de desenvolvimento das aprendizagens ao longo do ano, permitindo ao professor, e ao aluno, ajustar e elaborar estratégias que favoreçam a compreensão dos conteúdos e a elaboração dos trabalhos exigidos. A avaliação formativa permite ver a evolução do aluno nos trabalhos realizados e no processo de produção dos mesmos. A avaliação sumativa, para além das atividades próprias que possa desenvolver, deve ter em conta os dados da avaliação contínua anteriormente referidos. Portanto a avaliação contínua integra a modalidade diagnóstica, formativa e sumativa.

O processo de avaliação de cada trabalho deve de ser do conhecimento do aluno; por isso, quando o professor propõe um trabalho, deve também informar quais os critérios exigidos, de modo que a avaliação se articule com as competências a desenvolver pelos alunos. No fim da realização dos trabalhos, sugere-se que estes sejam expostos e analisados em conjunto, perante os intervenientes. Desta forma, serão feitas críticas devidamente fundamentadas nos objetivos estabelecidos no programa e clarificadas as motivações e métodos utilizados para a elaboração do trabalho. São objeto de avaliação: a aquisição de conceitos; a concretização de práticas; o desenvolvimento de valores e atitudes.

Quanto aos critérios de avaliação, a qualidade do trabalho é julgada combinando avaliação subjetiva ou por impressão global e a avaliação referida aos critérios. Os critérios devem ser utilizados como guias para avaliar mas não de forma rígida. A classificação final deverá equilibrar os valores obtidos na classificação por critério e o valor atribuído ao todo.

A concretização de práticas 60% ≈ 120 Pontos

A aquisição de conceitos	30% ≈ 60 Pontos
O desenvolvimento de valores e atitudes	10% ≈ 20 Pontos

III.3. Sugestões metodológicas

Relativamente à metodologia de ensino – aprendizagem, o programa sugere que a abordagem dos conteúdos se realize de forma gradual, faseando e intensificando as experiências, num compromisso entre a razão e a intuição, em que os alunos sejam agentes ativos de mudança.

O programa deverá iniciar-se pela fase diagnóstica, a fim de avaliar os conhecimentos adquiridos e as competências desenvolvidas nos anos anteriores, para que o professor possa definir a planificação mais adequada e conhecer as aptidões de cada aluno. Indo ao encontro da criatividade e expressividade artística, o processo de ensino – aprendizagem tem como ponto de partida: a pesquisa, a recolha de materiais e o poder de síntese, de modo a ser capaz de conjugar a poética do imaginário com o rigor da expressão de um trabalho.

A questão metodológica passa também pela fase da experimentação, em que a partir dos materiais recolhidos far-se-á uma triagem de referências plásticas. Nos trabalhos práticos, a conjugação de técnicas convencionais com materiais ortodoxos, exigirá o desenvolvimento de fundamentos teóricos. Este programa rejeita a rotina e os estereótipos, favorecendo a prática reflexiva, atualizada e reinventada.

III.4. Interdisciplinaridade da OFA com outras disciplinas

Em primeiro lugar convém refletir sobre o conceito de interdisciplinaridade; Fazenda (2008) explica:

“A palavra interdisciplinaridade evoca a “disciplina” como um Sistema constituído ou por constituir, e a interdisciplinaridade sugere um conjunto de relações entre disciplinas abertas sempre a novas relações que se vai descobrindo. Interdisciplinar é toda interação existente dentre duas ou mais disciplinas no âmbito do

conhecimento, dos métodos e da aprendizagem das mesmas. Interdisciplinaridade é o conjunto das interações existentes e possíveis entre as disciplinas nos âmbitos indicados.” (Fazenda (2008, pp.18-19)

Feita uma análise atenta aos conteúdos programáticos, verifica-se que existe um amplo campo para a prática da interdisciplinaridade no âmbito disciplinas das AV. Neste contexto, é importante que o docente adote uma postura interdisciplinar no ato de ensinar, mantendo assim um trabalho de qualidade entre a teoria e a prática, entre o contextualizar e o fazer.

A interdisciplinaridade existente entre as diferentes disciplinas do curso das AV valoriza a capacidade do aluno na obtenção dos resultados pretendidos, isto é, o aluno consegue organizar uma sequência metodológica, manifestando as suas intenções de uma forma assertiva e coerente.

O Desenho entra no domínio da OFA na medida em que, para o desenvolvimento do projeto, é fundamental que o aluno elabore esboços prévios, numa fase inicial. Todavia os pontos em comum entre as duas disciplinas são: a expressão, a representação do mundo envolvente, a criação do próprio universo imaginário e a experimentação contínua de materiais, técnicas e suportes. Também existe uma ligação com HCA no sentido em que a literacia visual é de extrema importância para a criação artística, pois o visionamento de obras artísticas e o estudo de estilos de diferentes épocas é muitas vezes ponto de partida, de estímulo e inspiração, para reinventar novos modos de perceção.

A partir desta análise, percebemos que nesta disciplina partilhamos saberes de outras áreas, ajustando diversas formas de projetar o processo artístico, segundo uma metodologia adequada a cada momento. Temos, como exemplo, a representação bidimensional e tridimensional, onde se pretende a experimentação de técnicas expressivas e rigorosas para representar o espaço e as formas, tendo em conta o lado útil da iconicidade, a fim de desenvolver projetos em equipa.

PARTE 2: PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

A Segunda parte deste relatório contém todas as informações relativas às várias etapas do processo ensino-aprendizagem, tendo como finalidade arquivar o máximo de informação, conferindo a utilidade necessária, não sendo meramente descritivo mas procurando interpretar os dados obtidos. Todas as atividades do estágio serão aqui refletidas, no intuito de aperfeiçoar as competências do perfil da estagiária.

Capítulo I: ESCOLA E COMUNIDADE

I.1. O meio envolvente

O concelho da Covilhã situa-se no distrito de Castelo Branco e faz parte integrante do agrupamento de concelhos da sub-região da Cova da Beira. O concelho preenche uma área de 550 Km², subdividido em vinte e uma freguesias. Segundo a estimativa dos censos de 2011, a população atinge os 51.797 habitantes residentes, dos quais 49.773 são eleitores (dados de 29/09/2013).

A Covilhã foi elevada à condição de cidade a 20 de outubro de 1870 pelo Rei D. Luís I, e é neste dia que se celebra o dia da cidade.

I.2. Caraterização da Escola Secundária Campos Melo

A Escola Secundária Campos Melo (Figura 4) encontra-se inserida na cidade da Covilhã, na Rua Vasco da Gama. É uma das três escolas (Figura 5) de ensino básico (3.º ciclo) e secundário que fazem parte do núcleo de escolas pertencentes à Direção Regional de Educação do Centro (DREC) e reúnem todos os alunos de várias freguesias do concelho da Covilhã.

O aspeto que mais a diferencia das outras duas escolas é o fato de ter sido uma das primeiras Escolas Técnica de Portugal, contribuindo para uma formação completa em prática e teoria fundamentada.



Figura 4. Localização da ESCM em relação às outras escolas de ensino



Figura 5. Área ocupada pela ESCM

I.2.1. O fundador da escola

José Maria da Silva Campos Melo (Figura 6) nasceu na Covilhã, em 22 de junho de 1840, um filantropo que estudou na Europa, onde adquiriu conhecimentos sobre a indústria fabril e as novidades tecnológicas a nível europeu. Foi uma figura muito importante para o desenvolvimento da indústria e economia da cidade.



Figura 6. José Campos Melo (Fonte: ESCM)

Seguro na ideia de que o conhecimento era o segredo do sucesso e uma aspiração fundamental para o progresso da indústria, cativou e incentivou constantemente os seus colaboradores para uma formação completa em prática e teoria fundamentada. Neste sentido, o filantropo cede, para instalações provisórias, uma casa da sua propriedade, para dar a formação necessária.

Por Decreto de 3 de janeiro de 1884, os Ministros das Obras Públicas e da Instrução Pública, respetivamente, António Augusto de Aguiar e Hintze Ribeiro, acordaram na criação da Escola Industrial, na cidade da Covilhã, com o fim de “ministrar o ensino apropriado às indústrias predominantes n'aquella localidade, devendo este ensino ter uma forma eminentemente prática” (cit. in Decreto). As aulas começaram a funcionar numa instalação provisória cedida por José Campos Melo, que também comporta todas as despesas necessárias para o funcionamento da Escola, inclusive financia a formação de um funcionário seu, em Lisboa, José da Fonseca Teixeira, que posteriormente viria a ser o primeiro diretor da Escola. Em 16 de dezembro desse mesmo ano, inicia-se os estudos com a disciplina de Desenho Industrial.

Em 1948 assinalou-se uma nova era no Ensino Técnico em Portugal, resultante da publicação do Decreto nº 37029 de 25 de agosto que estabelecia o Estatuto Industrial e Comercial, transformando a Escola Industrial em Escola Industrial e Comercial.

Nos anos 50 iniciaram-se grandes obras de intervenção/adaptação, construindo-se um novo edifício contíguo ao primeiro e que foi inaugurado em 2 de outubro de 1955. Na sequência do Decreto-Lei nº 47587 de 10 de outubro de 1967, assinado pelo Ministro Veiga Simão, instituíram-se os Cursos Gerais e os Cursos Complementares do Ensino Secundário Técnico. Prevendo uma nova experiência pedagógica, em 1969 a Escola passa a denominar-se Escola Técnica Campos Melo. A revolução do 25 de Abril e a explosão escolar vieram alterar radicalmente o ensino. Em 1975, com a circular n.º 1/75, de 19 de junho, as designações de "Escola Técnica/Liceus", foram abolidas e substituídas pelo curso Geral Unificado, criando um tronco comum para todos os níveis de ensino. O ensino unificado passou a ter, como refere a circular nº 3/75 de 27 de junho, “uma via única, aberta, sem distinção, quer aos que venham a ingressar na vida ativa, quer aos que pretendam prosseguir os estudos superiores”.

As celebrações do 1º centenário (1985) da escola ficaram assinaladas pela atribuição da Ordem de Instrução Pública e foi adotada a designação de Escola Secundária Campos Melo, nome pelo qual a conhecemos hoje (Figura 7).

Em 2004, nas comemorações dos cento e vinte anos, a escola foi distinguida pela autarquia com a Medalha de Ouro de Mérito Municipal, certificando o empenho e o mérito de todos os funcionários (docentes e não docentes) da escola.

Nos anos seguintes, a Escola foi acompanhando as mudanças quer a nível curricular quer a nível de melhoria dos espaços e equipamentos.



Figura 7. Escola Secundária Campos Melo
(Fonte: própria)

I.3. Funcionamento da escola

I.3.1 Constituição do Regulamento Interno

O Regulamento Interno da ESCM foi elaborado conforme o disposto no Decreto-Lei nº 137/2012 de 2 de julho de 2012 (Anexo III), cujos princípios, valores, metas e estratégias estão definidos no projeto educativo, documento que enquadra e orienta o cumprimento pela escola da sua função educativa.

A escola funciona em regime de Autonomia com contrato assinado pelo Ministério da Educação e Ciência, através da Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares e a ESCM, havendo de cumprir os objetivos traçados (Anexo IV).

Em novembro de 2013, a escola foi objeto de uma avaliação pelos serviços de Inspeção Pedagógica do Ministério da Educação cujo resultado foi MUITO BOM.

Refiro ainda que este contrato de autonomia finaliza no ano letivo de 2015/2016.

I.3.2. Estrutura hierárquica

- **Gabinete da Direção**

O Diretor é o órgão de administração e gestão da escola nas áreas pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial.

A Diretora Mestre Isabel Maria Lopes Fael é coadjuvada no exercício das suas funções por um Subdiretor e por três Adjuntos.

- **Conselho Pedagógico**

O Conselho Pedagógico, constituído por doze elementos, é o órgão de coordenação e supervisão pedagógica e orientação educativa da escola, nomeadamente nos domínios pedagógico-didático, orientação e acompanhamento dos alunos e da formação inicial e contínua do pessoal docente e não docente.

- **Conselho Geral**

A composição do Conselho Geral obedece aos preceitos contidos no artigo 12.º do normativo citado. O número de elementos foi fixado em 17.

I.3.3. Departamentos Curriculares

O número de departamentos curriculares da escola foi fixado em cinco: Línguas; Matemática e Ciências Experimentais; Ciências Sociais e Humanas; Expressões; e Tecnologias, nos quais estão enquadrados todos os grupos de recrutamento de todas as disciplinas.

I.3.4. Corpo Discente

De acordo com a Lei nº 51/2012, de 5 de setembro de 2012, os alunos estão enquadrados pelo Estatuto do Aluno e Ética Escolar. Nele constam os direitos e deveres dos alunos dos ensinos básico e secundário e o compromisso dos pais e encarregados de educação e dos restantes membros da comunidade educativa na sua educação e formação.

No ano letivo de 2014/2015, a ESCM recebeu no total 869 alunos, distribuídos pelas diferentes ofertas formativas da escola (Figura 8).

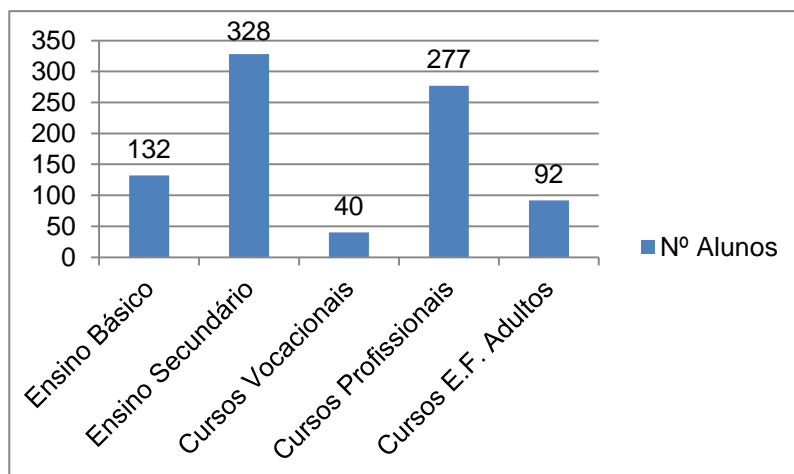


Figura 8. Número de alunos distribuídos pela oferta formativa
(Fonte: ESCM)

Dos 328 alunos inscritos no Ensino Secundário, 80 são alunos matriculados no curso Científico-Humanístico das Artes Visuais, distribuídos pelas três turmas: 10º ano – 30 alunos; 11º ano – 24 alunos; 12º ano – 26 alunos.

De acordo com as informações obtidas na escola, verifica-se que, nos últimos quatro anos, o número de alunos que a escola recebe anualmente não tem sofrido grandes oscilações. Particularmente, tem-se mantido um número significativo de matrículas na área das artes.

I.3.5. Corpo Docente e não Docente

A atividade do pessoal docente segue as diretrizes dadas pelo Estatuto da Carreira Docente e pelas normas que regulam os funcionários e agentes do Estado, de acordo com os princípios fundamentais consagrados na Constituição da República Portuguesa e no quadro dos princípios gerais e específicos constantes dos artigos 2º e 3º da Lei de Bases do Sistema Educativo (Portugal, 1986) divulgado pela Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, (UNESCO,1996). Na escola, atualmente, existem 100 docentes.

O pessoal não docente está enquadrado pelo regime geral da função pública e pelos demais normativos subsidiários e constituem um grupo de 35 elementos.

I.4. Uma escola do presente para o futuro

A ESCM é constituída por três edifícios: dois blocos – com diferentes espaços mais o pavilhão gimnodesportivo.

De acordo com as novas propostas curriculares para o melhoramento dos espaços e equipamentos (Apêndice I), a ESCM tem feito um esforço para acompanhar e ajustar-se a todas as transformações, destacando-se o auditório, os laboratórios e a transformação da biblioteca em centro de recursos educativos, passando a integrar a Rede de Bibliotecas Escolares. A biblioteca está equipada com livros e documentação em vários suportes, facilitando e orientando os jovens para a sua consulta. Também existe disponibilidade para a utilização de computadores, internet, audição de música, visionamento de vídeos, leitura informal de livros e revistas, etc. Este espaço foi estudado de modo a que os alunos possam usufruir de métodos alternativos de estudo, sempre acompanhados por professores de várias áreas disciplinares, orientando e apoiando nas dificuldades e promovendo o sucesso escolar. A escola possui ainda um Museu Educativo com a componente de Arquivo Histórico, com preocupação e interesse na integração e interação com os alunos e a comunidade, contribuindo para a identidade da região, abarcando manifestos dos atuais alunos, premiando trabalhos nas áreas artística e científica que são exemplo de boas práticas desenvolvidas pela escola.

Por ação dos sucessivos governos e pela influência dos organismos internacionais, como a OCDE e a UNESCO, entre outros, estabeleceram-se princípios fundamentais para a educação, tais como a escolaridade obrigatória, a aprendizagem ao longo da vida, etc. O ex-ministro da educação, Marçal Grilo, garantia que a aquisição de conhecimentos e saberes eram fundamentais para o sucesso da formação dos jovens, sem desprezar as atitudes e comportamentos, estimulando o espírito de iniciativa, a autonomia e dando importância aos valores humanos, numa sociedade em constante mudança. Seguindo este princípio, em 2013, a ESCM teve a aprovação para o CQEP, permitindo aumentar as qualificações escolares não só dos adultos como também dos jovens.

A elaboração dos documentos internos organizadores, Projeto Curricular da Escola, Regulamento Interno (Anexo V) e Plano Anual Atividades (Anexo VI), articula-se e assenta numa lógica que abrange a “**Visão, a Missão e os Valores**” enunciados no Projeto Educativo (Anexo VII), salientando os objetivos e as metas definidas para alcançar o sucesso escolar. Este documento assume um papel orientador do planeamento de todas as atividades pela Escola.

I.4.1 Oferta Formativa da ESCM

Atualmente, a oferta formativa da escola abrange o 3º ciclo do Ensino Básico e o Ensino Vocacional, Cursos Científico-Humanísticos, Cursos Profissionais e Cursos de Educação e Formação de Adultos.

Tabela 2. Oferta Formativa, 2014/2015

Ensino Básico	<ul style="list-style-type: none"> • 7º, 8º. e 9º. Anos • Ensino Vocacional
Curso Científico-Humanístico	<ul style="list-style-type: none"> • Ciências e Tecnologias • Ciências Sociais e Humanas • Artes Visuais (único curso geral de AV da Covilhã)
Cursos Profissionais	<ul style="list-style-type: none"> • Técnico Auxiliar de Saúde • Técnico de Gestão de Equipamentos Informáticos • Técnico de Coordenação e Produção de Moda • Técnico de Comércio • Técnico de Manutenção Industrial, variante de Eletromecânica
Cursos de Educação e Formação de Adultos	<ul style="list-style-type: none"> • EFA Escolar B3, EFA Escolar Secundário; • Centro Novas Oportunidades com o reconhecimento, validação e certificação de competências Ensino Básico, Secundário e Profissional (área da Eletrónica e Automação)

I.4.2. Atividades de Enriquecimento Curricular

No tempo que decorre, numa constante mudança multicultural e informativa, a escola, certamente muito atenta, procura oferecer aos alunos e à comunidade um ensino de qualidade, favorecendo a socialização e inculcando princípios de cidadania, através de atividades abertas à sociedade, com a criação de diversos clubes (Figura 9): Fotografia, Artes, Jornal, Robótica, Biotecnologia Ambiental, Holografia, Nanoclube, Informática, Desporto Escolar, Voluntariado e Clube de Teatro.



Figura 9. Clubes existentes na escola (Fonte: ESCM)

Outros projetos contribuem também para o enriquecimento curricular:

- Educação para a Saúde;
- Plano Nacional de Leitura;
- Artes e o Meio;
- Plano da Matemática;
- Comenius;
- Concurso Jovens Cientistas e Investigadores;
- Sarau Cultural;
- Intercâmbios Escolares;
- Olimpíadas;

- Arquivo Histórico e Inventário do Património Museológico da Educação.

I.4.3. Sítios na Net

A utilização das novas tecnologias, veio proporcionar ao meio escolar e restante comunidade a transmissão dos acontecimentos e dos procedimentos de ensino praticadas na escola, que se podem consultar no próprio sítio da escola - <http://www.camposmelo.pt/> -, que contém ligações para os espaços das diferentes atividades.

Face a estas novas tecnologias, a escola procurou saber junto dos alunos se possuem computador e se têm acesso à *internet* (Figura 10). Confirmou-se que a maioria dos alunos está familiarizada com as TI e diz possuir ambas.

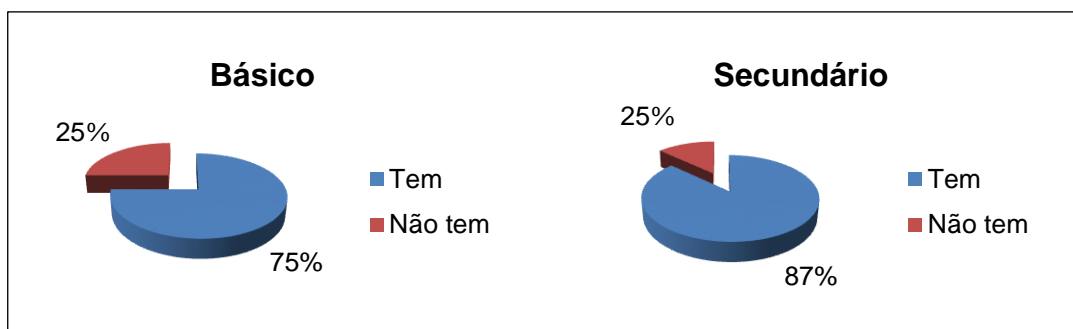


Figura 10. Percentagem dos alunos que têm Internet (Fonte: ESCM)

I.5. A escola e a comunidade

A ESCM, por iniciativa própria, tem procurado desenvolver atividades enriquecedoras, estimulando o envolvimento dos alunos, com o meio local, nacional e internacional. Estas atividades estão presentes em diferentes domínios, nomeadamente através de: complemento do percurso educativo (Cursos de Especialização Tecnológica, Projeto “Pense Indústria” e Atividades da Área de Projeto); facilitação da transição para a vida ativa (Estágios e Formação em Contexto de Trabalho); divulgação cultural (promoção de exposições, conferências, debates, seminários); animação sociocomunitária (atividades em colaboração com coletividades locais); visitas de estudo (atividades orientadas no sentido de um maior

conhecimento da região/país/estrangeiro); desporto escolar (atividades de intercâmbio com outras escolas); ocupação de tempos livres (atividades a definir com base na elaboração de um programa dos espaços e tempos livres).

Para que tudo isto seja possível, a ESCM assinou inúmeros protocolos com algumas entidades, das quais destacamos: Câmara Municipal da Covilhã; UBI; Universidade de Aveiro; EPABI - Escola Profissional de Artes da Beira Interior; IPCB – Instituto Politécnico de Castelo Branco; Instituto Piaget; Parkurbis – Parque de Ciência e Tecnologia da Covilhã...

No presente ano letivo, a escola pretende aprofundar novos desafios na dimensão europeia da educação, através dos programas Erasmus+ e também desenvolver um maior número de Projetos Comenius e *Twinning*.

As relações sociais dos alunos com a escola são bastante positivas. Estes procuram sempre participar nas várias atividades propostas e organizadas pela escola e que constam no Plano Anual de Atividades.

A escola, para homenagear e valorizar o sucesso dos seus alunos, procura organizar ocasiões festivas:

- Dia da ESCM: Entrega de Prémios e Diplomas Quadro de Mérito, Valor e Excelência e Bolsas de Mérito.
- Entrega de Diplomas aos alunos finalistas do 12º ano e formandos dos EFA.
- Sarau Cultural: Entrega de Prémios e Diplomas de participação aos alunos que participaram em concursos.
- Jornal Escolar Fio Condutor, *Facebook*, página Web, Átrio: publica fotos e listagens.
- Entrega de Diplomas aos melhores alunos (com o patrocínio da Câmara Municipal da Covilhã).

Como nota final, a ESCM é uma escola dinâmica e participante em atividades de âmbito nacional e Internacional, tendo obtido alguns resultados bastante positivos em diferentes áreas: científica/tecnológica, literária,

artística e social. No que respeita às Artes, já foram conquistados os seguintes prémios:

- 1º Prémio do Concurso Prémio Pilar Moreno - Pinta tu España" do X Certamen Cultural Ibérico Jóvenes Artistas de Cáceres, na categoria A, pintura (2010 e 2012);
- 3º Lugar nacional no 1º Concurso de Desenho e Pintura da *Faber Castell* (2013);
- 3º Prémio e menção honrosa no I Concurso de Fotografia da APPACDM (2013).
- 1º Prémio no concurso "Candeeiros de Cortiça" promovida pela Green Cork (2015).

I.6. Infraestruturas e Recursos do Curso de AV

Relativamente aos espaços, descritos em I.4., a área de AV (Apêndice I) situa-se no edifício B. No piso 2 situam-se as salas de EV e GD e no piso -2 situa-se a sala de *Design* Multimédia que tem ligação interna com a sala de Desenho, a OFA e ainda o Laboratório de Fotografia. É de notar que a localização destas salas permite aos alunos um acesso fácil ao material dos laboratórios. A sala de OFA é bastante arejada e luminosa e está equipada com estiradores, cadeiras, quadros (de projeção e branco), computador e projetor, lavatório com torneira, bancadas de trabalho, mesa de luz, mesa de corte, armários, estantes, computadores com acesso à internet e telefone.

Como a sala de OFA é comum às outras turmas do curso de AV, por vezes torna-se pouco espaçosa, o que poderá dificultar o desenvolvimento de projetos de maiores dimensões. Nesse sentido são utilizados outros espaços junto à sala, tais como o pátio, o corredor ou outros espaços que se encontrem livres na escola.

Relativamente aos equipamentos, a escola possui material de pintura e gravura, cavaletes, forno para cerâmica, bancadas de apoio, armários para guardar materiais, cacifos, acesso à internet, impressoras, *scanner*, câmaras

fotográficas, retroprojektor, projetor de slides, projetor multimédia, câmara de vídeo e livros da área das artes.

I.7. Caraterização do grupo 600 de AV

O grupo de recrutamento 600 de AV pertence ao IV Departamento Curricular, o Departamento de Expressões, juntamente com o grupo 530 de Educação Tecnológica, o grupo 620 de Educação Física e o grupo 910 de Educação especial.

A coordenadora de departamento, com assento no Conselho Pedagógico, é a professora Ana Fidalgo. O representante de grupo é o professor João Boléo. O grupo de AV é constituído por seis professores, três masculinos e três femininos. Destes seis professores, quatro pertencem ao quadro de nomeação definitiva da escola e os restantes estão em regime de contratação. No que respeita às habilitações académicas, três professores estão ligados ao *Design*, um à arquitetura, um à pintura e outro à escultura. O grupo carateriza-se pelo seu dinamismo e intervenção em diversas atividades como visitas de estudo e exposições.

Neste ano letivo o Grupo de Artes da ESCM é ainda constituído pela estagiária Lúcia Nunes, que realiza a Unidade Curricular de Introdução à Prática Profissional do Mestrado em Ensino de Artes da Universidade de Lisboa.

I.8. Caraterização da turma D, do 12.º ano de OFA

No processo de ensino/aprendizagem, é fundamental conhecermos o grupo turma com que estamos a lidar, sobretudo em escolas que se querem cada vez mais inclusivas. Obter dados sobre o meio e a realidade em que vive cada aluno e a forma como se relacionam tais circunstâncias como um todo, é uma mais-valia para o professor poder ajustar-se às necessidades e interesses de cada aluno e também ao meio escolar.

Desta forma, a professora estagiária elaborou a ficha individual dos alunos (Apêndice II), obtendo informações acerca do género, idades, pais, habilitações, profissões e situação face ao emprego dos pais, assim como o

número de irmãos, as disciplinas preferidas, o número de negativas do ano anterior, se beneficiou de SASE, as profissões desejadas, se possuem computador e *internet*, o tipo de atividades extracurriculares, o tempo de deslocação entre a casa e a escola, o transporte utilizado e problemas de saúde. Todos os gráficos apresentados são da autora deste relatório.

Começaremos então a analisar a turma de OFA, o 12ºD, que se caracteriza por um grupo maioritariamente feminino, verificando-se que o número total de alunos é 22, e apenas 8 alunos são rapazes (Figura 11).

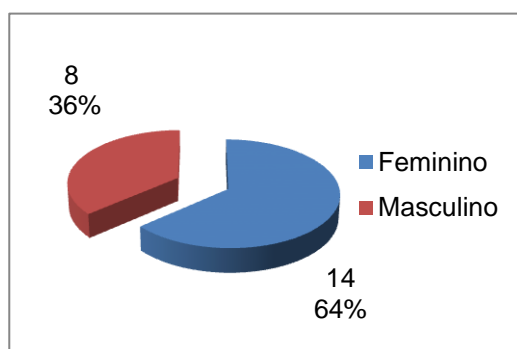


Figura 11. Género

Relativamente às idades dos alunos, a maioria tem 17 anos, 3 alunos têm 16 anos, 6 alunos têm 18 anos, 1 aluno tem 19 anos (Figura 12). Sabemos que 8 alunos vivem na cidade da Covilhã e os restantes residem na periferia e maioritariamente com os pais e irmãos, apenas 1 aluno vive com a avó.

No que se refere à idade dos pais, podemos afirmar que varia entre os 34 e os 61 anos. Através da análise da Figura 13, percebemos que a idade dos pais é superior à das mães, salvo as idades menores que 34 e as idades compreendidas entre os 46 a 50 anos, em que as mães são mais velhas.

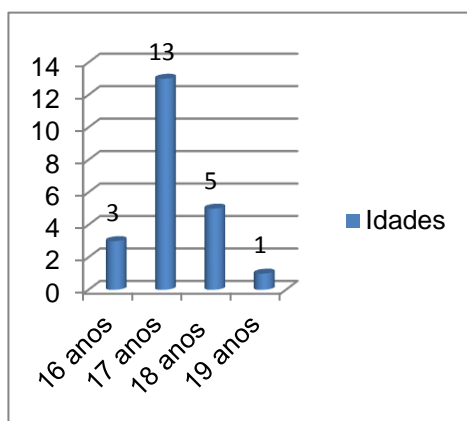


Figura 12. Idades dos alunos

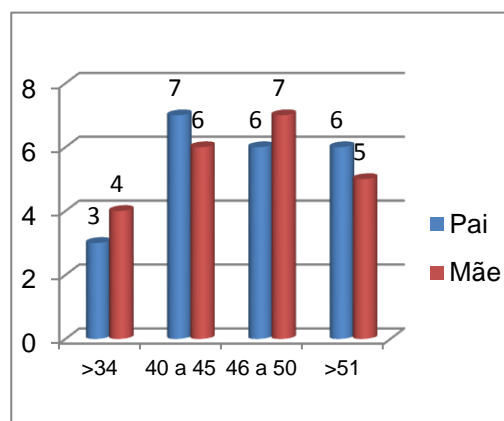


Figura 13. Idades dos Pais

No que concerne às habilitações académicas do agregado familiar (Figura 14), verificou-se que estes possuem baixo grau académico, inclusive ao nível do 1º ciclo. Constata-se também que as mães no geral têm um grau académico superior ao dos pais, salvo os do ensino secundário. Importante referir que apenas 4 pais têm um grau académico igual ou superior à licenciatura.

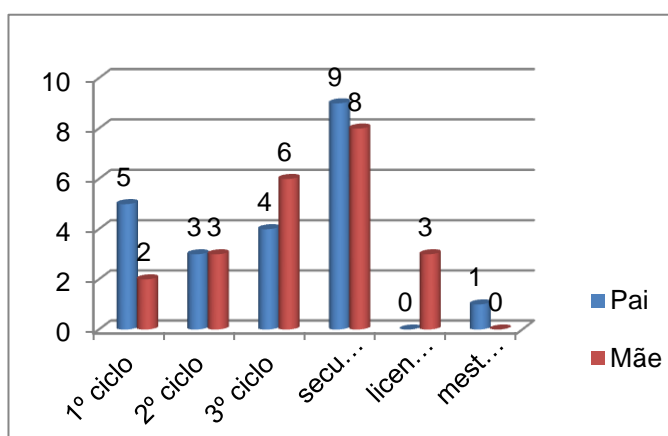


Figura 14. Habilitações académicas dos Pais

As profissões do agregado familiar são muito variadas e refletem a organização económica e social desta região. Consideramos pertinente a análise da situação dos encarregados de educação face ao emprego (Figura 15). Verificámos que a maioria dos pais está empregada, apenas 7 deles estão em situação de desemprego; as mães são as mais atingidas por esta

situação. Felizmente, não constatámos nenhum caso em que ambos os pais estejam no desemprego.

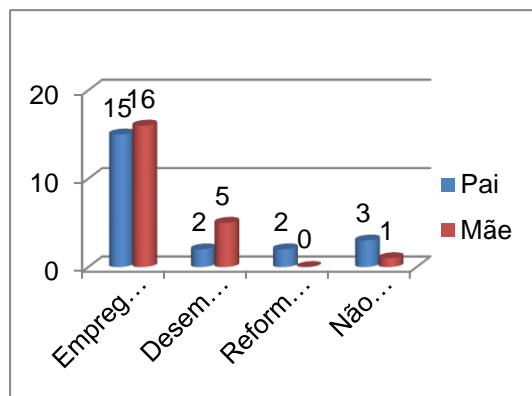


Figura 15. Situação face ao emprego

Relativamente ao número de irmãos, a maioria dos alunos tem um irmão, 4 alunos não têm irmãos e outros 4 alunos têm dois irmãos (Figura 16).

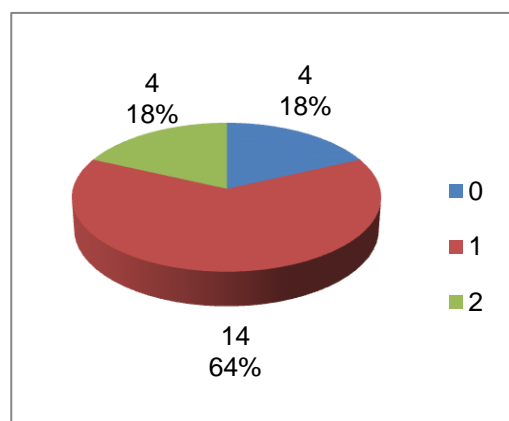


Figura 16. Número de irmãos

No questionário feito aos alunos, podemos saber que o Desenho é a disciplina preferida – a maior percentagem, com 11 alunos. Dois alunos indicam não terem preferência alguma, no entanto outros 2 alunos preferem de igual modo Desenho e Educação Física; destaca-se ainda que 1 aluna gosta de História e Cultura das Artes e 2 alunas preferem OFA, (Figura 17).

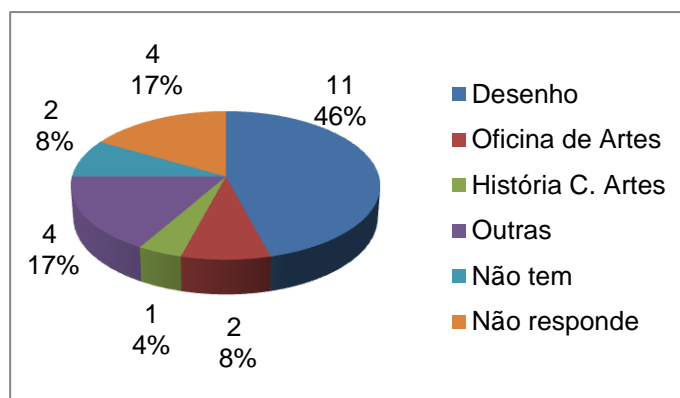


Figura 17. Disciplinas com mais dificuldades

As disciplinas em que os alunos têm mais dificuldades são GD e Português. Apenas 1 aluno afirma ter dificuldades em todas as disciplinas e 6 alunos asseguram não terem quaisquer dificuldades (Figura 18).

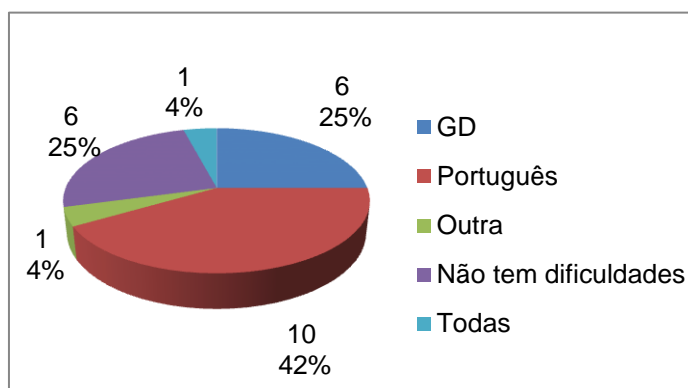


Figura 18. Disciplinas com mais dificuldades

Relativamente às disciplinas com negativa no ano anterior, a grande maioria dos alunos não teve qualquer negativa (Figura 19). No entanto 4 alunos tiveram negativa a Português, 1 aluno com negativa a Matemática, e a maior percentagem de negativas foi em GD, 6 aluno.

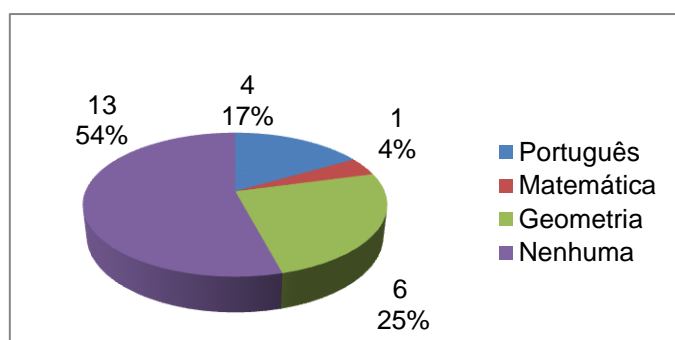


Figura 19. Disciplinas com negativas no ano anterior

Cerca de metade dos alunos (45%) beneficia de subsídio escolar (SASE). Este serviço suporta as despesas de educação, no seu todo ou apenas em parte, dos alunos mais carenciados (Figura 20). Os restantes alunos não usufruem de qualquer tipo de subsídio.

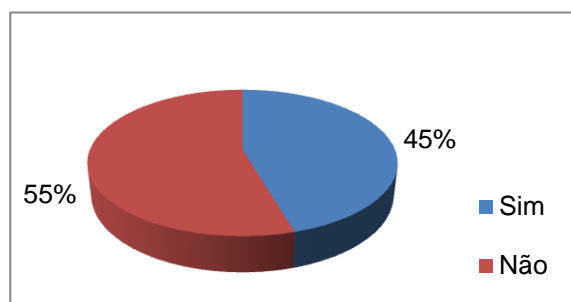


Figura 20. Alunos que beneficiam de SASE

No que respeita ao curso/profissão desejada, verifica-se que os alunos, na sua maioria do sexo feminino, estão indecisos na escolha do curso/profissão; 1 aluno pretende seguir outro ramo que não o das artes e 7 alunos não responderam à questão. Conclui-se, através da análise da Figura 21, que os alunos não sabem o que futuro lhes reserva.

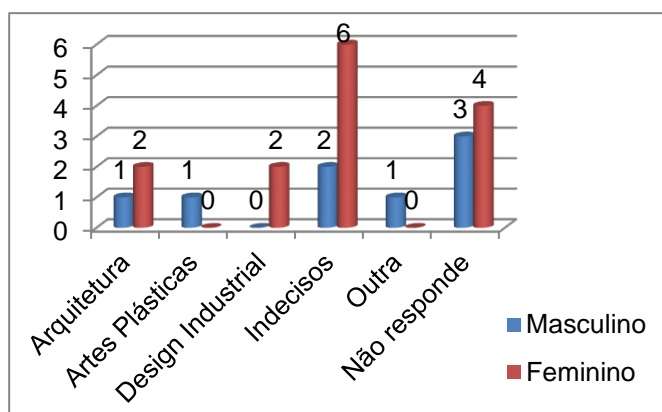


Figura 21. Curso/Profissão desejado(a)

Todos os alunos inquiridos possuem computador e têm acesso à Internet. Na questão sobre os hábitos de leitura, os alunos revelam maioritariamente não terem hábitos de leitura, apenas 7 alunos costumam ler jornais e/ou revistas e uma aluna não responde. Conclui-se que os alunos não manifestam interesse pela leitura de livros científicos nem de outro género.

Sobre a questão das atividades extracurriculares, a maioria dos inquiridos afirma não ter qualquer atividade. Apenas 3 alunos têm outras atividades: uma aluna pratica pintura e os outros dois alunos praticam natação.

Na questão onde se pretende entender quanto tempo os alunos demoram no seu trajeto diário casa-escola, podemos observar na Figura 22 que a maior parte deles demora entre 5 a 20 min, sabendo que estes residem na cidade ou muito próximo. Os restantes alunos moram bastante mais longe, necessitando por isso de transporte.

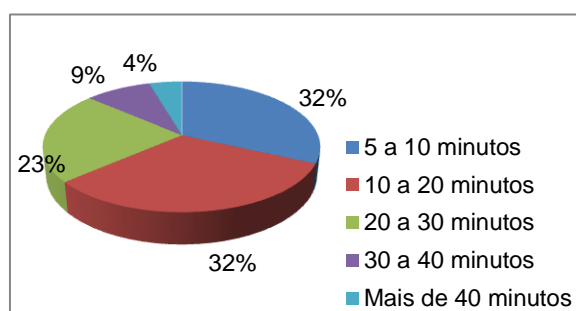


Figura 22. Tempo casa-escola

Respetivamente ao meio de transporte utilizado pelos alunos é bem visível que os alunos utilizam o transporte público. Existe uma percentagem reduzida de alunos que se deslocam a pé (Figura 23).

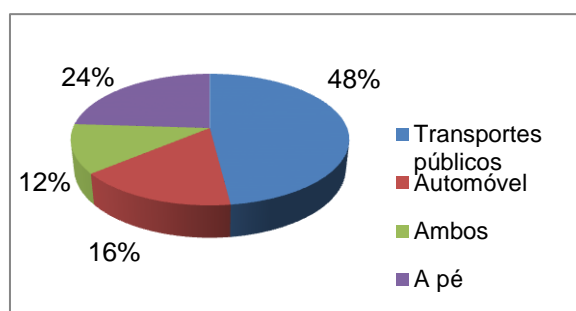


Figura 23. Transporte casa-escola

Questionados sobre os seus problemas de saúde, aparentemente os alunos são saudáveis, apenas 3 alunos manifestam algumas alergias e 2 alunas são portadores de outras doenças: tiróide e herpes oftálmico.

Finalmente, torna-se importante constatar que nesta turma todos os alunos frequentam a disciplina opcional de Oficina de Artes. Quanto à segunda disciplina opcional obrigatória, toda a turma escolheu Materiais e Tecnologias, salvo duas alunas que escolheram Inglês.

I.8.1. Reflexão geral da turma

No decorrer do ano letivo 2014/2015, todos os alunos foram assíduos, não se verificou qualquer anormalidade. Em termos comportamentais, a turma mostrou-se por vezes agitada, faladora e com pouca vontade de trabalhar, sendo que necessário, era preciso lembrar as regras a cumprir em sala de aula. No modo geral, a turma revelou atitudes de entreajuda, com os demais colegas e respeito com o corpo docente.

Os alunos mostraram-se interessados, participativos, motivados e criativos. Na sua globalidade, não apresentam dificuldades ao nível das aquisições de aprendizagem, no entanto verificou-se que grande parte da turma tem falta de hábitos de trabalho, o que veio posteriormente a confirmar-se no aproveitamento na disciplina de OFA.

Tendo consciência que a literacia visual é fundamental no ensino/aprendizagem, verificou-se que os alunos apresentam um défice neste âmbito, por virtude da disciplina de História e da Cultura das Artes, ser uma disciplina opcional. Após as primeiras aulas lecionadas, constatámos a ausência destes conhecimentos, nomeadamente, conhecer e associar artistas às respetivas correntes artísticas, dificultando assim a atuação do professor no ensino/aprendizagem.

Confirmou-se ainda, que os alunos em estudo aparentam uma autoestima elevada, visto que a maioria deles aspiram a profissões de ensino superior.

Capítulo II: ATIVIDADES, RESULTADOS E REFLEXÕES

II.1. Planificação

Entende-se por planificação toda a conceção de um plano que determina o que é ensinado e de que modo é posto em prática. O espanhol Miguel Zabalza (1992) entende que a planificação é:

“uma previsão do processo a seguir que deverá concretizar-se numa estratégia de procedimentos que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das atividades e de, alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo”. (Zabalza, 1992, p. 48)

Segundo esta perspetiva, cabe ao professor assumir o controlo da sua planificação, gerir, planear, refletir sobre todos os assuntos implícitos no programa curricular, que posteriormente deverão ser trabalhados em sala de aula.

Regina Leal (2005, p.1), por sua vez, salienta que o ato de planear é uma necessidade do professor, que envolve uma ação reflexiva “sobre a sua ação, pensar sobre o que faz, antes, durante e depois”.

Seguindo as indicações anteriores, a prática de ensino supervisionada começou a ser preparada, desde o início do estágio pedagógico, ao nível do debate e da ponderação de todas as dúvidas pedagógicas e científicas, iniciando com a preparação da planificação.

A partir do programa curricular nacional foi elaborada pela professora estagiária a Planificação Anual para a disciplina de OFA do 12.º ano. Esta implicou o primeiro contato com a necessidade de enquadrar a disciplina, fazendo a gestão dos tempos letivos. As Planificações a Médio Prazo são um outro instrumento de programação escolar, mais delimitado a uma unidade temática ou a uma atividade.

Por último, cabe determinar a planificação de aula/núcleos de aulas.

Todas as planificações preparadas, representam o *corpus* do *dossier* de estágio, que servirá de ponto de partida e de fio condutor em que a PE se apoia, com a previsão de desenvolver e pôr em prática em sala de aula.

II.1.1. Calendário das aulas de OFA

As tabelas a seguir indicam a gestão dos tempos propostos para desenvolver as UT. O horário foi contabilizado por 90 minutos + 90 minutos por semana, ou seja, dois tempos letivos por semana. Um tempo letivo corresponde a uma aula.

Na Tabela 3 está identificado o total de aulas que a professora estagiária frequentou ao longo do estágio, ou seja, durante todo o ano letivo.

Na Tabela 4 mostra-se a gestão de tempos previstos para a realização dos trabalhos propostos.

Tabela 3. Gestão dos tempos letivos

	1º Período	2º Período	3º Período	Total
Nº de semanas	14	11	9	34
Nº de tempos letivos (45min)	56	40	32	128
Aulas lecionadas e orientadas (45min)	34	28	16	78

Tabela 4. Gestão de aulas previstas para cada UT

	1º Período	2º Período	3º Período	Total
Nº de aulas previstas (45min)	56	40	32	128
Apresentação	2	---	---	2
Teste diagnóstico	4	---	---	4
Ponto	22	---	---	22
Autoavaliação	2	---	---	2
Linha	20	---	---	20
Autoavaliação	2	---	---	2
Texturas	---	24	---	24
Autoavaliação	---	2	---	2
Projeto/objeto	---	10	10	20
Autoavaliação	---	---	2	2
Outras atividades	4	4	20	28

II.1.2. Planificação Anual

A Planificação Anual corresponde à identificação das Unidades de Trabalho desenvolvidas ao longo do ano que, segundo Pinela (2010), consiste em

“Planificação anual consiste na identificação das finalidades da disciplina e na seleção, organização e distribuição, no tempo, dos objetivos, conteúdos, técnicas de avaliação e gestão dos tempos letivos correspondentes ao programa a implementar e a desenvolver durante o ano letivo, para alcançar os objetivos de aprendizagem.” (Pinela, 2010, p. 54)

Estas planificações são estritamente necessárias para orientar o docente; no entanto, podem estar sujeitas a eventuais alterações que as condições de execução por vezes determinem. São um instrumento indispensável para uma prática mais estruturada e eficaz.

A Planificação ponderou diferentes parâmetros como conteúdos, competências, atividades, estratégias, técnicas de avaliação, recursos e calendarização (organização temporal e o número das aulas previstas). Desta forma a PA constituiu uma ferramenta indispensável, pois ditou as diretrizes essenciais de todo o ano letivo, para alcançar os objetivos de aprendizagem.

A Tabela 5 apresenta toda a Planificação Anual da disciplina de OFA, da ESCM, do Ano letivo de 2014/2015, turma D do 12.º ano. O Professor responsável Ana Fidalgo e a Professora estagiária Lúcia Craveiro.

Tabela 5. Planificação Anual de OFA, da ESCM,
2014/2015

TEMAS/CONTEUDOS	Tempos previstos
<p>Módulo 1 – (Temas Estruturantes)</p> <p>1. LINGUAGEM PLÁSTICA</p> <p>1.1. Conceitos de linguagem</p> <p>1.1.1. Sistemas Sígnicos</p> <p>1.1.2. Signo Verbal e Signo Icónico</p> <p>1.1.3. Signos, Símbolos e Sinais</p> <p>Testar aprendizagens anteriormente realizadas, tendo presentes os seguintes objetivos: identificar e selecionar signos, símbolos e sinais; Analisar e relacionar sistemas sígnicos; Inferir conceitos de linguagem.</p> <p>1.2. Elementos estruturais da linguagem plástica</p> <p>1.2.1. Ponto/Linha</p> <p>1.2.2. Valores de Textura</p> <p>1.2.3. Valores Lumínicos (Claro/Escuro)</p> <p>1.2.4. Valores Cromáticos</p> <p>Identificar, em obras previamente selecionadas, os elementos estruturais da linguagem plástica que nelas são determinantes, bem como os efeitos expressivos que daí resultam.</p> <p>2. MATERIAIS, SUPORTES E INSTRUMENTOS</p> <p>2.1. Materiais – Origens e Composição</p> <p>2.2. Suportes – Características, Dimensões e Funções</p> <p>2.3. Instrumentos – Características e Funções</p> <p>Identificar a origem e composição de materiais diversificados (grafite, carvão, pastel, barro, gesso, etc.); Reconhecer nas propriedades físicas dos suportes e instrumentos, fatores determinantes na definição da obra gráfica/plástica.</p> <p>3. TÉCNICAS DE EXPRESSÃO E REPRESENTAÇÃO</p> <p>3.1. Modos de Formar</p> <p>3.1.1. Especificidades</p> <p>3.1.2. Inter-relações</p> <p>3.1.3. Metodologias</p> <p>Desenvolver capacidades de leitura e análise dos modos de formar do objeto artístico; Entender o ato/processo criativo como espaço de cruzamento de diversas condicionantes físicas e conceptuais.</p>	<p>1º Período</p> <p>56 Tempos letivos (45min)</p> <p>2º Período</p> <p>40 Tempos letivos (45min)</p>

<p>Módulo 2 – Projeto Artístico</p> <p>1. PROJETO E OBJETO</p> <p>1.1. Conceito (s) de Projeto 1.2. O Projeto como sistema de relações transversais a várias áreas 1.3. Do Projeto ao Objeto 1.4. Metodologias do Projeto</p> <p>Identificar diferentes conceitos de Projeto; Entender o Projeto como uma realidade múltipla e multifacetada; Analisar e refletir sobre a gênese do Objeto; Experimentar, de forma orientada, fases e itinerários de formulação do Projeto; Estruturar um Projeto.</p> <p>2. REPRESENTAÇÃO EXPRESSIVA E RIGOROSA DAS FORMAS E DO ESPAÇO</p> <p>2.1. Representação expressiva 2.2. Sistemas de Representação rigorosa 2.3. Dispositivos utilitários de comunicação 2.3.1. Codificações Gráficas – Símbolos Pictóricos – Símbolos Icônicos – Sinais</p> <p>Desenvolver competências nos domínios da representação bi- e tridimensional; Explorar técnicas de representação expressiva e rigorosa do espaço e das formas que o habitam; Explorar conceitos de modelação e modulação do espaço; Compreender e testar a funcionalidade comunicativa de certos tipos de iconicidade.</p> <p>Módulo 3 – Áreas de Desenvolvimento e Concretização do Projeto</p> <p>1. ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO</p> <p>- Desenho; - Pintura; - Escultura; - <i>Design</i> Gráfico; - <i>Design</i> de Equipamento; - Fotografia; - Videografia; - Intervenção em espaços culturais.</p> <p>- Desenvolver metodologias de conceção, planificação, projeção e execução de projetos nas áreas enunciadas; Aprofundar capacidades de pesquisa, conceção, planificação e representação bi e tridimensionais. (realização de painéis para embelezamento da escola).</p>	<p>3º Período</p> <p>32 Tempos letivos (45min)</p>
--	--

OFICINA DE ARTES – 12º ANO DE ESCOLARIDADE
AVALIAÇÃO NA DISCIPLINA

A avaliação formativa é contínua e sistemática e tem função diagnóstica, permitindo ao professor, ao aluno, obter informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens, com vista ao ajustamento de processos e estratégias.

Nesta disciplina, a avaliação formativa deve exercer-se de forma a permitir captar a evolução do aluno, no que respeita aos trabalhos produzidos e aos processos utilizados nessas produções.

A avaliação sumativa, para além das atividades próprias que possa envolver, deve ter em conta os dados da avaliação contínua.

- Poder de observação aliado à capacidade de interpretar e registar;
- Desenvolvimento de competências de pesquisa, recolha e experimentação de materiais;
- Capacidade de leitura e análise de imagens;
- Domínio dos meios de representação;
- Invenção criativa aplicada a trabalhos e projetos;
- Interesse pelos fenómenos de índole artística;
- Formulação de questões pertinentes;
- Envolvimento e capacidade de integração no trabalho individualmente e em grupo;
- Persistência na aprendizagem;
- Empenho no trabalho realizado;
- Aquisição e compreensão de conhecimentos;
- Capacidade de relacionar os conhecimentos adquiridos e de os utilizar em novas situações.

No processo de avaliação, sugere-se que os trabalhos desenvolvidos sejam expostos e analisados em conjunto, perante todos os intervenientes. Desta forma, nesse período de discussão, e através de críticas devidamente aferidas pelos objetivos estabelecidos no programa, ou relativos a cada trabalho ou projeto, é possível clarificar os termos de cada motivação e a perspetiva em que assentaram a pesquisa e a experimentação.

OBJETIVOS ESPECIFICOS DA DISCIPLINA

- Desenvolver conhecimentos e competências já adquiridos em áreas afins, relacionando-os e adequando-os aos diversos modos de projetar.
- Entender os modos de projetar como parte integrante do processo artístico, relacionando a dinâmica das aprendizagens anteriores com as novas hipóteses expressivas.
- Conhecer as fases metodológicas do projeto artístico.
- Desenvolver competências nos domínios da representação bidimensional e tridimensional.
- Explorar técnicas de representação expressiva e rigorosa do espaço e das formas que o habitam.
- Compreender as questões utilitárias relacionadas com certos tipos de iconicidade, na área da cidadania.
- Desenvolver capacidades de trabalho em equipa, necessárias à consecução de projetos.

II.1.3. Planificação a Médio Prazo

As Planificações a Médio Prazo permitem uma melhor gestão e organização da unidade de trabalho, definindo quais as competências, os objetivos e as metodologias a desenvolver, tendo em conta as características da turma. A sua realização capacita o professor para selecionar, organizar e distribuir no tempo os conteúdos a programar, as estratégias de ensino a utilizar, os conteúdos a definir, as técnicas de avaliação a utilizar e a gestão dos tempos a cumprir, de forma a alcançar determinados objetivos de aprendizagem.

De acordo com Arends (1995),

“uma unidade corresponde a um grupo de conteúdos e de competências associadas que são percebidas como um conjunto lógico” (Arends, 1995, p. 60)

Ainda segundo o mesmo autor, a Planificação a Médio Prazo permite ao professor a introdução de alterações que possam surgir durante o ensino/aprendizagem.

De seguida são apresentadas as planificações da disciplina de OFA, da ESCM, do Ano letivo de 2014/2015, da turma D, do 12.º ano. Todas as planificações foram elaboradas pela Professora estagiária Lúcia Craveiro sob a orientação da Professora responsável Ana Fidalgo.

A Tabela 6 apresenta a Planificação a Médio Prazo – 15 de setembro a 16 de dezembro.

A Tabela 7 apresenta a Planificação a Médio Prazo – 5 de janeiro a 18 de março.

A Tabela 8 apresenta a Planificação a Médio Prazo – 7 de abril a 5 de junho.

Tabela 6. Planificação a Médio Prazo – 5/9/2014 a 16/12/2014

Conteúdos	Atividades	Materiais	Avaliação
<p>MÓDULO 1 1 - Temas Estruturantes da Linguagem Plástica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conceitos da linguagem Sistemas sónicos Signo verbal e signo icónico Signos, símbolos e sinais - Elementos estruturantes da linguagem plástica Ponto / Linha / Textura Identificar, em obras previamente seleccionadas, os elementos estruturais da linguagem plástica que nelas são determinantes, bem como os efeitos explosivos que daí resultam. <p>2 – Materiais, suportes e instrumentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Materiais-origens e composição; - Suportes-caraterísticas, dimensões funções; - Instrumentos-caraterísticas e funções - Identificar a origem e composição de materiais diversificados (grafiti, carvão, pastel, barro, gesso); - Reconhecer nas propriedades físicas dos suportes e instrumentos, fatores determinantes na definição da obra gráfica/plástica. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação da disciplina. - Estabelecimento de regras. - Avaliação diagnóstica - Caraterização dos elementos visuais: o Ponto e a Linha. - Visionamento de imagens alusivas à linguagem plástica e aos elementos estruturais (contextualização) - Análise e interpretação de várias obras de arte, em que estão representados os elementos estruturantes da linguagem plástica, que a definem. - Visita de estudo a Lisboa: Mude, CCB, Gulbenkian e Centro de Arte Moderna. 	<ul style="list-style-type: none"> - Regulamento interno. - Teste diagnóstico. - PowerPoint com conteúdos e imagens alusivas à linguagem plástica. - Apresentação de conteúdos e imagens alusivas aos Elementos Estruturantes da Linguagem Plástica. - Fichas de orientação dos trabalhos a desenvolver. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desempenho dos alunos no teste. - Participação, empenho, desempenho e destreza da motricidade fina, nas tarefas propostas. - Aplicação da sensibilidade e da consciência crítica, mediante a sua mobilização para os conteúdos específicos dos diferentes projetos apresentados.

Tabela 7. Planificação a Médio Prazo – 5/1/2015 a 18/3/2015

Conteúdos	Atividades	Materiais	Avaliação
<p>MÓDULO 1 3 - Técnicas de expressão e representação Modos de formar Especificidades Inter-relações Metodologias</p> <p>MÓDULO 2 1. Projeto e Objeto Conceito (s) de projeto. O projeto como sistema de relações transversais a várias áreas. Do projeto ao objeto. Metodologias do projeto.</p> <p>2. Representação Expressiva e Representação rigorosa das formas e do espaço Representação expressiva Sistemas de representação rigorosa. Dispositivos utilitários de comunicação. Codificações Gráficas – Símbolos Pictóricos – Símbolos Icónicos – Sinais</p> <p>MÓDULO 3 1. Áreas de Desenvolvimento do Projeto Desenho; pintura; escultura; design gráfico; design de equipamento; fotografia; videografia; intervenção em espaços culturais</p> <p>2. Temas e graus de Concretização do Projeto.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Visionamento de imagens alusivas à linguagem plástica, a Textura (contextualização). - Análise de obras de arte, onde a textura é o principal elemento. - Visionamento de obras artísticas transformadas em objetos de design. <p>Projeto: A partir de um objeto, tendo por base as obras selecionadas pelos alunos, transformar o objeto e interpretá-lo à semelhança da obra escolhida.</p> <p>Utilização da Política dos 3 R (reduzir/reciclar/reutilizar)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Realização de um <i>checklist</i> relacionado com as etapas do processo e com a obra acabada. <p>Projeto: A partir de um tema, criar uma obra (fotografia e vídeo) a apresentar nos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Realização de um sketch relacionado com as etapas do processo e com a obra acabada. - Organização e dinamização de eventos culturais –XIX Colóquio Juvenil de Arte sob o tema " Os Fios que Tecem a Arte" 	<ul style="list-style-type: none"> - PowerPoint com conteúdos e imagens alusivas à linguagem plástica. - Objeto escolhidos pelos alunos. - Máquina fotográfica, Câmara de vídeo e Computador com programa de edição de vídeo. - PowerPoint com conteúdos de Metodologia Projetual de Bruno Munari. - Materiais recicláveis - Máquina fotográfica, Câmara de vídeo e Computador com programa de edição de vídeo. - Adereços vários - Fichas de orientação dos trabalhos a desenvolver. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desempenho dos alunos no teste - Participação, empenho, desempenho e destreza da motricidade fina, nas tarefas propostas. - Aplicação da sensibilidade e da consciência crítica, mediante a participação, empenho, desempenho e destreza no uso dos vários suportes, materiais, instrumentos e técnicas.

Tabela 8. Planificação a Médio Prazo - 7/4/2015 a 5/6/2015

Conteúdos	Atividades	Materiais	Avaliação
MÓDULO 3 (continuação) 1. Áreas de Desenvolvimento do Projeto Desenho; pintura; escultura; design gráfico; design de equipamento; fotografia; videografia; intervenção em espaços culturais 2. Temas e graus de Concretização do Projeto	- Desenvolvimento do projeto. - A passagem da bidimensionalidade para a tridimensionalidade. - Projeção do objeto - Apresentação do projeto realizado à comunidade	- PowerPoint com conteúdos e imagens alusivas à linguagem plástica. - Fichas de orientação dos trabalhos a desenvolver.	- Desempenho dos alunos. - Participação, empenho e autonomia. - Competências adquiridas no desenvolvimento da metodologia projetual. - Aplicação da sensibilidade e da consciência crítica

II.1.4. Planificação da Unidade de Trabalho

Esta planificação é importante no sentido de organizar e estipular metas e distribuir no tempo os conteúdos a programar, as estratégias a utilizar, os conteúdos a definir, as técnicas de avaliação e a gestão dos tempos a cumprir, de forma a alcançar os determinados objetivos de aprendizagem.

“ A planificação de unidade de trabalho enfatiza o desenvolvimento didático: as atividades que o docente e alunos realizam para alcançar os objetivos, as metodologias de ensino, os recursos educativos e as técnicas de avaliação que se aplicam em cada situação concreta. A planificação de unidade programática é mais específica e explícita do que a planificação anual, aquela fundamenta-se nesta, e é a partir dela que o docente prepara a sua prática diária.” (António A. B. Pinela, 2010, p. 56)

Em conformidade com o plano geral, a professora estagiária preparou cinco unidades de trabalho que abrangeram os três períodos letivos. Cada aula planeada tem uma duração prevista de dois tempos letivos de 45 minutos.

II.1.4.1. Plano de Aula 1- 22/09/2014

O lançamento da proposta do trabalho – Proposta 1 - “**A Linha e a Mancha**” tem por objetivo avaliar o estado dos alunos - área de diagnóstico. São clarificados conceitos, conteúdos, objetivos e metodologias, que a seguir apresentamos.

CONTEÚDOS A EXPLORAR

1. Representação expressiva e rigorosa da forma;
2. Exploração dos valores claros/escuro, Forma e Volume;
3. Exploração de materiais.

OBJETIVOS GERAIS

1. Desenvolver conhecimentos e competências já adquiridos em áreas afins, relacionando-os e adequando-os aos diversos modos de projetar.
2. Desenvolver competências nos domínios da representação bidimensional e tridimensional.
3. Explorar todas as representações visuais da forma: composição, estrutura, volume, claro-escuro;
4. Metodologia de trabalho/ Autonomia/ Empenho.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Compreender e seguir a sequência das fases;
2. Expressividade do traço;
3. Pretende-se representar de vários modos e em diferentes contextos, as distorções ocorridas num padrão linear bidimensional quando sobre este se atua no sentido de o dobrar e/ou amachucar. Essas linhas que até então se apresentavam como planas (paralelas e concêntricas) irão passar a sugerir determinadas, volumetrias, comprovando a sua tridimensionalidade.

COMPETÊNCIAS

1. Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem;
2. Representar bi e tridimensionalmente as formas, com os materiais propostos;

3. Conhecer os instrumentos, suportes e os materiais necessários para aplicar uma técnica.

CONCEITOS

Desenho; Representação; Observação; Metodologia de trabalho.

MEIOS DE EXPRESSÃO PLÁSTICA

1. Exploração plástica e visual da linha;
2. Exploração de técnicas expressivas: Desenho; suporte amarrotado, aguadas a tinta-da-china.

MATERIAIS A UTILIZAR

O professor: Projetor Multimédia; Computador; Quadro preto e giz.

Aos alunos serão distribuídos fichas de orientação do trabalho, com determinadas regras que deverão seguir.

Alunos: Papel cavalinho e/ou outros, A3, lápis grafite de várias durezas, régua, esquadro, compasso, tinta-da-china, pinceis, etc.

Papel cavalinho e/ou outros A3, lápis grafite (várias durezas), Tinta-da-china, régua, compasso, etc.

CALENDARIZAÇÃO

Para a realização deste de trabalho foi disponibilizado 4 blocos de 45 minutos, no entanto os alunos ainda tiveram que expor de mais tempo, fora do horário escolar, para finalizar o trabalho.

ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS

De seguida é descrita a aula com a respetiva duração (Tabela 9). Tendo em conta que é a primeira ano do ano letivo, a professora estagiária limitou-se à apresentação do trabalho, esclarecendo dúvidas e seguindo com olhar atento desenrolar dos trabalhos dos alunos.

Tabela 9. Plano da Aula 1

Descrição das atividades	Duração
A professora controla a entrada dos alunos e aguarda que eles se preparem para iniciar a aula	5 min.

A professora principia a aula informando os alunos do trabalho a executar, referindo que é um teste diagnóstico, mas que vai servir de informação/avaliação relevante para o trabalho a desenvolver posteriormente.	5 min.
A professora estagiária informa os alunos acerca da metodologia prevista para a aula. Através da visualização do <i>PowerPoint</i> , explica todas as fases do trabalho (Proposta 1) a executar.	20 min
Após a visualização dos diapositivos é entregue aos alunos, uma ficha para orientação do trabalho. Serão esclarecidas algumas dúvidas por parte dos alunos, na qual a professora exemplificou as mesmas, desenhando no quadro.	13 min
Logo de seguida dá-se o início do trabalho por parte dos alunos, executando a fase 1, 2 e 3.	45 min.
A professora observa atentamente os alunos e verifica se estão a seguir as regras estabelecidas, foi também esclarecendo algumas dúvidas, individualmente.	
Procede-se à arrumação da sala de aula e saída da mesma.	2 min.

AVALIAÇÃO

Este trabalho serve para ver e conhecer o estado dos alunos face aos conceitos obtidos nos anos anteriores. Serve também para identificar e perceber o método de trabalho de cada aluno.

Para que a avaliação seja eficaz há que planificar com rigor, estabelecendo para cada trabalho ou projeto metas precisas, de modo que os referenciais de avaliação se articulem com as competências a desenvolver pelos alunos.

- Poder de observação aliado à capacidade de interpretar e registar;
- Domínio dos meios de representação;
- Invenção criativa aplicada a trabalhos e projetos;
- Interesse pelos fenómenos de índole artística;
- Formulação de questões pertinentes;
- Persistência na aprendizagem;
- Empenho no trabalho realizado;

- Aquisição e compreensão de conhecimentos;
- Capacidade de relacionar os conhecimentos adquiridos e de os utilizar em novas situações.

II.1.4.2. Plano de Aula 2- 29/09/2014

Nesta aula é feita uma introdução dos conceitos dos elementos estruturais da linguagem plástica: o Ponto. São identificados materiais e técnicas de expressão e representação. É entregue a Proposta 2 – **“Reinterpretação de uma obra de Arte Digital”**, a desenvolver nas aulas que se seguem. São feitos esclarecimentos sobre conteúdos, objetivos, competências, avaliação e datas de entrega.

CONTEÚDOS A EXPLORAR

- 1.Elementos estruturais da linguagem plástica: o ponto e suas componentes.
- 2.Identificar, em obras de arte, os elementos estruturais da linguagem plástica e os efeitos expressivos que daí resultam.
- 3.Reconhecer nas propriedades físicas dos suportes e instrumentos, fatores determinantes na definição da obra gráfica/plástica.
- 4.Desenvolver capacidades de leitura e análise dos modos de formar do objeto artístico;
- 5.Entender o ato/processo criativo como espaço de cruzamento de diversas condicionantes físicas e conceptuais.

OBJETIVOS GERAIS

- 1.Analisar e refletir sobre a génese do ponto.
- 2.Experimentar, de forma orientada, fases e itinerários de formulação do Projeto.
- 3.Explorar técnicas de representação expressiva do espaço e das formas.
4. Metodologia de trabalho/Autonomia/Empenho.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1.Recolha e tratamento de dados, ideias/soluções, desenvolvimento e avaliação.

2. Escolher técnicas e instrumentos com intenção expressiva.
3. Adquirir uma visão sistémica do projeto, compreendendo os seus fundamentos, conceitos e métodos de desenvolvimento fundamentais e manifestando capacidades próprias de conceptualização

COMPETÊNCIAS

1. Adequar os meios à ideia que pretende materializar;
2. Reconhecer através da experimentação plástica a arte como expressão do sentimento e do conhecimento;
3. Através do ponto, compreender a natureza da cor e sua relação com a luz, aplicando os conhecimentos nas suas experimentações plásticas.

CONCEITOS

1. Os elementos estruturais da linguagem: o Ponto
2. Metodologia de trabalho;

MEIOS DE EXPRESSÃO PLÁSTICA

Exploração plástica e visual de várias técnicas expressivas através da utilização do ponto.

MATERIAIS A UTILIZAR

O professor: Projetor Multimédia; Computador; Quadro preto e giz.

Aos alunos serão distribuídos fichas de orientação do trabalho.

Alunos: Suporte em papel (cartolina, canson) A2, lapiseiras, marcadores (finos/grossos); Mesa de luz, computador, etc.

CALENDARIZAÇÃO

A realização do trabalho é executada dentro das datas indicadas (Tabela 10).

Tabela 10. Calendarização do trabalho referente ao Ponto

Enunciado; Especificação; Pesquisa. Visionamento de PPT	29 de setembro
Ideias/soluções	30 de setembro
Desenvolvimento, Realização	6 de out. a 28 de out.
Autoavaliação	3 de novembro
Entrega do trabalho final	3 de novembro

ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS

De seguida é descrita a aula com a respetiva duração (Tabela 11).

Tabela 11. Plano de Aula 2

Descrição das atividades	Duração
A professora controla a entrada dos alunos e aguarda que eles se preparem para iniciar a aula.	5 min.
A professora dá seguimento à aula introduzindo os conteúdos programáticos referentes aos elementos estruturais da linguagem plástica, o Ponto, perguntando aos alunos o que sabiam acerca do mesmo. Através da visualização do <i>PowerPoint</i> , é lembrado as características que o compõem De seguida, é feita uma observação atenta, a obras previamente selecionadas, verificando os elementos estruturais da linguagem plástica, o Ponto e os efeitos expressivos que daí resultam. Análise das obras de George Seurat, Paul Signac, Kankinsky e Miró. O pontilhismo na versão do <i>designer</i> Gregório Marangoni. Durante a visualização dos diapositivos são debatidos questões e feitas reflexões pertinentes acerca dos conteúdos. São esclarecidas algumas dúvidas por parte dos alunos.	50 min
A professora entrega a Proposta 2, explicando o processo de trabalho que os alunos devem seguir, alertando a importância para um método de trabalho. É também entregue aos alunos um Roteiro de Exploração para registar todos os dados, dando início às primeiras fases do trabalho Os alunos são alertados para a entrega do trabalho do Ponto.	30 min.
Procede-se à arrumação da sala de aula e saída da mesma.	5 min.

AVALIAÇÃO

A avaliação é feita de acordo com os parâmetros específicos da atividade (tabela 12), que serão registradas em grelhas de observação e pela autoavaliação, onde os alunos manifestam a sua opinião, em relação ao projeto executado.

Tabela 12. Parâmetros de avaliação

Parâmetros a avaliar na unidade de trabalho	Valores
<ul style="list-style-type: none">• Capacidade de leitura, análise de imagens, interpretar e registrar. (INTERPRETAÇÃO)	30
<ul style="list-style-type: none">• Representação Completa: Composição/ Forma/ Valores/ Volume/ Domínio técnico. (EXPRESSIVIDADE)	50
<ul style="list-style-type: none">• Capacidade criativa de resolver os problemas. (CRIATIVIDADE)	50
<ul style="list-style-type: none">• Representação Gráfica e Plástica: Composição/ Forma/ Volume/ Diferenciação (Gráfica -Plástica) / Domínio técnico. (TÉCNICA)	50
<ul style="list-style-type: none">• Metodologia de trabalho/ Autonomia/ Empenho/ Completude. (APRESENTAÇÃO)	20
Cumprimentos de prazos (será descontado 5%/por cada aula de atraso)	
AUTOAVALIAÇÃO	

II.1.4.3. Plano de Aula 3- 4/11/2014

Continuação da introdução dos conceitos dos elementos estruturais da linguagem plástica: a Linha. São identificados e analisados obras de arte. Continuação com a Proposta 2 – **“Reinterpretação de uma obra de Arte Digital”**, a desenvolver nas aulas que se seguem. São feitos esclarecimentos sobre conteúdos, objetivos, competências, avaliação e datas de entrega.

CONTEÚDOS A EXPLORAR

- 1.Elementos estruturais da linguagem plástica: a linha e suas componentes.
- 2.Identificar, em obras de arte, os elementos estruturais da linguagem plástica e os efeitos expressivos que daí resultam.
- 3.Reconhecer nas propriedades físicas dos suportes e instrumentos, fatores determinantes na definição da obra gráfica/plástica.
- 4.Desenvolver capacidades de leitura e análise dos modos de formar do objeto artístico;
- 5.Entender o ato/processo criativo como espaço de cruzamento de diversas condicionantes físicas e conceptuais.

OBJETIVOS GERAIS

- 1.Analisar e refletir sobre a génese da linha.
- 2.Experimentar, de forma orientada, fases e itinerários de formulação do Projeto.
- 3.Explorar técnicas de representação expressiva do espaço e das formas.
4. Metodologia de trabalho/Autonomia/Empenho.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1.Recolha e tratamento de dados, ideias/soluções, desenvolvimento e avaliação.
- 2.Escolher técnicas e instrumentos com intenção expressiva.
- 3.Adquirir uma visão sistémica do projeto, compreendendo os seus fundamentos, conceitos e métodos de desenvolvimento fundamentais e manifestando capacidades próprias de conceptualização

COMPETÊNCIAS

- 1.Adequar os meios à ideia que pretende materializar;
- 2.Reconhecer através da experimentação plástica a arte como expressão do sentimento e do conhecimento;
- 3.Através do ponto, compreender a natureza da cor e sua relação com a luz, aplicando os conhecimentos nas suas experimentações plásticas.

CONCEITOS

1.Os elementos estruturais da linguagem: a Linha

2.Metodologia de trabalho;

MEIOS DE EXPRESSÃO PLÁSTICA

Exploração plástica e visual de várias técnicas expressivas através da utilização da linha.

MATERIAIS A UTILIZAR

O professor: Projetor Multimédia; Computador; Quadro preto e giz.

Aos alunos serão distribuídos fichas de orientação do trabalho.

Alunos: Suporte em papel (cartolina, canson) A2, lapiseiras, marcadores (finos/grossos); Mesa de luz, computador, etc.

CALENDARIZAÇÃO

A realização do trabalho é executada dentro das datas indicadas (Tabela 13)

Tabela 13. Calendarização do trabalho referente à Linha

Visionamento de PPT	4 de novembro
Desenvolvimento, Realização	10 de nov. a 8 de dez.
Autoavaliação	9 de dezembro
Entrega do trabalho final	9 de dezembro

ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS

De seguida é descrita a aula com a respetiva duração (Tabela 14)

Tabela 14. Plano de Aula 3

Descrição das atividades	Duração
A professora controla a entrada dos alunos e aguarda que eles se preparem para iniciar a aula.	5 min.

A professora dá seguimento à aula introduzindo os conteúdos programáticos referentes aos elementos estruturais da linguagem plástica, a Linha. Através da visualização do <i>PowerPoint</i> , é relembrado as características que o compõem. De seguida, é feita uma observação atenta, a obras previamente seleccionadas, verificando os elementos estruturais da linguagem plástica, a linha e os efeitos expressivos que daí resultam. É também analisado obras contemporâneas tais como Iain Macarthur e Vince Low.	45 min
Após a visualização dos diapositivos, a professora esclarece o procedimento do trabalho, que será idêntico ao anterior, o ponto. Serão explicadas algumas dúvidas dos alunos. Os alunos são alertados novamente para a entrega do trabalho nas datas determinadas. É também lembrado a exposição que se vai realizar no Serra Shopping com os referidos trabalhos.	35 min.
Procede-se à arrumação da sala de aula e saída da mesma.	5 min.

AVALIAÇÃO

A avaliação é feita de igual modo, segundo os parâmetros identificados na tabela 12.

II.1.4.4. Plano de Aula 4 - 5/01/2015

Continuação da introdução dos conceitos dos elementos estruturais da linguagem plástica: a Textura. São identificados e analisados obras de arte contemporâneas. Lançamento da Proposta 3 – **“Reinterpretação de uma obra de Arte Digital”**, aplicando técnicas mistas. São feitos esclarecimentos sobre conteúdos, objetivos, competências, avaliação e datas de entrega.

CONTEÚDOS A EXPLORAR

- 1.Elementos estruturais da linguagem plástica: a textura e suas componentes;
- 2.Identificar, em obras de arte, os elementos estruturais da linguagem plástica e os efeitos expressivos que daí resultam;

- 3.Reconhecer nas propriedades físicas dos suportes e instrumentos, fatores determinantes na definição da obra gráfica/plástica;
- 4.Desenvolver capacidades de leitura e análise dos modos de formar do objeto artístico;
- 5.Entender o ato/processo criativo como espaço de cruzamento de diversas condicionantes físicas e conceptuais;
6. Identificar novos suportes, instrumentos e materiais

OBJETIVOS GERAIS

- 1.Analisar e refletir sobre a génese das Texturas.
- 2.Relacionar as formas naturais e ou construídas com as respetivas funções, materiais que as constituem e técnicas.
- 3.Experimentar, de forma orientada, fases e itinerários de formulação do Projeto.
- 4.Explorar técnicas de representação expressiva do espaço e das formas.
- 5.Metodologia de trabalho/Autonomia/Empenho.
- 6.Desenvolver a criatividade a partir da materialização e desenvolvimento de uma ideia a partir da imagem selecionada, estabelecendo novas relações estéticas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1.Recolha e tratamento de dados ideias/soluções, desenvolvimento e avaliação.
- 2.Escolher técnicas e instrumentos com intenção expressiva.
- 3.Adquirir uma visão sistémica do projeto, compreendendo os seus fundamentos, conceitos e métodos de desenvolvimento fundamentais e manifestando capacidades próprias de conceptualização.

COMPETÊNCIAS

- 1.Adequar os meios à ideia que pretende materializar;
- 2.Reconhecer através da experimentação plástica a arte como expressão do sentimento e do conhecimento;
- 3.Através de texturas, compreender a natureza da cor e sua relação com a luz, aplicando os conhecimentos nas suas experimentações plásticas.

CONCEITOS

- 1.Os elementos estruturais da linguagem: a textura;
2. Frottage, Assemblage e Grattage,
- 3.Metodologia de trabalho;

MEIOS DE EXPRESSÃO PLÁSTICA

Exploração plástica e visual de várias técnicas expressivas através da pintura, colagem, a fim de criar diversas texturas.

MATERIAIS A UTILIZAR

O professor: Projetor Multimédia; Computador; Quadro preto e giz.

Aos alunos serão distribuídos fichas de orientação do trabalho.

Alunos: Tela (ou outro suporte) A3, óleos, acrílicos, guaches, massa de gesso, papel, tecido, etc.).

CALENDARIZAÇÃO

A realização do trabalho é executada dentro das datas indicadas (Tabela 15).

Tabela 15. Calendarização do trabalho referente à Textura

Visionamento de PPT	5 de janeiro
Desenvolvimento, Realização	6 de nov. a 24 de fev.
Autoavaliação	2 de março
Entrega do trabalho final	2 de março

ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS

De seguida é descrita a aula com a respetiva duração (Tabela 16).

Tabela 16. Plano de Aula 4

Descrição das atividades	Duração
A professora controla a entrada dos alunos e aguarda que eles se preparem para iniciar a aula.	5 min.
Continuando com o estudo dos elementos estruturais da linguagem plástica, a Textura. Através da visualização do <i>PowerPoint</i> , são diferenciadas as características que a compõem. Análise das obras selecionadas, desde Van Gogh, Pollock e até obras mais contemporâneas, onde predomina a reciclagem de materiais: Sílvia Alvarez, Aaron Buehring, Mary Ellen Croteau, Jane Perkins, Vik Muniz e Virginia T Coleman.	45 min
É explicado aos alunos algumas técnicas para a obtenção de texturas como: Frottage, Assemblage e Grattage, entre outras. É entregue aos alunos a Proposta 3. Depois de uma breve leitura, são esclarecidas algumas dúvidas por parte dos alunos. Os alunos são alertados novamente para a entrega do trabalho nas datas determinadas. É também lembrado da exposição a realizar na Tinturaria no mês de maio.	35 min.
Procede-se à arrumação da sala de aula e saída da mesma.	5 min.

AVALIAÇÃO

A avaliação é feita de igual modo, segundo os parâmetros identificados na tabela 12.

II.1.4.5. Plano de Aula 5 - 3/03/2015

O plano desta aula tem por objetivo abordar conceitos de Projeto, Objeto e *Design*, correspondente ao Módulo 2 do programa. É analisado em pormenor a Metodologia Projetual de Bruno Munari, através da visualização de *PowerPoint*.

Lançamento da Proposta 4 – “**Do Desenho ao *Design***”, aplicando técnicas mistas. São feitos esclarecimentos sobre conteúdos, objetivos, competências, avaliação e datas de entrega.

CONTEÚDOS A EXPLORAR

1. Projeto e Objeto.
2. Metodologias de projeto: Metodologia Projetual de Bruno Munari.
3. O papel do *designer*.
4. Estruturar um projeto.

OBJETIVOS GERAIS

1. Identificar conceitos: *Design*, Metodologia Projetual, Projeto;
2. Analisar e refletir sobre a génese do Objeto;
3. Experimentar, de forma orientada, fases e itinerários de formulação do Projeto;
4. Desenvolver competências nos domínios da representação bi e tridimensional;
5. Explorar técnicas de representação expressiva do espaço e das formas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Compreender que a metodologia projetual não só se aplica ao Design, mas também se emprega na realização de projetos das artes plásticas.

COMPETÊNCIAS

1. Adequar os meios à ideia que pretende concretizar.
2. Desenvolver o domínio da representação bi- e tridimensional.
3. Dominar as diferentes fases metodológicas de desenvolvimento de um projeto, nas diversas áreas em estudo.

CONCEITOS

1. Projeto, Objeto
2. Metodologia Projetual;
3. Objeto Artístico, Obra de Arte

MEIOS DE EXPRESSÃO PLÁSTICA

Reutilizar objetos dando-lhe um novo conceito.

Explorar os conceitos estudados sobre os elementos estruturais da forma.

MATERIAIS A UTILIZAR

O professor: Projetor Multimédia; Computador; Quadro preto e giz.

Aos alunos serão distribuídos fichas de orientação do trabalho.

Alunos: Objeto, tintas, cola, tecidos, papéis diversos, etc.

CALENDARIZAÇÃO

A realização do trabalho é executada dentro das datas indicadas (Tabela 17).

Tabela 17. Calendarização do trabalho referente Projeto/Objeto

Visionamento de PPT	3 de março
Desenvolvimento, Realização	9 de mar. a 20 de abr.
Autoavaliação	21 de abril
Entrega do trabalho final	21 de abril

ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS

De seguida é descrita a aula com a respetiva duração (Tabela 18).

Tabela 18. Plano de Aula 5

Descrição das atividades	Duração
A professora controla a entrada dos alunos e aguarda que eles se preparem para iniciar a aula.	5 min.
A professora principia a aula informando os alunos da importância do método de trabalho, justificando que tudo tem um propósito de ser. A professora fala do projeto que está a desenvolver no âmbito do estágio, intitulado de “ Do Desenho ao Design ”, fazendo um esquema no quadro, a fim de clarificar as ideias fundamentais. São dados exemplos de peças de <i>design</i> inspiradas em obras de arte.	40 min
De seguida esclarece conceitos de Projeto, Objeto e alerta para a importância de um método de trabalho, que sem se aperceberem, já estão a praticar. Clarifica conceitos de método, metodologia. Como, quando e porque surgiu a metodologia e o <i>Design</i> .	20 min

<p>Informa a importância que a metodologia tem, na execução de um projeto.</p> <p>A professora faz uma introdução à Metodologia Projetual, dizendo que existem variadíssimas metodologias, defendidas por vários autores/<i>designers</i>, mas a que se vai estudar é de autoria de Bruno Munari.</p> <p>Através da visualização do <i>PowerPoint</i>, explica todas as fases inerentes à metodologia em questão.</p>	
<p>Após a visualização dos diapositivos sobre a Metodologia Projetual de Bruno Munari, a professora faz uma analogia entre esta metodologia com o trabalho que os alunos estão a desenvolver em fases distintas, chegando à fase final do projeto.</p>	10 min.
<p>A professora estagiária chama a atenção de como é importante ter um método de trabalho, referindo que a Metodologia Projetual não se restringe apenas ao <i>Design</i>, mas também se pode desenvolver noutras áreas científicas.</p> <p>Após o esclarecimento das fases que os alunos já desenvolveram, passam à fase final a do Projeto/Objeto (Proposta 4).</p> <p>Serão esclarecidas algumas dúvidas por parte dos alunos.</p>	10 min.
<p>Procede-se à arrumação da sala de aula e saída da mesma.</p>	5 min.

AVALIAÇÃO

A avaliação é feita de igual modo, segundo os parâmetros identificados na tabela 12. No entanto, a avaliação desta unidade abrange todos os conhecimentos abordados nas anteriores unidades de trabalho. Deste modo são referidos os seguintes domínios:

“Saber – Saber” - Aquisição de conhecimentos; Compreensão de técnicas e conceitos; Aplicação e alargamento de conhecimentos; Criatividade.

“Saber – Fazer” - Domínio das técnicas expressivas; Rigor; Organização e método; Manuseamento de materiais; Higiene.

“Saber – Ser” – Participação; Empenho; Autonomia no trabalho; Sentido de responsabilidade; Cumprimento de Regras.

II.2. Metodologia de ensino

A estratégia adotada no ensino/aprendizagem a lecionar na turma das artes é determinada pela corrente expressiva-psicanalista, protagonizada por Viktor Lowenfeld e Herbert Read (1943), propondo que a educação artística deve assumir um papel novo na sociedade. O ensino passa a ser centrado no aluno, respeitando a sua expressividade e individualidade. O professor respeita as ideias do aluno, sem interferir na sua criatividade, incentivando o seu desenvolvimento cognitivo, potencial gerador de emoções, criatividade e subjetividade, tanto para as áreas artísticas como para outras áreas das ciências.

A dinâmica pedagógica implementada está de acordo com a ideia proposta inicialmente pela autora deste relatório: a ligação do Desenho com o *Design*, o projeto educativo da escola, as características dos alunos e a realidade da comunidade em que se inserem.

Na estrutura global das aulas são incutidos nos alunos conceitos teóricos e conteúdos práticos, de forma a proporcionar as oportunidades e incentivar os alunos à pesquisa/investigação de novos conhecimentos. Desta forma, as aulas teóricas foram na sua maioria abordadas e expostas através das apresentações de PowerPoint, contextualizando os temas propostos e facultando aos alunos um conjunto de informações essencialmente visuais, com o objetivo de despertar os alunos para a *Literacia Visual*. Deu-se prioridade às aulas práticas, sugerindo e exemplificando algumas técnicas, promovendo a experimentação de materiais, etc.

As aulas foram planeadas de modo que os alunos tomassem consciência dos tempos previstos para a execução dos trabalhos e entrega dos mesmos no tempo previsto, tendo em conta todas as outras atividades curriculares e extracurriculares em que os alunos participam.

As estratégias e recursos usados pela professora estagiária foram, entre outros: o debate em grupo sempre no início de cada atividade; o acompanhamento tutorial durante a execução dos trabalhos; a realização de fichas de pesquisa/investigação.

As temáticas abordadas tentaram ser sempre relevantes e atuais, mas sempre dentro do programa estabelecido e do interesse geral dos alunos. A seleção dos meios de expressão visual para a concretização dos trabalhos procurou ser variada, permitindo aos alunos desenvolver diferentes abordagens artísticas.

Em síntese, foram desenvolvidas quatro unidades de trabalho distintas que consistiram na realização de tarefas com os alunos, solicitando-lhes a reinterpretação de imagens (selecionadas previamente por eles). Assim, deveriam aplicar o elemento estrutural da linguagem plástica em três fases distintas: na primeira, recorrendo ao uso do Ponto; na segunda, utilizando a Linha; por fim, trabalhando a Textura. Desta forma, são exploradas as características do desenho – parte integrante do tema deste relatório. Posteriormente faz-se a ligação **Do Desenho ao Design**, abordando conceitos de Projeto e Metodologia Projetual. Assim, propôs-se aos alunos criar ou reciclar um objeto para depois recriar o desenho ou parte dele. Por fim, é verificado se a aquisição de competências contribuiu, ou não, para o desenvolvimento dos diferentes trabalhos.

Durante a planificação das diferentes aulas, juntamente com a professora cooperante, foram analisadas e estruturadas estratégias para melhor compreensão do projeto e motivação dos alunos. As planificações foram estruturadas de modo a ampliar os conhecimentos teóricos (cultura das artes), reforçando-os com visitas de estudo a museus e galerias de arte, participação em colóquios e realização de exposições com os trabalhos dos alunos.

De seguida, é descrita a forma como as aulas foram dinamizadas, desde o primeiro dia até à sua conclusão.

II.3. Aulas lecionadas

O início das atividades das aulas de OFA deu-se no dia 16 de Setembro de 2014. Fez-se a apresentação dos alunos, da professora cooperante e da professora estagiária. A professora cooperante procedeu à apresentação da disciplina de OFA, fazendo algumas considerações acerca da mesma: Apresentação do programa; Objetivos a atingir; Esclarecimento

dos trabalhos a realizar ao longo do ano letivo; Avaliação; Determinação de regras básicas no âmbito da disciplina. Anunciou também que os trabalhos executados ao longo do ano iriam fazer parte de duas exposições: a primeira no Centro Comercial Serra Shopping, Covilhã, em janeiro e a segunda na Galeria da Tinturaria, Covilhã, em Maio.

A professora estagiária anunciou o propósito da sua presença nas aulas de OFA, propondo aos alunos a sua contribuição para a participação e desenvolvimento do seu projeto, **Do Desenho ao Design**, através de uma metodologia de ensino de ordem sequencial. De seguida a professora estagiária fez a advertência aos alunos para trazerem o material necessário para a aula seguinte, a fim de realizarem um trabalho de foro diagnóstico, com o objetivo de conhecer as competências dos alunos.

A aula finalizou com o preenchimento da ficha individual do aluno.

Para todas as aulas lecionadas em OFA, foram realizados os respetivos planos de aula e reflexões sobre as mesmas.

Aula 1 - Reflexão da aula lecionada – 22/09/2014

Sendo a primeira aula assistida na disciplina de OFA, esta foi especialmente marcada pela realização do primeiro trabalho - Proposta 1 - de Área de Diagnóstico (Apêndice III). Esta proposta teve por objetivo principal conhecer e obter informações dos alunos acerca dos métodos e competências de trabalho.

Os tempos letivos dedicados a este trabalho foram orientados pela professora estagiária de modo a que os alunos cumprissem todas as regras estabelecidas. Foi esclarecendo dúvidas que surgiram ao longo do processo, nomeadamente a utilização do material de tinta-da-china e tira-linhas. A maior parte dos alunos manifestou desconhecimento desta ferramenta de desenho e do modo como se utiliza. Não estando delineado no plano de aula inicialmente proposto, a professora estagiária achou oportuno fazer uma explicação breve do uso do tira-linhas, demonstrando a técnica correta do seu manuseamento com a tinta-da-china, para que todos os alunos vissem como se utilizava.

Através das fotografias seguintes (Fonte: própria), foi possível identificar de imediato os alunos com grande autonomia de trabalho, destreza manual e empenho (Figura 24 à 34). No entanto, apurou-se também que nem sempre obedeciam à sequência pedida, seguindo as regras estabelecidas facultadas no início do trabalho. No final verificou-se que cerca de 50% dos alunos não cumpriram os objetivos propostos.

Acreditamos que alguns alunos não mostraram as suas potencialidades e as suas capacidades artísticas, surgindo um comentário por parte de uma aluna “ó professora isto não mostra o que nós somos capazes de fazer”.

Relativamente aos alunos, a aceitação da proposta de trabalho gerou algum constrangimento; para além de terem de seguir algumas regras, os alunos sabiam que estavam a fazer um teste diagnóstico que não iria contar para avaliação, daí o pouco empenho que foi verificado.

De seguida, são apresentados os resultados finais do envolvimento prático dos alunos nas tarefas propostas. Saliente-se que os alunos executaram uma parte do trabalho na sala de aula e a outra parte em casa.

1ª Fase - Modelo



Figura 24. Início da tarefa



Figura 25. Pintura a tinta da china



Figura 26. resultado final da 1ª fase

2ª Fase – “Ondulação” – Esboços rápidos



Figura 27. Esboços a lápis



Figura 28. Esboços a lápis

3ª Fase – “Ondulação” – Representação completa



Figura 29. Estudos de claro-escuro, sombras



Figura 30. Estudos da forma, volume

4ª Fase – “Ondulação” – Representação rápida

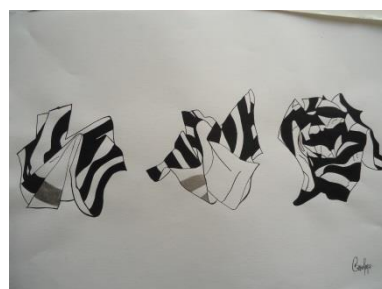


Figura 31. Desenho 1 a tinta da china



Figura 32. Desenho 2 a tinta da china

5ª Fase – “Ondulação e Quebra” – Representação Gráfica e Plástica



Figura 33. Resultado final (desenho 1)



Figura 34. Resultado final (desenho 2)

Aula 2 - Reflexão da aula lecionada – 29/09/2014

De acordo com o plano, a professora estagiária, inicialmente, verificou que os alunos não se lembravam do conceito do Ponto, mas a situação foi remediada com a visualização de novo do PowerPoint.

Após a visualização dos diapositivos referentes às características do Ponto, foi proposto aos alunos a análise reflexiva das obras previamente selecionadas, indicando as suas características: efeito claro-escuro, formas e cor, que se obtêm apenas com a utilização do ponto. Foram escolhidas obras de George Seurat e Paul Signac, onde é evidenciada a técnica do pontilhismo, precursora do abstracionismo, Kandinsky e Miró com as suas obras surrealistas. Os alunos mostraram-se entusiasmados quando foi mostrado o trabalho do *designer* Gregório Marangoni, uma tatuagem usando a técnica do pontilhismo.

Através desta análise, os alunos perceberam o poder de representação que o Ponto pode desempenhar nas obras de arte, dependendo das circunstâncias das realidades distintas e interpretativas de cada época.

No final foram visionados alguns trabalhos realizados pelos alunos do ano anterior.

Este foi o mote de arranque para a Proposta 2 (Apêndice IV), a “Reinterpretação de uma obra de Arte Digital”.

No início do trabalho prático, verificou-se que alguns alunos se envolveram com grande autonomia de trabalho, destreza manual e empenho. No entanto, apurou-se também que alguns ainda andavam perdidos na pesquisa, sem saberem bem o que fazer. Sem querer influenciar, foi sugerido que procurassem na Net “Artistas digitais famosos”, podendo assim ajudar de certa forma a procura de uma obra que lhes desse algum prazer estético.

[illegible]

81

Reflexão da aula lecionada – 30/09/2014

Após a pesquisa feita pelos alunos, de acordo com as regras estabelecidas, os alunos iniciaram o trabalho. A professora alertou para a importância do preenchimento do Roteiro de Exploração (Fonte: própria), servindo como meio de assimilar, avaliar e utilizar informação, de modo a compreender e analisar os diferentes tipos de imagens, nomeadamente dos diferentes movimentos artísticos.

Assim sendo, alguns alunos procederam ao preenchimento da ficha (Figura 36), enquanto outros prosseguiram na recolha e seleção de materiais e recursos para passarem à fase seguinte, a do desenho. Foi consentida uma abordagem livre na escolha da imagem, mas orientada para uma apreciação global que incluísse referências a obras de arte, desenvolvendo novas experiências e incentivando a criatividade.

Escola Secundária
Campos Melo

GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
e CIÊNCIA

DIREÇÃO-GERAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES

OFICINA DE ARTES/ 12º ano

Turma D

Ano letivo 2014/2015

1.

Roteiro de Exploração – Um autor/ Uma obra

Nome: Vanessa Rugeira Gonçalves N.º 26 Data: _____

Ficha técnica

Autor: Gary Dorsey
Título: Digital Photo Manipulation, for
Austin Fashion Week 2010
Data: 2014-21 Agosto 2010
Técnica: Digital - PhotoShop

Ficha biográfica do autor

Gary Dorsey é o criador da Pixel Peach Studio em Austin, no Texas (EUA). É web designer, mas prefere designar-se de interactive designer ou multimedia designer. Os seus projetos incluem multimédias, música, e experiências na misteriosa "STORY". Trabalhou com Warner Brothers, Chris Tomlin, Passion, Patti Griffin, Taylor Swift, entre outros.

Ficha temática, descritiva e interpretativa da obra

Tema	Manipulação Digital
Descrição e interpretação da obra	A obra foi efectuada para o concurso Austin Fashion Week 2010. O autor usou a figura feminina para lhe incorporar elementos de vestuário na sua própria pele. A obra reflete a ideia de cada um ser aquilo que veste, pelo que, atrás dos tecidos e, ao abriremos o fecho, existe uma 2ª pessoa: uma pessoa nua, sem arte, sem espírito.

Ficha de recursos estilísticos – contexto histórico (época) e estilo artístico
(caraterísticas)

A obra insere-se na Arte Contemporânea, como Arte Digital. É usada a figura humana, cores frias (maioria azuis), com contraste claro-escuro e o vermelho dos lábios, e possível visualizar-se movimento no fecho e no fecho a abrir-se; as texturas apresentadas são realistas (tanto o tecido no queixo, como a do fecho e a pele do modelo). Toda a imagem é bastante equilibrada.

10

Figura 36. Roteiro de exploração

Na fase do desenho os alunos recorreram às aprendizagens adquiridas, tais como: utilização do método da quadrícula, recurso à fotocopiadora e desenho. Observou-se que a maioria dos alunos demonstrou uma grande expressividade e um bom domínio do desenho.

A professora estagiária foi acompanhando semanalmente (11 semanas previstas) o desenrolar dos trabalhos e esclarecendo sempre que necessário alguma dúvida.

No geral os alunos revelaram interesse, autonomia e motivação no empenho das atividades propostas. Quanto às qualidades criativas, foram bastantes criativos no que respeita ao uso de materiais diversos, substituindo os marcadores por missangas, pedras, tintas ou outro material idêntico que valorizaram os seus trabalhos sem desrespeitarem o elemento de expressão.

As fotografias (Fonte: própria) que se seguem (Figura 37 à 40), tiradas no decorrer das aulas sobre a temática do Ponto, mostram como os alunos aplicaram os mais diversos materiais, para identificar o Ponto.

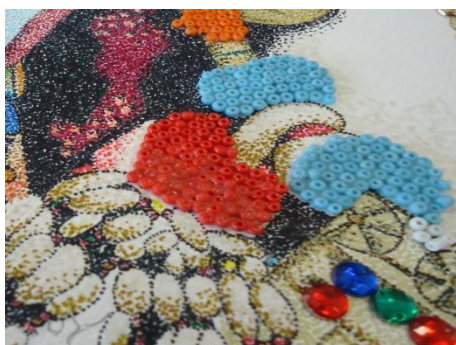


Figura 37. Utilização de missangas e pedras coloridas



Figura 38. Utilização de brilhantes



Figura 39. Utilização de pérolas



Figura 40. Utilização de tinta acrílica

Alguns trabalhos revelaram qualidades bastante expressivas ao nível da forma, da cor e do volume (Figura 41 à 44).



Figura 41. Qualidades expressivas, a cor



Figura 42. Qualidades expressivas, a forma

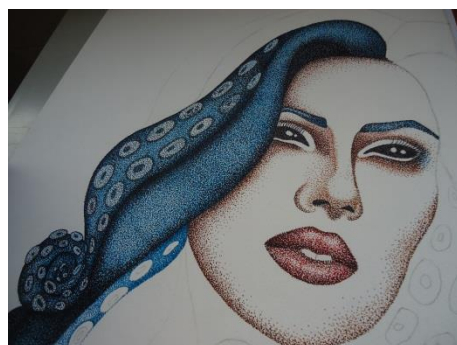


Figura 44. Qualidades expressivas, o volume

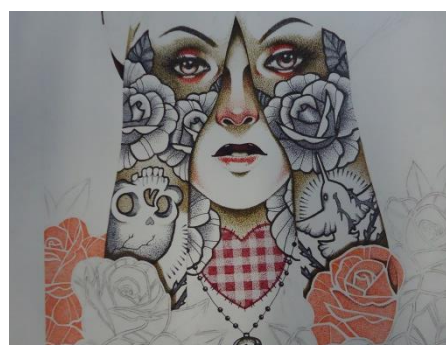


Figura 43. Qualidades expressivas, a cor, a forma e o volume

A turma cumpriu os objetivos propostos para esta UT, demonstraram ser capazes de manipular e dominar diferentes processos técnicos e de aplicação de materiais na representação e expressão visual. Curiosamente, a maioria das imagens selecionadas representa o rosto feminino, o que revela uma certa mestria por parte destes alunos, reforçando a ideia de que já possuíam determinadas competências/capacidades neste campo.

Ficou assim confirmado o sucesso da proposta de trabalho.

Aula 3 - Reflexão da aula lecionada – 4/11/2014

Após a visualização do PowerPoint relativo aos elementos estruturais da linguagem plástica abordando o tema a Linha, conceitos e características, deu-se início à interpretação das obras selecionadas. A professora selecionou obras de artistas mais antigos como Durer, Van Gogh e artistas mais contemporâneos como Iain Macarthur e Vince Low que recorreram à técnica da linha sob uma nova perspectiva plástica, conseguindo assim captar a atenção e o interesse dos alunos (Figura 45). A aula correu dentro da normalidade, sendo solicitada a participação dos alunos relativamente aos conhecimentos adquiridos anteriormente, facilitando assim a troca de ideias e a aquisição de novos conteúdos.

Após o trabalho intenso do Ponto, esta nova proposta exige um maior rigor e utilização de técnicas diversificadas de expressão.



Figura 45. Aula expositiva sobre a temática da Linha

Neste novo trabalho foi-lhes exigida uma nova reinterpretação da imagem escolhida anteriormente, passando novamente primeiro pelo processo de desenho, utilizando os recursos que a escola oferece: fotocopiadora, mesa de luz e projetor.

No início, verificou-se que alguns alunos sentiram bastantes dificuldades em interpretar a imagem através da linha. Sugeriu-se que fizessem pequenos estudos (Figura 46 e 47), como forma de verificar as potencialidades da linha no seu conjunto.



Figura 46. Estudos da Linha



Figura 47. Experimentação do traço

Durante as aulas seguintes os alunos foram realizando experiências, nem sempre conseguidas, mas refletindo, opinando e ouvindo as críticas construtivas das professoras e colegas. Com empenho, foram ultrapassadas todas as barreiras, contribuindo assim para a melhoria dos projetos e cumprindo os objetivos propostos, como se pode verificar pelas fotografias (Fonte: própria) que se seguem (Figura 48 à 51).

Verificou-se muita persistência e preocupação em cumprir os prazos de entrega estipulados no início do trabalho. Acrescenta-se que as obras realizadas nestas unidades de trabalho foram expostas no Centro Comercial Serra Shopping, para serem apreciadas pela comunidade, tal como descrito na secção III.5. Atividades extracurriculares.



Figura 48. Trabalho final da Linha,
desenho 1



Figura 49. Trabalho final da Linha,
desenho 2

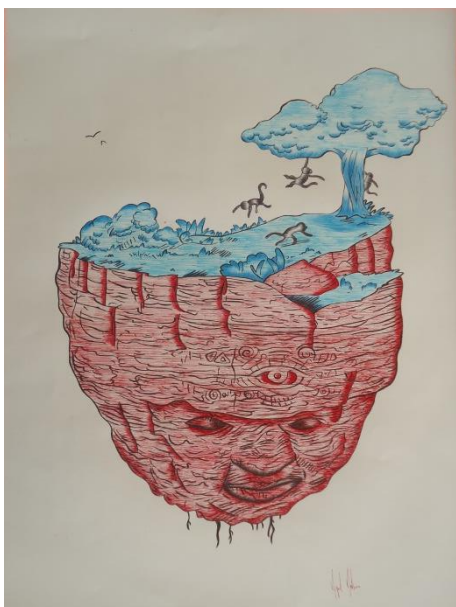


Figura 50. Trabalho final da Linha,
desenho 3



Figura 51. Trabalho final da Linha,
desenho 4

Aula 4 - Reflexão da aula lecionada 5/01/2015

A textura corresponde ao aspeto de uma área que, quando a tocamos ou olhamos, temos a percepção de determinar algumas características, tais como: lisa, rugosa, macia, áspera, etc. Podemos, assim, considerar a textura como uma sensação essencialmente visual ou tátil. Este foi o mote para a aula planeada (Figura 52).



Figura 52. Exposição teórica sobre Texturas

A professora estagiária propiciou um clima de diálogo com os alunos durante a apresentação, reforçando os conceitos teóricos e técnicas aplicadas, através da visualização das obras seleccionadas de artistas tais como Van Gogh, Pollock, Sílvio Alvarez, Aaron Buehring, Vik Muniz, Jane Perkins e Mary Ellen Croteau.

A professora enquadrou ainda a textura como meio de comunicação que possibilita a construção de formas bi e tridimensionais, dando como exemplo as artistas plásticas Virginia T Coleman e Joana Vasconcelos.

Após a apresentação do tema foi proposto aos alunos o desenvolvimento de um novo projeto, a Proposta 3 (Apêndice VI). Esta proposta tem por objetivo principal desenvolver a criatividade. O ponto de partida é a imagem pré-seleccionada anteriormente, porém foram estabelecidas algumas exigências a nível de suportes, que não poderiam ser iguais aos dos trabalhos anteriores. Neste trabalho deveriam usar texturas e técnicas variadas. Foi apresentada aos alunos a tridimensionalidade, também uma das características da textura. Prontamente, os alunos iniciaram o estudo da sua imagem e, partindo dela, idealizaram a introdução de

texturas variadas, e compartilharam as suas propostas com os docentes e colegas, dando e recebendo sugestões e ideias.

Ao longo do tempo previsto para esta unidade (24 tempos de 45min), verificou-se que os alunos arriscaram mais nas interpretações da imagem escolhida, através da variedade de técnicas utilizadas e das aplicações de materiais diversos, ficando o projeto mais valorizado e conseguido, de acordo com o que era pretendido. Neste trabalho os alunos tiveram a oportunidade de experimentar materiais diversos: tintas a óleo, acrílicas e guache, pasta de papel, gesso, empastamento de tinta, lã, tecidos, vários tipos de papel, missangas, pedras coloridas, correntes, enfim, uma infinidade de materiais, como se pode verificar nas fotografias tiradas pela professora estagiária (figura 53 à 56).



Figura 53. Materiais: pérolas, correntes, tecido e tinta de óleo



Figura 54. Materiais: tecido, linhas e tinta acrílica



Figura 55. Materiais: cola e papel de cozinha

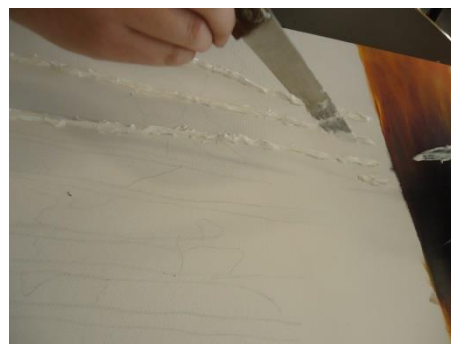


Figura 56. Materiais: gesso e cola

Sempre que oportuno e solicitado pelos alunos, a professora estagiária explicava a técnica e o uso correto dos materiais (figura 57).



Figura 57. Explicação dada pela professora

Apesar da diversidade de técnicas e materiais utilizados, a professora esperava que os alunos fossem mais criativos, visto que todos os alunos usaram como suporte a tela, apesar de terem sido sugeridos outros suportes.

Os alunos revelaram grande interesse e mostraram-se bastante motivados na execução deste desafio, porém alguns alunos tiveram dificuldades em entregar o trabalho finalizado na data prevista, tendo como consequência a redução da nota final.

De seguida são apresentadas fotografias (Fonte: própria) do resultado final de alguns trabalhos (Figura 58 à 61).



Figura 58. Trabalho final, tela 1



Figura 59. Trabalho final, tela 2



Figura 60. Trabalho final, tela 3



Figura 61. Trabalho final, tela 4

Aula 5 - Reflexão da aula lecionada 3/03/2015

Como estava planejado para este dia, um novo desafio foi lançado aos alunos, a criação de um objeto ou, melhor dizendo, a recriação de um objeto existente mas dando-lhe um novo conceito. A professora estagiária iniciou a aula com a apresentação de um esquema, para que os alunos refletissem sobre a questão **Do Desenho ao Design**, abrindo assim um diálogo com os alunos acerca dos conceitos do Desenho e do *Design*, suas analogias e diferenças. Os alunos demonstraram algumas preocupações e levantaram algumas questões, tais como: “Qual a relação entre *design* e artesanato?”; “Uma peça de *design* pode ser uma obra de arte?”; “Que preocupações o *designer* deve ter ao criar um objeto?”, entre outras. A professora prontamente esclareceu todas as dúvidas surgidas, aproveitando o momento para falar um pouco da história do *Design* e de como foi essencial a escola Bauhaus, para o progresso do *Design*.

Para complementar este debate, foi visionado um *PowerPoint*, mostrando trabalhos de artistas plásticos que desenvolveram projetos de *design*, havendo uma ligação comum entre eles – a técnica de projeto. A propósito deste conceito, a professora lançou algumas perguntas aos alunos sobre o que entendiam por projeto, objeto e metodologia. Os alunos ficaram reticentes e não manifestaram qualquer opinião, porém a professora apercebeu-se que estes sabiam pouco sobre as teorias acerca do *design*, prosseguindo a explicação dos conceitos propostos e finalizando com o *PowerPoint* sobre a Metodologia Projetual de Bruno Munari.

A professora começou a notar alguma inquietude na sala de aula, pois esta estava a ser muito teórica, todavia era inevitável a apresentação desta informação para compreender o percurso já feito e o que se vai seguir. A explicação terminou com uma analogia entre o desenho (todo o trabalho feito até então) e o *design*. Foi então que os alunos entenderam todo o percurso já feito (por fases), para atingir o objetivo final, ou seja, compreender a Metodologia Projetual, por meio de etapas.

A aula finaliza com a Proposta 4 (Apêndice VII) explicando todo o procedimento do projeto. Os alunos mostraram-se cheios de ideias que compartilharam com as docentes e demais colegas.

O tempo previsto para esta UT era de 20 aulas de 45min, o que quer dizer que os alunos tiveram de realizar parte do trabalho nas férias da Páscoa.

As aulas seguintes foram de acompanhamento, discussão e realização dos projetos. Notou-se na maioria dos alunos alguma dificuldade em projetar as ideias em suporte de papel. Foi neste contexto que a professora estagiária introduziu novos conceitos técnicos de criatividade, o *Brainstorming* e o *Mind Map*, assegurando aos alunos que ambas as ferramentas são fundamentais para a organização das ideias. A professora, em conjunto com os alunos, explorou todas as hipóteses possíveis para a realização do projeto, utilizando para este efeito a ferramenta *Brainstorming*.

De seguida, foi solicitado aos alunos para fazerem a sua própria abordagem, usando a ferramenta *Mind Map* (Figura 62).

Foi-lhes transmitido o essencial para a realização do projeto porque é através deste que verificamos qual a melhor forma que o objeto deve ter, de acordo com a sua função, e estudar os materiais mais adequados e o público a quem se destina (Figura 63) Todas estas características são fundamentais para o bom sucesso do objeto.

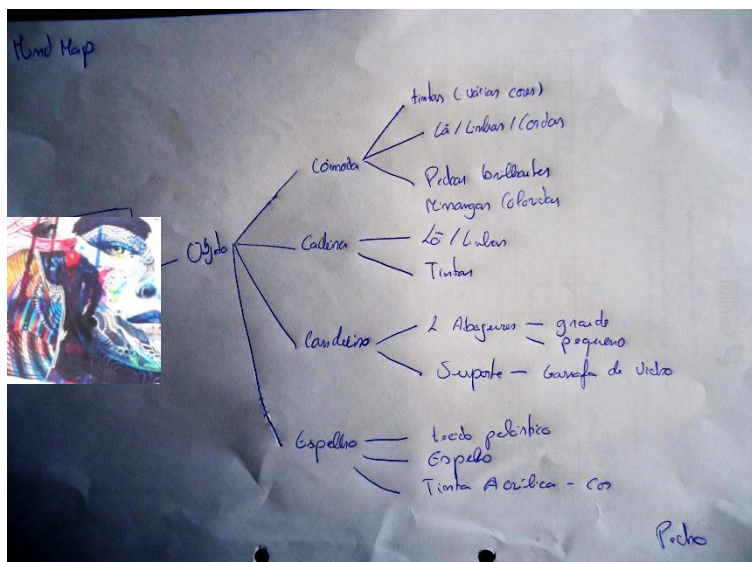


Figura 62. Exploração da criatividade usando a ferramenta *Mind Map*

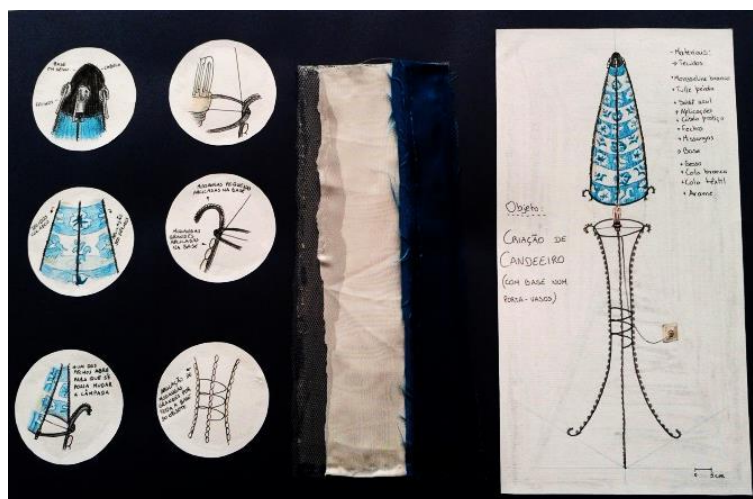


Figura 63. Projeto de candeeiro

É importante dizer que esta UT foi desenvolvida em parceria com a disciplina de Materiais e Tecnologias. Assim, de acordo com os professores responsáveis das duas disciplinas, os alunos desenvolveram o projeto do objeto em OFA, sob os seguintes objetivos: recriar/reciclar um objeto e dar-lhe outra forma/função de modo a criar um objeto artístico, tendo em conta os estudos de desenho feitos nas UT anteriores. Por exigência da disciplina de Materiais e Tecnologias, os alunos deviam explorar o material, como o plástico, acrescentando e valorizando o seu objeto artístico (Figura 64 à 66).

Os materiais mais utilizados foram colheres de plástico, tintas acrílicas, embalagens de produtos, missangas coloridas, tecidos plásticos, poliuretano...

Desta forma os alunos perceberam as potencialidades de cada material face à sua forma/função.



Figura 64. Material: poliuretano



Figura 65. Material: colheres de plástico



Figura 66. Material: tecido plástico

As fotografias (Fonte: própria) que se seguem (Figura 67 à 70), são uma prova do trabalho e dedicação que os alunos depositaram neste projeto final.



Figura 67. Objeto: Guitarra



Figura 68. Objeto: candeeiro



Figura 69. Objeto: Casaco



Figura 70. Objeto: Comoda, Cadeira, Candeeiro

II.4. Avaliação

A avaliação das competências faz parte do processo de ensino aprendizagem, de modo que iremos expor todos os instrumentos de avaliação utilizados na disciplina de OFA.

Os critérios de avaliação propostos para a disciplina foram expressividade, interpretação, técnica, apresentação e criatividade, que fazem parte do domínio cognitivo e correspondem a 96% da avaliação, os restantes 4 % atribuem-se aos valores e atitudes.

Para registar as competências dos alunos, foram elaboradas em cada UT as seguintes fichas: Grelha de Observação, Grelha de Avaliação e Ficha de Autoavaliação.

II.4.1. Avaliação do Teste Diagnóstico – Proposta 1

Feita a análise dos trabalhos desenvolvidos, conclui-se que as objetivos desta proposta de trabalho foram atingidos de forma muito satisfatória por parte dos alunos, mas para a professora estagiária foi de grande relevância, para entender como os alunos trabalham, como aceitam as regras, verificar a sua motivação e averiguar as suas reações perante a metodologia aplicada.

Esta proposta de trabalho serviu de impulso para a professora introduzir o conceito de metodologia de trabalho, a ser desenvolvido nas aulas seguintes.

De acordo com os resultados óbitos (Apêndice VIII), os alunos no geral apresentam algumas competências técnicas e expressivas. Quanto à interpretação de dados, apresentaram algumas dificuldades e revelaram pouco interesse e empenho na proposta de trabalho.

II.4.2. Avaliação das UT do Ponto e Linha – Proposta 2

Cumprindo com o objetivo e competências propostas para a unidade, 60% dos alunos executaram todas as fases de que é constituída a proposta, e 40% dos alunos não preencheram o Roteiro de Exploração, ou seja, não fizeram e/ou não conseguiram identificar a obra escolhida, simplesmente escolheram a imagem sem nenhum objetivo específico. A partir da Grelha de

Observação (Apêndices IX e X), conclui-se que há uma falta de interesse pela literacia visual; no entanto, no que respeita às atividades práticas, no geral todos os alunos demonstram um bom domínio técnico, empenho e muita autonomia.

Aquando da autoavaliação (Apêndice XIV), foi sugerido aos alunos que dessem uma opinião segundo alguns aspetos: o interesse pelo trabalho, as dificuldades que sentiram e uma apreciação geral.

Através dos gráficos seguintes (Fonte: própria), comprova-se que a técnica usada foi a de maior interesse, verificando-se nos resultados obtidos (Figura 71); no que refere às dificuldades, os alunos encontraram alguns obstáculos nos *degradês* e na gestão do tempo. Verificou-se ainda que uma aluna não revela qualquer dificuldade e encara os trabalhos como um “desafio total” (Figura 72).

Quanto à apreciação geral, os alunos mostraram-se muito satisfeitos com os resultados (Figura 73).

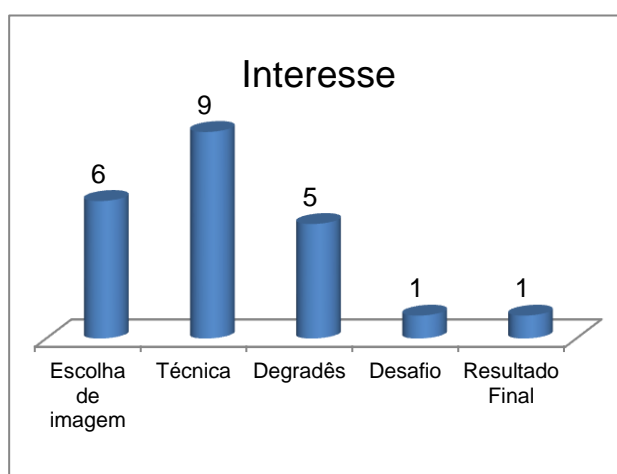


Figura 71. Resultados obtidos quanto ao interesse, Proposta 2

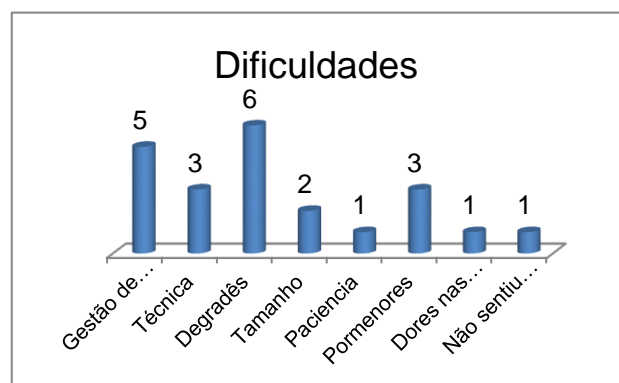


Figura 72. Resultados obtidos quanto às dificuldades, Proposta 2

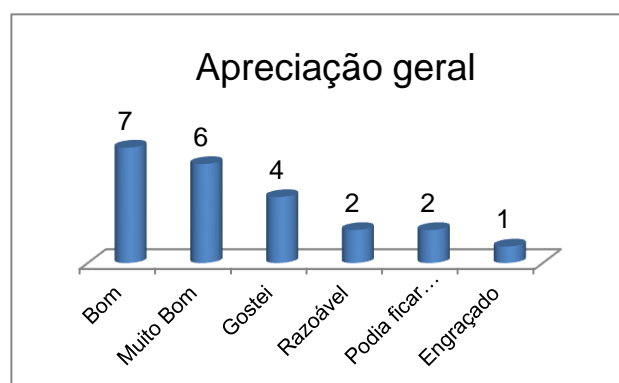


Figura 73. Resultados obtidos sobre a apreciação global, Proposta 2

Na análise dos resultados obtidos – Grelhas de Avaliação de ambos os trabalhos (Apêndices IX e X) – comprovou-se que os alunos alcançaram os objetivos propostos e adquiriram competências ao nível da técnica e revelaram grande capacidade criativa.

A professora estagiária ficou incrédula com os resultados obtidos, concluindo que, no exercício de diagnóstico, os alunos não revelaram as suas aptidões. Assim, quanto às classificações, podemos verificar que todos os alunos obtiveram uma classificação acima dos 14 valores, não havendo nenhuma negativa e, dos 9 alunos que tiveram Excelente, 3 atingiram a nota máxima de 20.

II.4.3. Avaliação da UT a Textura – Proposta 3

À semelhança dos trabalhos anteriores a avaliação foi feita através de avaliação direta, com registo em Grelhas de Observação, Avaliação Final (Apêndice XI) e de Autoavaliação (Apêndice XIV). Salienta-se ainda que nesta UT foi feita a avaliação em dois momentos: o primeiro, na fase de realização do projeto e o outro, na fase final da execução do objeto.

No que respeita à autoavaliação, podemos observar nos gráficos (Fonte: própria) que os alunos manifestaram um interesse enorme pela possibilidade de usar técnicas e materiais diversos, favorecendo assim a criatividade (Figura 74); por outro lado, sentiram alguma dificuldade no manuseamento dos materiais óleo e acrílico (pois era a primeira vez que os utilizavam) e na execução de pormenores (Figura 75); mas, na verdade, o que mais preocupou os alunos foi a gestão de tempo (Figura 76). Apesar de alguns contratempos, com persistência e empenho tudo se resolveu da melhor forma e no final puderam apreciar os resultados conseguidos.

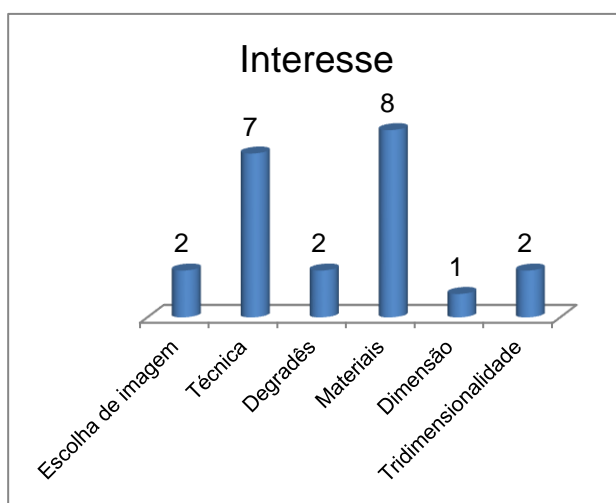


Figura 74. Resultados obtidos quanto ao interesse, Proposta 3

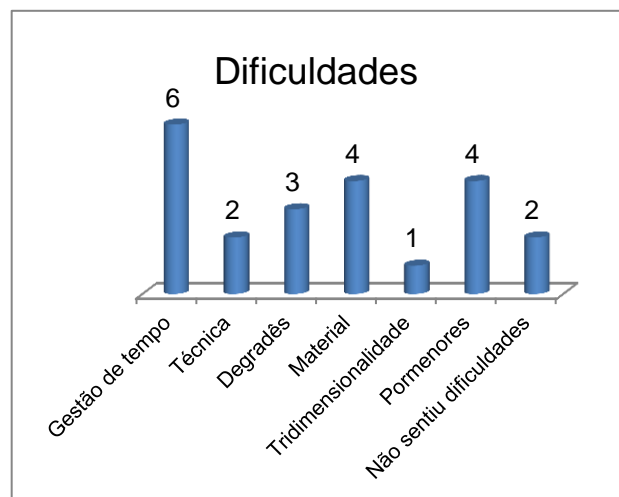


Figura 75. Resultados obtidos quanto às dificuldades, Proposta 3

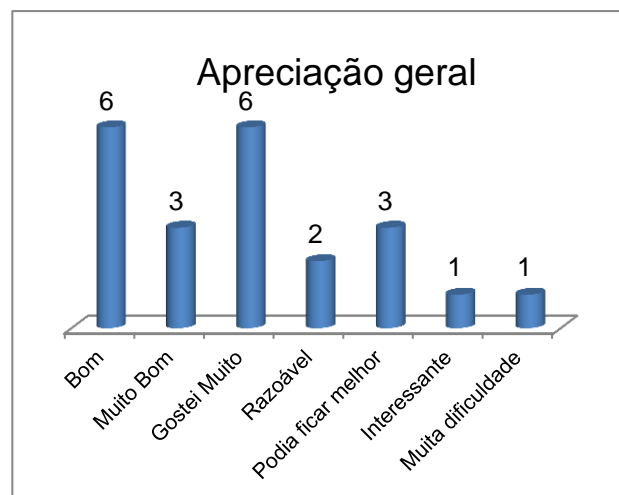


Figura 76. Resultados quanto à apreciação global, Proposta 3

Os resultados obtidos na Proposta 3, no geral foram bons, no entanto verificou-se um valor inferior a 10 e três alunos mantiveram a nota máxima. Apurou-se ainda que, sete alunos não entregaram o trabalho na data prevista, pelo que vão ser penalizados na nota final. Importa saber que o aluno de nota negativa não manifesta dificuldades, apenas se verificou falta de empenhado nas tarefas que lhe foram propostas. Somente uma aluna teve dificuldade em cumprir a proposta. Para superar esta dificuldade, foi proposto à aluna que alterasse a imagem escolhida inicialmente, por ser muito difícil de interpretar ao nível das tonalidades, sugerindo-lhe a escolha

de uma obra de Pop Art, por ser de cores diretas e de melhor interpretação. Verificou-se, no final, que a aluna conseguiu atingir os objetivos mínimos.

II.4.4. Avaliação da UT Projeto/objeto – Proposta 4

Nesta unidade de trabalho deu-se oportunidade aos alunos de realizarem o trabalho em grupo. Porém, os alunos não mostraram vontade de trabalhar em grupo e apenas se formaram três grupos.

A avaliação desta unidade deu-se em dois momentos: avaliou-se primeiro o Projeto (2.º período) do objeto e no segundo momento a realização do Objeto (3.º período).

No que respeita aos projetos, no geral os alunos apresentaram os seus projetos/ideias, ainda que, muito inseguros do que iriam fazer. Embora as ideias fossem interessantes, revelavam pouca criatividade. Sendo assim, verificou-se que: 40% dos alunos tiveram dificuldades na representação esquemática do que pretendiam construir; cerca de 23% dos alunos mudaram de ideias quanto ao projeto inicial, pelos mais variados motivos - falta de tempo, pela dificuldade exigida ou por gostos pessoais. Os resultados obtidos não foram os mais desejados (Apêndice XII e XIII).

No que respeita à fase da execução do objeto, os alunos demonstraram elevada aptidão para o trabalho manual e espontâneo, ou seja, as ideias foram surgindo no decorrer da realização do projeto, fugindo do que estava inicialmente projetado.

Nos gráficos que se seguem (Fonte: própria) são apresentados os resultados da autoavaliação dos alunos (Apêndice XIV). Os resultados indicam que a maior parte deles gostou desta unidade, por poderem ser criativos e por terem a oportunidade de conhecer e aplicar novas técnicas e materiais diversos (Figura 77). Pode-se ainda analisar que as dificuldades mais sentidas por eles recaíram na aplicação de novas técnicas e conhecimento de novos materiais (Figura 78). Quanto à apreciação global, os alunos revelaram terem gostado muito e consideraram os trabalhos muito bons (Figura 79).

Constatou-se que um aluno, muito empenhado, criativo e com algum conhecimento técnico, revelou nesta proposta de trabalho uma apreciação

negativa em “desenvolver do trabalho pois não estava entusiasmado” (palavras do aluno), avaliando o seu trabalho como razoável.

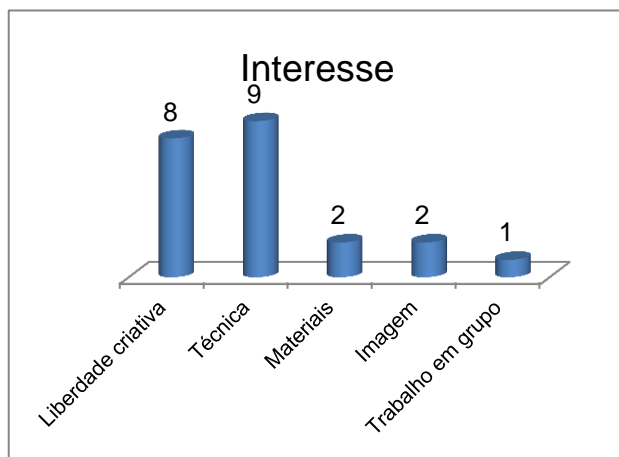


Figura 77. Resultados obtidos quanto ao interesse, Proposta 4

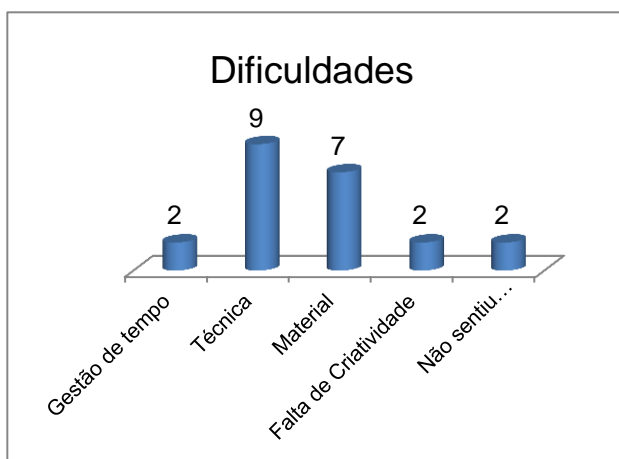


Figura 78. Resultados obtidos quanto às dificuldades, Proposta 4

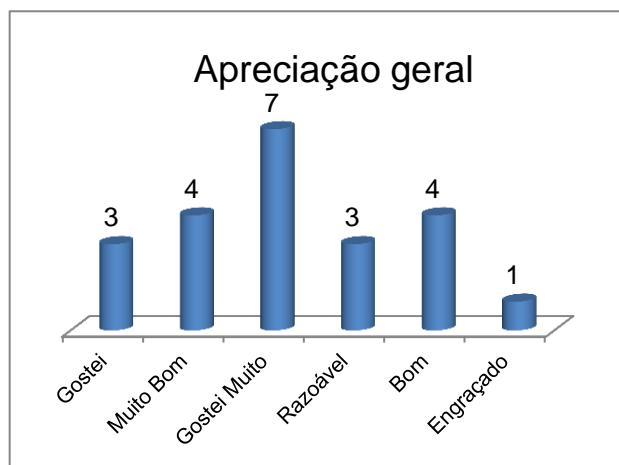


Figura 79. Resultados quanto à apreciação global, Proposta 4

II.4.5. Avaliação dos conteúdos programáticos

A avaliação dos trabalhos foi discutida em conjunto com a professora cooperante, tendo em conta a opinião de cada aluno e com base nos critérios estabelecidos.

Assim, no final de cada UT, foi efetuada a avaliação sumativa, tendo em conta a avaliação formativa realizada nas diferentes fases do trabalho, que incluiu a observação direta, aquisição de conceitos, empenho, organização, rigor, assiduidade, autonomia, etc. A avaliação sumativa para todas as propostas de trabalho seguiu os seguintes critérios: Expressividade, Técnica, Criatividade, Interpretação, Apresentação. Todas as avaliações foram devidamente registadas em Grelhas de Observação e Avaliação (Apêndices XV, XVI, XVII, XVIII e XXI), adequadas a cada situação, incluindo uma ficha de controlo da data de entrega dos trabalhos (Apêndice XX).

Na Figura 80 (Fonte: própria), tem-se a oportunidade de analisar os valores obtidos em cada proposta de trabalho (Apêndice XIX). Verifica-se que os alunos atingiram as competências necessárias, que se centram na criação de valores estéticos pessoais, sentido crítico, desenvolvimento da criatividade, aplicação de técnicas variadas, entre outras. Por fim, os alunos mostraram bom desempenho, originalidade e bastante envolvimento nos projetos finais, adquirindo habilidade artística.

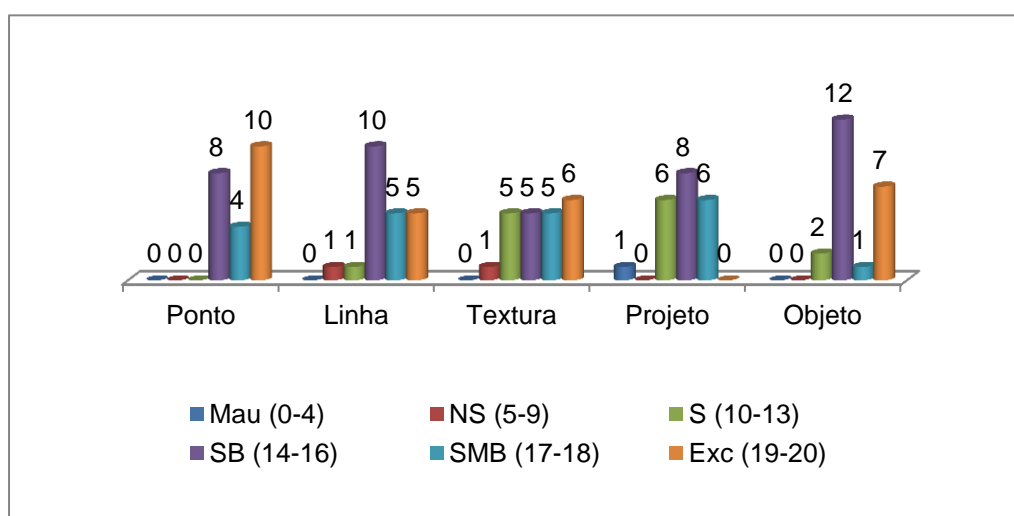


Figura 80. Resultados obtidos em todas as Unidades de Trabalho

II.5. Atividades extracurriculares

De acordo com as atividades que constam no PAA da escola, os alunos do 12º ano do curso das AV participaram e organizaram as seguintes atividades:

Visita a Lisboa:

Mude, CCB, Gulbenkian e Centro de Arte Moderna

Nos dias 20 e 21 de novembro de 2014 os alunos de artes (10º, 11º e 12º ano) deslocaram-se a Lisboa com o objetivo de conhecer quatro espaços de referência da cultura nacional. No primeiro dia, tiveram oportunidade de visitar no Mude a exposição “Por detrás das sombras”, coleção de André Ópticas; e a coleção de peças de *design* que fazem parte do espólio do museu, com cerca de 2500 obras. Os alunos revelaram grande interesse pelas peças de *design*. Depois seguiram para o CCB – Centro Cultural de Belém, onde tiveram oportunidade apreciar obras de arte contemporânea, consideradas da máxima importância e de extrema qualidade.

No dia seguinte, visitou-se o Museu da Gulbenkian. Os alunos ouviram com interesse as explicações do guia, referentes a Calouste Gulbenkian e do seu interesse pela coleção de arte. Aos alunos foi-lhes incutido o pensamento crítico e criativo na observação/interpretação das obras. Tiveram ainda oportunidade de verem a exposição temporária de “Edgar Degas e a literatura”. Por fim, deslocaram-se ao Centro de Arte Moderna, a fim de verem as obras de Paula Rego, João Machado, António Dacosta, entre outros.

Exposição “Um Suspiro de Arte” no Serra Shopping, Covilhã

De 9 a 19 e 3 janeiro, como é hábito, realizou-se a exposição “Um Suspiro de Arte”, com trabalhos dos alunos do curso das artes. Os trabalhos foram realizados nas disciplinas de OFA e Desenho, sob o mote do Ponto e da Linha, do Autorretrato, da Figura Humana e da Natureza Morta. Em conjunto, alunos e professores, ajudaram na montagem da exposição, naquela que foi a quinta exposição realizada neste espaço. É em iniciativas

como esta que a ESCM tenta promover e dar visibilidade ao trabalho destes jovens artistas. A população da Covilhã, mais uma vez, teve a oportunidade de apreciar o que se faz de melhor na escola. Por sua vez, os alunos sentem-se orgulhosos e satisfeitos de verem os seus trabalhos expostos e serem reconhecidos pelo seu esforço e empenho.

O cartaz elaborado para a divulgação da exposição, foi da autoria das Professoras Ana Fidalgo e Lúcia Craveiro (Figura 81).

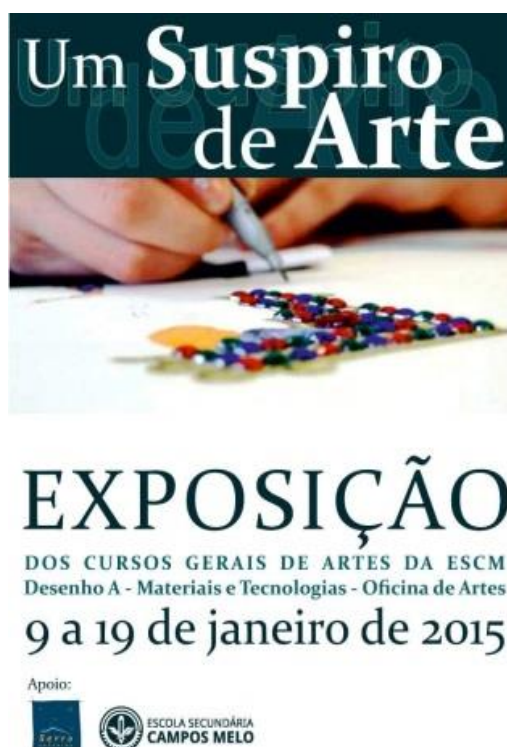


Figura 81. Cartaz de divulgação "Um Suspiro de Arte"

Organização e dinamização de eventos culturais –XIX Colóquio Juvenil de Arte sob o tema " Os Fios que Tecem a Arte"

Durante 3 dias os alunos de artes do 12º ano organizaram e orientaram o XIX Colóquio Juvenil de Arte em parceria com a UBI (Figura 82). O propósito destes colóquios é dar a conhecer novas formas estéticas atribuídas à arte e valorizar a importância de preservar a herança cultural.

“Os Fios que Tecem a Arte” foi o tema de arranque para o colóquio. No programa esteve prevista a realização de visitas de interesse cultural e

artístico na região da Covilhã, onde participaram alunos oriundos de várias escolas do país, alunos e professores da UBI.



Figura 82. Colóquio organizado pelos alunos do 12.º ano de artes (Fonte: Professores do grupo 600)

Exposição na Tinturaria

Mais uma vez, os alunos de fim de curso mostraram-se através da exposição que decorreu entre 5 de maio e 31 de maio, na Tinturaria – Galeria de Exposições, onde todos os alunos participaram com entusiasmo.

Na inauguração da exposição esteve presente a Diretora da escola, os professores, os alunos, o representante da Cultura da Câmara Municipal da Covilhã, entre outros.

A exposição intitulada de “Um Suspiro de Arte” (Figura 83) acolheu os trabalhos elaborados no decorrer do ano letivo 2014/2015 nas disciplinas de

Oficina de Artes, Materiais e Tecnologia e Desenho. Através das obras, pudemos analisar os materiais e as várias técnicas de expressão plástica utilizadas e aprofundadas no âmbito dos conteúdos programáticos lecionados: texturas, tridimensionalidade e retrato.

A visita à exposição transportou os visitantes numa viagem pelo mundo da arte expressiva. Através da explosão de ideias e espírito artístico, os estudantes apresentaram os seus trabalhos, fruto de uma determinação forte, procurando inovar o discurso pictórico e a sua estética. É através destas obras que nos deixamos envolver pela inspiração e o sonho!



Figura 83. Cartaz de divulgação da Exposição
(Fonte: CMC)

Artigos no Jornal da Escola

Ao longo do ano letivo, o núcleo de estágio escreveu vários artigos para o jornal “Fio Condutor” da ESCM. O jornal tem uma publicação trimestral e nele figuram as várias atividades realizadas pelos alunos.

Na publicação que saiu a 8 de janeiro de 2015, a professora estagiária deu o seu contributo com uma nota referente ao trabalho desenvolvido com os alunos do 12.º ano do curso de Artes Visuais, no âmbito do seu estágio de Mestrado em Ensino de Artes Visuais, cujo título é o mesmo do relatório de estágio, “Do Desenho ao *Design*” (Figura 84).



Figura 84. Artigo escrito pela Professora Lúcia Craveiro

Conclusões

Tomando como ponto de partida a experiência muito enriquecedora do mestrado, o maior desafio foi o estágio. Este serviu de certo modo para entender determinadas realidades, tarefa impossível sem o contacto direto com a escola, os docentes e os alunos. Assim, ao longo do estágio, fui fortalecendo e dominando os conteúdos e as competências enquanto professora. Foi determinante a criação de estratégias de aprendizagem, no sentido de superar as dificuldades dos alunos.

A educação artística é por excelência a área que mais explora a criatividade dos alunos, por isso, deveria ser mais valorizada no ensino, na medida em que é nas disciplinas das artes, nomeadamente na OFA, que os alunos têm a oportunidade de manifestar as suas inquietações, sentimentos criatividade enquanto artistas.

Foi neste sentido que demos prioridade ao desenvolvimento das atividades práticas, mas fundamentadas na visualização e interpretação de obras de arte. Deste modo, os alunos foram encorajados a interagir com as obras e a examiná-las sob a perspetiva artística, formal e estética, levando-os a desenvolver a literacia visual, indo ao encontro da ideia de uma Escola que:

“ (...) pretende formar o conhecedor, fruidor e descodificador da obra de arte” (Barbosa, 1991, p. 32).

No final, acredito que os alunos passaram a construir, interpretar e explicar as imagens, e também ficaram mais sensíveis às questões artísticas.

Para além destes conhecimentos, a professora estagiária proporcionou aos alunos um método de trabalho, que tem utilização não só na área artística como também noutras áreas científicas – a Metodologia Projetual. Este processo pelo qual foram desenvolvidas e realizadas as atividades propostas nem sempre foi cumprido de forma criteriosa. Quanto aos alunos, foram percebendo e delineando as suas próprias conceções na resolução de cada etapa. No entanto, há que referir que a evolução foi mais

notória nuns alunos que noutros mas, a nível geral, alcançou-se um bom resultado.

No estágio pedagógico aprendi a elaborar as ferramentas necessárias à docência, tais como: planificações, planos de aula, critérios de avaliação, fichas de trabalho, entre outros, que deram sentido a todo o trabalho exposto neste relatório.

Reflexão sobre o estágio realizado

O projeto de estágio, visível neste documento, resultou numa aprendizagem positiva para a professora estagiária e certamente também para os alunos. A professora cooperante partilhou a sua experiência no acompanhamento atento da minha prestação enquanto estagiária, debatendo sempre todas as questões, dando indicações e sugestões, a fim de me enquadrar melhor no contexto educativo da ESCM. Relativamente aos alunos da turma 12.º D, no início manifestaram alguma inquietação, devida à metodologia apresentada mas, aos poucos, foram aceitando e percebendo o quanto é essencial a metodologia por etapas na execução de um projeto. No final, os alunos revelaram grande capacidade criativa, em todas as propostas apresentadas.

Durante o estágio, também percebi que os alunos não possuem grandes conhecimentos em literacia visual, pelo que tentei, sempre que possível, explorar esta parte através da visualização e análise de obras de arte, chamando sempre a atenção para a intervenção dos mesmos. Constatei ainda que muitos destes alunos não frequentaram a disciplina de História e Cultura das Artes (por ser uma cadeira de opção), compreendendo-se assim o défice em literacia visual.

Durante todo o estágio, desde o 1º período até meados do 3º período, beneficiei da oportunidade de ter implementado e acompanhado um projeto que fosse de encontro ao interesse dos alunos mas seguindo as diretrizes programadas e delineadas pela ESCM como, por exemplo, as duas exposições previstas no PAA.

A apreciação global dos alunos em relação ao seu trabalho levou a que tirasse conclusões acerca dos seus interesses e das dificuldades que

mais sentiram, e esse conhecimento permitiu planejar estratégias para as minimizar. Para melhor compreender o resultado obtido na aquisição de conhecimentos e metodologia aplicada, foi elaborado um Inquérito aos alunos (Apêndice XXII) para analisar a percepção que os alunos tiveram acerca das aulas de OFA neste ano letivo.

Os resultados deste inquérito revelaram que todos os alunos são de opinião de que não tiveram dificuldades na compreensão dos conteúdos e de que gostaram de desenvolver as propostas de trabalho. Revelam ainda que a maior preocupação dos alunos foi cumprir as datas de entrega, sabendo-se que 36% dos alunos não o conseguiram fazer. No que respeita às competências adquiridas no domínio pessoal, considerando a escala de 1 (muito baixa) a 3 (muito alta), constata-se que seis alunos assinalaram como muito baixa, a aquisição de competências nos seguintes domínios:

- Desenvolver a criatividade;
- Reconhecer materiais e suportes e instrumentos;
- Aquisição e reconhecimento de conhecimentos em literacia visual;
- Organizar e planejar tarefas ou trabalhos, com uma eficiente gestão do tempo;
- Ser autónomo e reflexivo na realização de tarefas, na resolução de problemas e tomada de decisões;
- Dominar as diferentes fases metodológicas de desenvolvimento de um projeto, nas diversas áreas em estudo.

Nos restantes domínios de competências, os alunos situaram-se maioritariamente na escala intermédia, sendo que, cinco alunos consideram terem conseguido atingir o domínio total nos itens apresentados.

Para finalizar, foi perguntado aos alunos sobre o que pensam da disciplina. Os resultados apontam para uma opinião maioritária de que se trata de uma disciplina muito interessante, na medida que os ajudou: a organizar as ideias; a conhecer e desenvolver novas técnicas e materiais; a desenvolver o incentivo à pesquisa; na aquisição de um método de trabalho. Todos os alunos concordaram que em OFA foi possível exercer a liberdade criativa.

A maior dificuldade que senti foi no ato de avaliar. Havendo tantos modelos de avaliação, com as vantagens/inconvenientes que lhes são inerentes, foi imprescindível ajustar a avaliação a cada caso concreto. Muito importante foi também objetivar e diversificar as diferentes formas de avaliação, recorrendo sistematicamente a registos do desempenho dos alunos. Com a ajuda da professora cooperante, foram estabelecidos critérios bem definidos, de modo a abarcar todo o processo produtivo, e não só avaliar o resultado final.

Relativamente à minha prestação ao longo do ano, ela foi melhorando ao nível da fluência e clareza na exposição dos conceitos. No acompanhamento dos trabalhos, movimenteimei-me adequadamente na sala de aula para melhor visualizar e registar as dificuldades dos alunos, intervindo sempre que necessário. Não foi difícil, até porque já tenho alguma experiência na carreira como docente.

Sinto ter conseguido atingir os objetivos, dentro das possibilidades que a realidade prática me proporcionou, na gestão de uma sala de aula, com uma postura adequada e próxima dos alunos. De qualquer forma, a autora deste relatório está consciente de que depositou nesta investigação o seu esforço, entusiasmo e empenho.

Considerações finais

Como balanço final, há ainda algumas considerações que é pertinente mencionar. Partilho da mesma opinião dos autores referenciados neste relatório, de que introduzir componentes teóricos (conceitos sobre arte, análise de obras artísticas, contacto direto com as obras), nas disciplinas práticas, não só ao nível do secundário mas também no ensino básico, contribui para o aumento em literacia visual, tornando os nossos alunos mais cientes e capazes de construir a sua própria opinião, de saber criticar.

Desta forma, o ensino baseado na teoria e prática é vantajoso e estimulante tanto para o professor como para o aluno. Ao professor cabe o papel de desenvolver estratégias e proporcionar meios adequados (materiais, bibliografia) e incentivar os alunos à pesquisa. Ao aluno compete investigar e perceber conceitos e conteúdos teóricos, a fim de realizar da

melhor forma as atividades práticas. Assim, os alunos aprendem de uma forma natural.

Na perspectiva de que o ensino artístico possa ser reestruturado, é importante e necessário que os docentes alterem o seu paradigma de ensino. Para isso, devem incluir nas suas aulas não só o ensino/aprendizagem de técnicas e manipulação de materiais como também a contextualização, de forma a fomentar o gosto pelas artes.

Referências bibliográficas

Adams, E. (2011). Desenhar desenvolve as capacidades cognitivas. *Diário do Minho*. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP. [consult. 20 jan. 2015]. Disponível em <http://www.eacfacfil.net/?p=1644>

Alencar, E. (2003). *Contribuições Teóricas Recentes ao Estudo da Criatividade*. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Jan- Abr.- 2003, Vol. 19 n.º 1, pp. 001-008. [consult. 10 dez. 2014]. Acedido em <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v19n1/a02v19n1.pdf>

Alencar, E. (2010). *Medidas de criatividade: Teoria e prática*. Porto Alegre: Artmed. ISBN 978-85-363-2336-7

Anónimo. (2015). *Universidade de Lisboa*. Despacho 7268/2014 - Instituto de Educação. [consult. 30 mar. 2015]. Acedido em www.ie.ulisboa.pt/pls/portal/docs/1/467002.PDF

Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.

Barbosa, A. M. (1991). *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspetiva.

Barret, M. (1979). *Educação em Arte*. Lisboa: Editorial Presença, Lda.

Bonsiepe, G. (1992). *Teoria e Prática do Design Industrial*. Centro Português de Design.

Eduards, B. (1984). *Desenhando com o Lado Direito do Cérebro*. Editora Tecnoprint S.A.

Escola Secundária Campos Melo – Covilhã. [consult. 10 set. 2014]. Acedido em www.camposmelo.pt/

- Fazenda, I. (2008). *O que é interdisciplinaridade?* São Paulo: Cortez.
- Fernandes, D. (2008). *Avaliação das aprendizagens: Uma agenda, muitos desafios*. Lisboa: Texto Editora.
- Freitas, M. (2003). *Psicologia da Criatividade*. Estudo sobre o desenvolvimento da expressão criadora da criança. 7ª Edição. Centro de estudos e investigação. Departamento de Psicologia.
- Ghiselin, B. (1956). *The creative process*. Berkeley: University of California Press.
- Gonçalves, L, Alírio, E. (2005). *Programa de Oficina das Artes*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Hallawell, P. (1994). *À mão livre: a linguagem e as técnicas do desenho*. São Paulo: Melhoramentos. Parte II, Cap. 10, pp. 51 à 56. [consult. 10 dez. 2014]. Acedido em <https://books.google.pt/books?isbn=8506049784>
- Leal, R. (2005). *Planejamento de ensino: peculiaridades significativas*. Revista Iberoamericana de Educación. N.º37/3, 2005. P.1-6. [consult. 6 mai. 2014]. Acedido em <http://www.rieoei.org/deloslectores/1106Barros.pdf>
- Massironi, M. (1982). *Ver pelo desenho*. Lisboa: Edições 70.
- Molina, J. (2003). *Las lecciones del dibujo*. 3ª Edição. Cátedra.
- Munari, B. (1979). *Artista e Designer*. Lisboa: Editorial Presença, Lda.
- Munari, B. (1981). *Das coisas nascem coisas*. Lisboa: Edições 70.

Oliveira, M., Freitag, V. (2007). *Arte contemporânea na escola: experiências com professores em formação inicial*. Revista Digital Art& - ISSN 1806-2962 - Ano V - Número 08 - Outubro de 2007. [consult. 10 dez. 2014]. Acedido em http://www.revista.art.br/site-numero-08/trabalhos/16.htm#_ftnref1

Oliveira, S. C. (2002). *Criatividade, inovação e controle nas organizações de trabalho*. 2.^a Edição. Rio de Janeiro

Pereira, M. A. (1996). *Criatividade: um conceito irredutível à investigação Psicológica?* Revista Portuguesa de Pedagogia. Volume XXX, 2, 245-261.

Pinela, A. B. (2010). *Organização e desenvolvimento Curricular*. Lisboa: Edição do Autor.

Portugal, (1986). *Lei nº 46/86 de 14 de outubro: Lei de Bases do Sistema Educativo*. Diário da República, 1^a série nº 237. Em linha. [consult. 16 jun. 2015]. Acedido em URL <http://www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/2A5E978A-0D63-4D4E-9812-46C28BA831BB/1126/L4686.pdf>

Portugal, Ministério da Educação. (2001). *Avaliação e Desempenho*. Departamento do Ensino Secundário. Lisboa.

Ramos, Queiroz, Barros, Reis. (2001). *Desenho A*. Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais. Ministério da Educação e Ciência.

Read, H. (2010). *Educação pela Arte*. Edições 70.

Ribeiro, A. (1992). *Desenvolvimento Curricular*. Lisboa: Texto Editora.

Roldão, M. C. (2009). *Estratégias de Ensino: o saber agir do professor*. VNG: FML, Cap. II, pp. 24-37, Cap. IV, pp. 55-73.

Roque, H. (2012). *A autorrepresentação: espaço de motivação e criatividade*. Tese de Mestrado em Ensino de Artes Visuais. Universidade de

Lisboa – Faculdade de Belas Artes de Lisboa. [consult. 10 dez. 2014].
Acedido em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/8366>.

Siqueira, J. (2015). *Criatividade Aplicada*. Ferramentas de criatividade.
[consult. 30 mar. 2015]. Acedido em
<http://criatividadeaplicada.com/2007/07/23/ferramentas-de-criatividade/>

Siqueira, J. (2015). *Criatividade Aplicada*. Habilidades e técnicas essenciais para a criatividade, inovação e solução de problemas. Rio de Janeiro. ISBN 978-85-915179-0-9. [consult. 20 mar. 2015]. Acedido em
<http://criatividadeaplicada.com/2007/07/04/10-atitudes-das-pessoas-muito-criativas/> e em https://www.clubedeautores.com.br/book/180847--Criatividade_Aplicada#.VXI_8_IVikp

UNESCO. (1996). *Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI – Educação, um tesouro a descobrir*. Edições Asa. ISBN 85-249-0673.
[consult. 18 mai. 2015]. Acedido em
<http://ftp.infoeuropa.eurocid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf>

Vieira, R. M., Vieira, C. (2005) *Estratégias de Ensino /Aprendizagem*. Lisboa: Instituto Piaget.

Zabalza, M. A. (1992). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.

Anexos
Apêndices

